

Um Cristão Cem por Cento

Vida de São Gaspar Bertoni



**Fundador
da Congregação dos Sagrados Estigmas de N.S.J. Cristo**

Pe. Felisberto Campagner, CSS

Edição Eletrônica: Setembro de 2005

Dados do Autor



Pe. Felisberto Campagner nasceu em Jundiaí, SP, em 19 de maio de 1914. Entrou para o seminário Estigmatino com apenas 12 anos de idade. Foi ordenado sacerdote na Província Santa Cruz em 5 de dezembro de 1937.

Após sua ordenação, foi formador e professor, primeiro em Rio Claro, de 1938 a 1940, com os aspirantes, e a partir de 1941 com os professores em Ribeirão Preto.

Em 1947 foi para Campinas como Conselheiro Provincial. De 1951 a 1958 exerceu o ministério sacerdotal no Rio de Janeiro, na Paróquia Santa Cruz. De 1967 a 1990 foi formador do seminário em Casa Branca, e diretor de uma estação de rádio na mesma cidade. De 1991 a 1994 dedicou-se à causa de beatificação do Pe. Luiz Maria Fernandes, fundador do Instituto das Servas de Jesus Sacerdote.

Já octogenário, exerceu o ministério sacerdotal na paróquia de Itararé, SP, com invejável entusiasmo. Durante os últimos anos de sua vida, retirou-se na Chácara do Vovô, em Campinas, para tratamento de saúde.

Pe. Felisberto foi excelente no uso da palavra falada ou escrita. Especializou-se em Botânica, pelo prazer de descobrir e admirar as maravilhas que Deus infundiu na natureza. Foi perito em música, tanto teórica quanto prática. Tocava piano e órgão. As canções e hinos que compôs expressam seu caráter: espontaneidade, franqueza e precisão.

Faleceu em Campinas no dia 7 de setembro de 1999, aos 85 anos de idade.

Nota: foto tirada no dia 4/07/1999 (a dois meses de seu falecimento), na Capela da Chácara do Vovô, em Campinas, no evento que marcou o início da Família Bertoni (Leigos Estigmatinos) – tarde de oração e reflexão pelas missões que se realizariam em Ilhéus, BA, no mesmo mês.

Dados da Obra:

Edição Impressa:

NADA OBSTA
Sorocaba 01/11/81
† D. José Lambert, CSS
Bispo de Sorocaba

Pode-se imprimir
Campinas 04/11/81
Pe. José Luiz Nagalli, CSS
Superior Provincial

Obras Consultadas:

Constituições originais, do B. Gaspar Bertoni
Memorial Privado, do mesmo
Epistolário, do mesmo - Stofella
Il Ven. Gaspare Bertoni - Stofella
Vida do Ven. Servo de Deus Pe. Gaspar Bertoni - Fiorio
Lo Spirito dei B. Gaspare Bertoni - Fiorio
Vita e Pensiero dei B. Gaspare Bertoni - Nello Dalle Vedove
La Giovinezza dei B. Gaspare Bertoni - Nello Dalle Vedove
Un Modello di Santo Abandono - Nello Dalle Vedove
Beato Gaspare Bertoni - Nello Dalle Vedove
Il volto e L'Anima dei Ven. Gaspare Bertoni - Ceresatto.

Editoração Eletrônica:

Pe. Ézio Fernando Juncioni, CSS

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE		5
As raízes da personalidade de Pe. Gaspar Bertoni		
I	Do berço ao seminário	5
II	Do seminário ao sacerdócio	10
SEGUNDA PARTE		14
As grandes obras de Pe. Gaspar Bertoni		
I	Condicionamento histórico	14
II	Oratórios Marianos	16
III	Escola	22
IV	O serviço de Pe. Gaspar ao clero de Verona	26
V	A pregação da Palavra de Deus	32
VI	Congregação de Evangelizadores	36
VII	Amplitude e espírito da Evangelização	43
VIII	O bom conselheiro	46
IX	Conselheiro íntimo	51
TERCEIRA PARTE		58
As virtudes do Bem-Aventurado de Pe. Gaspar Bertoni		
I	Introdução	58
II	Condicionamento e sinais da virtude	58
III	As virtudes de Pe. Gaspar	65
IV	Conclusão	86
QUARTA PARTE		87
Enfermidade - Morte - Glorificação		
I	Enfermidade e morte	87
II	Glorificação	93
QUINTA PARTE		96
	Apêndice 1: Datas marcantes na vida de Pe. Gaspar Bertoni	96
	Apêndice 2: A Congregação na vida de Pe. Gaspar Bertoni	96

Em nome do Pai

e do Filho

e do Espírito Santo

PRIMEIRA PARTE

AS RAIZES DA PERSONALIDADE DE PE. GASPAS BERTONI

Capítulo I - DO BERÇO AO SEMINÁRIO

1- Data e local do nascimento. O lar.

Nove de outubro de 1777, aí pelas quatro horas da tarde, nasceu o bebê, em Verona, cidade do Norte da Itália. Único brotinho no meio de oito pessoas maduras e, mesmo, idosas: a avó paterna, dois tios-avôs, um tio, duas tias, o papai e a mamãe.

O pai chamava-se Francisco Luís Bertoni. A mãe, Brunora Ravelli. Gaspar foi o nome do nenê.

Pai e mãe eram pessoas muito dignas pela prática da religião. Descendente de antiga nobreza, o pai chegou a ser tabelião, mas preferiu dedicar-se à lavoura. Infelizmente, não tinha boas qualidades de administrador. Por isso, em diversas ocasiões teve que entregar a administração dos bens a parentes próximos, a fim de evitar a falência. Por outro lado, era de caráter áspero e exigente. Como todo o mundo, portanto, possuía boas qualidades, mas igualmente carregava a cruz dos seus defeitos.

A mãe também era descendente de família importante. Era dotada de uma invejável prudência, além de uma piedade a toda a prova. Deu à luz Gaspar como primogênito, mas teve uma filhinha alguns anos mais tarde, a qual lhe morreu aos três anos de idade, vítima da varíola. Ficou, portanto, apenas com o filhinho Gaspar.

Os contínuos reveses administrativos e a dureza de caráter do marido transtornaram completamente, com o correr do tempo, o bom relacionamento entre marido e mulher. Chegaram ao ponto de, amigavelmente, se afastarem um do outro, quanto à convivência, porém sem tentar desfazer o matrimônio.

Já bem antes deste doloroso acontecimento, o papel da educação de Gasparzinho foi praticamente, todo ele, desempenhado pela mãe. Enquanto ela desenvolvia no filho as boas qualidades humanas e as virtudes cristãs, outros dissabores assaltaram o lar. No período de sete anos, a mãe e o filhinho amargaram a morte de parentes bem chegados, cinco ao todo. Nunca, todavia, dominou o desânimo, ou a revolta, naqueles corações bem formados. Predominava o desejo de acatar a vontade de Deus.

2 - Como era Gaspar?

Compleição elegante, brilhava a inteligência nos olhos vivos; gentileza e meiguice emanavam dos lábios, frisados por leve e habitual sorriso. Natureza quente, ardorosa.

Gostava das coisas harmoniosas e simples. Possuía memória extraordinária: tudo o que ouvisse ou lesse jamais esquecia. Tinha a personalidade de um líder. Todos os colegas apreciavam a sua presença, gostavam de sua companhia. Ele sabia manter aceso o ambiente de alegria no meio da turma. Oportunamente, divertia os outros imitando a voz e o jeito das pessoas, sempre com graça e respeito, de tal

maneira que as mesmas pessoas atingidas pela brincadeira não a podiam levar a mal. Todos riam, sem exceção. Brincar? Passear? Claro que sim! Ele brincava e passeava. Tinha uma espingardinha, com a qual se divertia como qualquer garoto. Nas horas de folga, gostava de excursionar pelas campinas das vizinhanças. Isto vem provar que, mesmo dedicando-se, como de fato se dedicou desde a infância, à prática da virtude, nem por isso levou uma vida tristonha e melancólica. Na verdade, a virtude é fonte da mais pura e da mais refinada alegria.

Uma expressiva característica de sua personalidade, desde pequenino, foi a paixão pela música. Gostava de ir à igreja, primeiro par causa do Cristo, mas em segundo lugar também par causa do órgão, cujos sons o empolgavam. Criança ainda, já tocava piano, e tocava bem. Dedicou-se a treinar outros instrumentos musicais. Assim aprendeu com perfeição a cítara, o violino e outros instrumentos de corda. Não contente, estudou flauta, oboé, trompa. Chegou a ser um bom diretor de orquestra. Além disso, era dotado de voz agradável, bonita. De modo que cantava e tocava, tocava e cantava, com satisfação.

3 - Na escola.

Aos seis anos de idade, iniciou o curso primário. freqüentou as aulas de uma professora particular, junto com outros alunos. Desde o princípio, a professora notou nele algo diferente, mais atenção, mais disciplina, mais inteligência e aproveitamento do que nos outros colegas.

Tanta foi sua capacidade de aprendizagem, que aos oito anos tinha completado o curso. Estava pronto para matricular-se no ginásio. Foi isto exatamente o que fez, depois de pedir insistentemente a autorização do pai. Inscreveu-se na bem organizada escola de São Sebastião, sempre em Verona. Encontrou como professor o Pe. Luís Fortis, com o qual estreitou relações de amizade e do qual recebeu com proveito muita orientação religiosa e espiritual.

Sua aplicação aos estudos ganhou, no ginásio, novo impulso. Dedicava-se a aprender todas as matérias do curso com tanto entusiasmo e seriedade, que era apresentado como modelo aos colegas.

Prestava conta das lições com perfeição, mas sem orgulho. Era, na verdade, obediente e respeitoso para com os professores, despretensioso entre os companheiros. Estudava não tanto para alcançar o diploma a qualquer custo, mas sim para aprender realmente. Uma prova deste seu propósito idealista? A fim de preparar-se mais vantajosamente para os cursos superiores, resolveu, de sua própria e espontânea decisão, repetir duas séries, como se fosse um simples aluno retido por incapacidade ou por insuficiente freqüência. Queria com afinco de fato aprender mais e mais; nada lhe importava se com aquela repetição fosse julgado aluno incompetente, por pessoas menos avisadas.

Quando completou dezesseis anos de idade, já estava pronto para os cursos superiores. De corpo e alma entregou-se então aos estudos filosóficos. Não só durante o ano letivo, mas também durante as férias, enfronhava-se na Filosofia em meio à solidão das margens do Rio Ádige, que atravessa a cidade de Verona. Estudava com amor. Se durante as aulas prestava toda a atenção, fora das mesmas buscava explicações mais claras e minuciosas com os professores ou nas bibliotecas públicas. Tinha de fato uma sede ardente de aprender.

4 - Espiritualidade.

A vida espiritual de um cristão começa realmente no Batismo. Neste sacramento, a gente passa a ser filho de Deus e moradia do Espírito Santo. Portanto, se quisermos tratar da espiritualidade de Gaspar, vamos apontar-lhe exatamente o começo: no dia 10 de outubro de 1777, isto é, no dia seguinte ao do nascimento, o tio paterno Padre Giacomo Bertoni o batizou. Foi este momento o ponto de partida para, mais tarde, um desenvolvimento consciente, responsável, da vida espiritual de Gaspar, evidentemente com o auxílio, sempre necessário, da graça de Deus.

Mamãe Brunora assumiu imediatamente o delicadíssimo encargo de educar o filhinho como deve ser educado um nobre filho de Deus. Assim cresciam nele, com o corpo e com a idade, as virtudes cristãs.

Intensa era a sua alegria quando notava Gaspar olhando fixamente para ela, com uma curiosidade impar, nas horas em que lhe ensinava alguma oração ou contava algum episódio da vida dos santos, ou nele incutia em linguagem fácil os mandamentos da lei de Deus. A dedicação materna foi sem dúvida muito proveitosa, porquanto, de sua parte, bem cedo Gaspar se mostrou inclinado à vida de oração; gostava de armar em casa pequenos altares, à maneira dos que via na igreja, enfeitá-los com flores e imitar a seu modo as cerimônias litúrgicas.

Quanto mais evoluía o ser humano, tanto mais se desenvolvia nele também a vida cristã. Já nestas alturas, a mãe dava largas ao seu prazer e comentava entre adultos: "Felizes as mães, se todos os filhos tivessem a milésima parte da obediência do meu Gasparzinho!" Brilhavam então nos olhos lágrimas de feliz comoção.

Teria Gaspar esfriado seu ardor espiritual quando, enfronzado nos estudos, elogiado como o primeiro da classe, benquisto por todos, encontrava ocasião de se inflamar pelo orgulho, a ambição, a exibição de si mesmo e de suas qualidades? Absolutamente não. Sem dúvida, progredia nos conhecimentos humanos a largos passos, de dia para dia aumentava o relacionamento amistoso com os colegas e professores, mas a vida espiritual, essa tinha sempre o predomínio, essa jamais retrocedia, nem diminuía; antes, continuava o ritmo de notável crescimento.

Antes de se pôr a estudar ou de se entregar às suas principais obrigações, pronunciava sempre uma pequena prece. No fim, não se esquecia de rezar mais um pouquinho. Além disso, com freqüência dedicava-se a piedosas meditações e a leituras sobre vida espiritual. Até que chegou o dia, tão suspirado para ele, de sua primeira comunhão. Foi a 25 ou 26 de abril de 1789, com onze anos de idade, que se encontrou pela primeira vez, pessoal e intimamente, com Jesus na Eucaristia. O acontecimento marcou-lhe na alma uma lembrança que nunca mais se apagou na vida inteira. As alegrias que me inundaram o coração ao receber Jesus naquele dia foram tão fortes, que ele guardou a data como uma das mais belas de sua existência. Quase vinte anos mais tarde, já sacerdote, acostumado a sentir as doçuras do amor de Deus e os encantos do contato com o Cristo, escreveu a respeito de uma de suas missas: "Senti intensos impulsos do coração, uma espécie de ímpeto da alma para atingir a Deus". Este movimento do seu espírito levou-o à beira do êxtase. Depois, ele afirma que derramou lágrimas muito suaves; que a sua fé, confiança, humildade e respeito amoroso, para com Deus, cresceram sensivelmente. Por fim, à hora da comunhão foi apanhado por devoção e sentimento iguais aos que "PERCEBI - afirma

ele - NA MINHA PRIMEIRA COMUNHÃO, quando criança; DEVOÇÃO E SENTIMENTO QUE NÃO ME RECORDO DE HAVER EXPERIMENTADO EM OUTRAS OCASIÕES DEPOIS DESSA". Isto quer dizer, em outras palavras, que na primeira comunhão, Gaspar tinha recebido, junto com Jesus, o dom de senti-lo tão vivo e presente que só muitos anos depois, pertinho do êxtase, o sentiu assim. Jesus na verdade estava dando ao rapaz aqueles toques da graça que o transformariam progressivamente. Preparava-o com intensidade para as obras designadas para mais tarde, dentro dos planos divinos.

A partir da primeira comunhão, Gaspar recebia Jesus freqüentemente.

Abaixo de Jesus, cultivava uma devoção muito grande a Maria Santíssima. No dia da primeira comunhão, ou no dia seguinte, foi admitido na Congregação Mariana, organização religiosa que punha a juventude sob o patrocínio da Virgem Santíssima e que tanto benefício promoveu na família, na sociedade e na Igreja, através da boa formação religiosa dos jovens. Gaspar honrava Nossa Senhora, de maneira especial nas festas que a Igreja dedica em sua honra; não se esquecia de venerá-la filialmente no mês de maio, por tradição o mês de Maria SS. Por fim, todos os dias rezava alguma oração à Santa Mãe de Deus.

Dois anos e alguns meses após a sua primeira comunhão, teve reafirmado e reforçado o seu batismo pelo sacramento da Crisma, que recebeu a seis de setembro de 1791. Não é preciso dizer que este fato lhe trouxe mais ardor e coragem nas duras lutas do cristão, a sustentar, pura e viva, a graça de filho de Deus no batismo recebida.

Mas será mesmo que um garoto de seus quatorze anos era capaz de viver a vida batismal, crismal e eucarística da maneira perfeita que afirmamos a respeito de Gaspar? É claro que as forças humanas são muito limitadas para tanto. Contudo, a graça de Deus realiza tudo isso e muito mais. A virtude cristã de Gaspar adolescente pode-se medir pelo seu espírito de penitência e mortificação. Andava pelas ruas da cidade mantendo sempre a modéstia dos olhares, mortificando assim a curiosidade, desviando-a de atrativos menos dignos. O povo de Verona já o conhecia por esse aspeto. Tanto é verdade que, quando ele transitava a caminho da escola, ou da igreja, muita gente chegava à porta ou janela para ver "o santo" passar. Sabia mortificar-se também à hora das refeições. Nem sonhava em comer demais. Não tomava doces nem frutas, a fim de mais ainda se sacrificar. Dinheiro que a mãe lhe desse para gastar à vontade em pequeninos caprichos ou guloseimas, ele o entregava aos pobres. E o sono? Dormia, sim, mas ainda aí, na cama, descobria jeito para se macerar. Pediu à criada que não lhe arrumasse a cama. A criada atendeu-lhe o pedido. Todavia, uma ocasião, em que não havia ninguém em casa, quis tirar a limpo o assunto. Por que razão Gaspar não lhe permitia arrumasse a cama? Entrou no quarto dele, ergueu o cobertor e os lençóis e... sabem o que descobriu? Sobre o colchão havia pedrinhas e cacos, ali colocados por ele para fazer penitência até durante o repouso noturno. Sobre os cacos e as pedrinhas ele se deitava

Um outro episódio comprova como o garoto Gaspar já estava bem adiante na espiritualidade e no desapego das coisas deste mundo. Papai Francisco e mamãe Brunora haviam encomendado na alfaiataria um terno para ele, mas um terno chique, dentro das linhas da moda. Do seu lado, Gaspar não foi nessa conversa. Sem que os pais soubessem, pediu ao alfaiate que confeccionasse o terno nos moldes de moda

mais antiga. O alfaiate concordou. Pronto o terno, o rapaz o vestiu e os pais, admirados de que a roupa não estivesse conforme a encomenda, quiseram saber o que havia acontecido. Aí então Gaspar explicou tudo, acrescentando que sua intenção era desapegar-se ainda mais dos atrativos deste mundo e melhor entregar-se a Deus. Quando, daí por diante, saía trajado com aquele terno, sua virtude era alvo de admiração, por parte dos que o compreendiam, e objeto de caçoadas, por parte dos que nada sabiam de espiritualidade, desapego e mortificação. E Gaspar? Quais eram as suas reações? Ria-se a bom rir, feliz na sua vida com Deus.

A este ponto, convém lembrar que estamos falando de Gaspar adolescente, isto é, do garoto que, como todos os demais, entrava na chamada idade crítica, ou difícil. Teria ele sentido em si todos aqueles impulsos biológicos, sentimentais e intelectuais próprios de quem acorda para a vida ao entrar na puberdade? Por que não? Gaspar é um ser humano, feito de carne e osso, corpo e alma, como todos os seres humanos. Não obstante, se muitos adolescentes se desorientam nesta idade e se deixam levar pelos seus colegas a péssimos caminhos, ele com a sua virtude já bem desenvolvida, encontrou na graça divina e nas orientações da piedosa mãe, a luz para ver bem claro a senda a trilhar e a força para se manter corretamente nela, sem se deixar atrair pelas ilusões, pelo desejo de excessiva liberdade, pela vivência desabusada do sexo, pelo abandono das práticas religiosas. Atravessou a adolescência sem perder a inocência batismal, conforme testemunho de pessoas que o conheceram muito intimamente. Fugia de tudo o que, mesmo levemente, fosse desonesto: olhares, conversas, leituras.

Tão grande era seu horror a qualquer ofensa a Deus, que bastava alguém articular a palavra "pecado" para torná-lo pálido. Por isso, ninguém ousava pronunciar uma palavra sequer menos correta, ou realizar um gesto menos digno, diante dele, tamanho era o respeito que sua pureza e virtude impunham aos que dele se aproximavam.

Pode-se estranhar tanta santidade num simples garoto. Na verdade, houve na história da Igreja pessoas que se santificaram até ao heroísmo quando chegaram à idade madura. Gaspar encontra-se entre os que se puseram a caminhar com Cristo de maneira total desde a infância. Belíssimo trabalho da graça divinal.

5 - Apostolado precoce.

Tão bem prendado por dotes de inteligência, de sensibilidade, gosto artístico, habilidade musical, elegância e comunicabilidade, alegria e prática religiosa, o jovem Gaspar compreendeu que de tudo isso deveria servir-se não para se exaltar a si mesmo no orgulho e vaidade, mas sim para prestar benefícios aos outros. E foi o que fez. Como todos os colegas o estimavam, ele os induzia aos folguedos, por meio dos quais os levava a Jesus. Com eles visitava as igrejas, tomava parte nas práticas de piedade, ouvia os sermões; com eles, ia confessar-se e comungar; com eles visitava os doentes nos hospitais e a domicílio; lia para eles bons livros; encaminhava-os a inscrever-se nas associações religiosas. Aliás, o apostolado entre os colegas era um importante item do programa das congregações Marianas a que pertencia Gaspar. Os companheiros não se cansavam de sua atuação. Antes, pelo contrário, com ele tomavam parte nas diversões como igualmente na vida religiosa. Desde que estivesse entre eles, tudo ia bem: gargalhadas, música, passeios, orações, sacramentos.

6 - Vocação.

Qual seria o rumo de vida que Gaspar iria escolher? Em sua parentela havia tabeliães, advogados, agricultores, sacerdotes. Seria boa para ele uma destas profissões, ou havia descartado a todas, lançando os olhares para outra opção?

Tinha 17 anos de idade. Seu diretor espiritual, o Pe. Fortis, havia partido de Verona, exatamente numa época em que o estudante de Filosofia precisava de sua ajuda para decidir do futuro. Tudo parecia levar o jovem ao rumo do sacerdócio: intensa vida espiritual, desejo da maior glória de Deus, ardor de apostolado, capacidade de estudo e de trabalho. Entretanto, esse ideal que lhe ia na alma seria expressão da vontade de Deus, ou mero sonho de juventude? Em outras palavras, a sua vocação verdadeira era ou não era o sacerdócio? Faltava algum acontecimento mais claro para que ele decidisse com plena segurança. E o acontecimento chegou na hora oportuna.

Havia seis anos que era vigário da paróquia em que residia Gaspar o Pe. Girardi. Era um sacerdote muito instruído e profundamente zeloso do bem das almas. Tivera muitas ocasiões de observar a conduta, o jeito, a virtude e o espírito religioso do jovem. Chegou à conclusão de que o moço fora preparado por Deus para ser padre. Sua experiência de pastor lhe falava claro a respeito daquela sua ovelha. Por isso, um dia, chama-o e, sem introduções, muito paternalmente lhe diz: "Que é que há, rapaz, pra quando você espera ser padre?"

Gaspar pediu tempo a fim de refletir. Para melhor perceber a vontade de Deus, recolheu-se em retiro espiritual. E pensava. . . Bem que eu gostaria de ser padre! Mas. . . é tão alta essa dignidade! E eu, quem sou? Um pobre ser que não merece tamanha altura. Contudo, aqui dentro de mim alguma coisa me atrai para o sacerdócio: glorificar a Deus, salvar as almas! Que beleza! Creio que a voz do pároco tem o sentido da voz de Deus que me chama.

Foi pensando, pensando... Foi comparando as razões a favor e as razões contra. Por fim, resolveu o problema. Voltou a ter com o Pe. Girardi para lhe dizer que sim, queria ser padre, não tinha mais dúvida alguma. É claro que o vigário ficou imensamente alegre com a notícia. Aquele moço seria um padre, um grande padre.

Capítulo II - DO SEMINÁRIO AO SACERDÓCIO

1- Entra no seminário.

Para ser padre, Gaspar tinha de matricular-se no seminário. Verona, sua terra, dispunha de um, muito bem organizado, seriamente dirigido, contando com ótimos professores e inspecionado com o máximo carinho pelo sr. bispo D. Giovanni Andrea Avogadro. A três de novembro de 1795, Gaspar inscreveu-se entre os 126 seminaristas maiores, iniciando assim o curso de Teologia, que o prepararia diretamente ao sacerdócio, através do estudo das ciências sagradas, nomeadamente a Teologia Dogmática, a Teologia Moral, a Sagrada Escritura, a História da Igreja, a Liturgia e outras matérias.

No segundo ano teológico, passou a usar a batina, conforme era uso então. Os professores já conheciam perfeitamente a virtude e a espiritualidade de Gaspar. Mas

não sabiam nada a respeito dos seus talentos de inteligência. Quando perceberam quanto ele era inteligente e estudioso e, apesar disso tudo, humilde, criaram para com ele nova estima e admiração. Entre aqueles professores, convém apontar o nome do Pe. Nicola Galvani, que muita influência vai exercer na vida e nas realizações dele, como teremos oportunidade de verificar no decorrer destas páginas.

De seu lado, Gaspar ocupava o tempo de maneira muito rara e séria, mesmo entre os seminaristas. Freqüentava quatro horas de aula, diariamente. Além disso, aproveitando todo o tempo livre, até os retalhos, chegava a estudar por sua conta perto de dez horas por dia. Somando, pois, as horas de aula com as horas de estudo, entregava-se aos livros e cadernos cerca de 14 horas, diariamente. Para isto, roubava também boa parte do tempo de repouso noturno. Muito interessado em aprender, visitava as bibliotecas, consultava os mestres dentro e fora das aulas. O livro que mais assiduamente examinava e aprofundava era a Bíblia, ou Sagrada Escritura. A Bíblia estava sempre ao alcance das mãos. Lia, estudava o sentido; mas não só: meditava a fundo o que tinha lido e aprendido sobre a Santa Palavra de Deus.

Tantos foram seus bons resultados nas aulas do seminário, que sempre recebeu nas classificações escolares a nota máxima. Estudou, estudou, estudou. Aos 22 dois já tinha completado o curso teológico. Não fosse a pouca idade, pois faltavam ainda dois anos à idade requerida, estaria pronto para a ordenação sacerdotal. Que fez então? Repetiu por sua conta o quarto ano de Teologia. Não por necessidade, mas para melhor assimilar as matérias escolares e melhor enveredar nos ministérios do sacerdote.

2 - O jeito do seminarista Gaspar.

Entrando no seminário, palmilhou ainda mais intensamente aquela vida de fervor que vinha desenvolvendo desde criança. Durante o dia, ou estava nas aulas ou, findas estas, ia para a igreja matriz, onde ajudava na prestação dos serviços religiosos. De noite, rezava e estudava para complementar as horas de oração e estudo que havia aproveitado durante o dia. Depois, tomava umas poucas horas de descanso. Logo cedo, levantava-se. Por primeiro entrava na igreja e começava a lida, dispunha o necessário à celebração da missa pelos diversos padres. A seguir, recolhia-se em prece e meditação, enquanto permanecia à disposição para ajudar naquelas celebrações o mais que pudesse.

Era verdadeiramente um seminarista exemplar. A prova disto encontra-se no seguinte episódio. Os seminaristas estavam fazendo um retiro espiritual de alguns dias. Entre eles, evidentemente, Gaspar. O pregador falou bastante sobre a conduta e as qualidades que se exigem de um seminarista modelo. Para terminar, indicou, em plena conferência., Gaspar Bertoni como o modelo a ser imitado por todos. Imagine-se o apuro do humilde Gaspar! ficou vermelho, baixou a cabeça, mas o elogio já estava feito, muito contra a sua vontade.

3 - O seminarista apóstolo.

Já antes de receber o sacerdócio, como simples seminarista, Gaspar empenhava-se no apostolado, na medida em que suas obrigações lhe deixavam livre o tempo. Seu primeiro cuidado foi a realização espiritual dos discípulos. Prontamente se punha ao lado daqueles que via prestes a desanimar da vocação, a

fim de encorajá-los. Animava a todos nos bons propósitos que haviam tomado com referência à prática das virtudes. Interessava-se também pela catequese das crianças. Dedicava-se de modo especial a salvar a juventude, principalmente organizando e orientando os jovens nos dias santos e domingos. As necessidades religiosas dos moços daquela época, transtornada por guerras, dissolução dos costumes e escândalos, não eram menores que as de nossos dias. Gaspar utilizava-se de todos os seus muitos recursos pessoais, visando a afastar do mal os rapazes e colocá-los no bom caminho.

Além disso, visitava os doentes hospitalizados. Durante o dia, nas horas livres, ensinava-lhes o catecismo e preparava-os para receberem os santos sacramentos. Não contente, aceitou o plantão de ajudante noturno para atendimento no hospital.

Quem o orientava em todas estas atividades, tão numerosas e variadas? O Padre Nicolau Galvani, seu mestre no seminário, igualmente seu diretor espiritual, era quem o estimulava a tudo isso. Bem conhecia ele a capacidade de virtude e de trabalho com que Deus o havia prendado.

4 - Tempestade doméstica.

Não se julgue que tudo corresse às mil maravilhas na vida de Gaspar. Enquanto estudava, rezava, ou exercia o apostolado, doía-lhe o coração por tudo o que se passava na família, entre o pai e a mãe. Já vinha de longe o problema. Acenamos a ele páginas atrás. A incompatibilidade do gênio paterno com a paz e a concórdia em casa, mais a sua incapacidade para administrar corretamente os bens domésticos, que por mais de uma vez levou o lar à beira da falência, obrigou os dois, esposo e esposa, a uma separação amigável, quanto à convivência. Tudo isso veio ferir pesadamente o bom coração de Gaspar, que, a esse tempo, se preparava à ordenação sacerdotal nos próximos meses. No documento em que os pais, a 18 de abril de 1800, se comprometem à separação da vida conjugal, Gaspar apôs a assinatura, não como prova de que estava de acordo com aquele ato, mas como atestado de que se resignava àquela desgraça, já que nada podia fazer para contorná-la.

Isto prova que os grandes luminares da vida cristã, como Gaspar Bertoni, tiveram também seus contratempos, problemas, dificuldades e amarguras; carregaram sem dúvida a sua cruz. Contudo, souberam carregá-la, com a graça divina, à imitação de Cristo, que levou nos ombros a sua própria, mais pesada que a de todos.

5 - Enfim, Padre.

Quando chegou a hora oportuna da ordenação sacerdotal do seminarista Gaspar, o bispo D. Avogadro não se encontrava em Verona. Tinha fugido dos franceses, que ocupavam militarmente a cidade. Ele já havia sofrido muito por parte deles. Bem se lembrava daquela outra vez em que tinha sido prisioneiro do exército francês às ordens de Napoleão Bonaparte. Mas, graças a Deus, nada como um dia depois do outro. A situação com o correr do tempo mudou. Sobreveio a bonança. Assim, o bispo, sem receios, pode voltar à sua Igreja.

Nestas condições, a 20 de setembro de 1800, Gaspar Bertoni, com outros colegas, recebeu o sacramento da Ordem, administrado pelo seu bispo. A partir daí,

ponto final na vida de seminarista! Ponto de partida para uma vida sacerdotal intensa! Não é preciso dizer quanto exultou a mãe e, mesmo, o pai, com o fato de terem Gaspar, o filho querido, sacerdote da Igreja. Nem é preciso frisar a alegria das numerosíssimas pessoas que bem conheciam a virtude provada e a ciência teológica daquele novo padre. Pode-se afirmar que toda Verona se alegrou de contar entre os seus filhos aquele padre Gaspar, recém-ordenado, muito bem estruturado na vida cristã e nos conhecimentos eclesiásticos.

A primeira missa solene foi celebrada a 24 de setembro, com toda a simplicidade, numa aldeia vizinha ao sítio onde morava e trabalhava o pai. Foi exatamente para satisfazer a este que o novo padre celebrou a missa nova fora da cidade. É certo que o pai tinha lá seus defeitos, mas, em todo caso, era sempre seu pai! Valia a pena renunciar a pompa de uma festa realizada na cidade, para satisfazer em modesta capela aos anseios paternos. Muito mais porque naquele dia ao menos, pai e mãe se encontraram junto durante a celebração.

Quem teria feito o sermão naquela missa nova? Era costume daqueles tempos que, em ocasiões semelhantes falasse um leigo e não um padre. Por isso, o pregador, na oportunidade, foi um tio materno, o negociante José Scudellini.

Padre Gaspar Bertoni morava na cidade com a mãe prestava serviço na igreja matriz de San Paolo in Campo Marzio. Por enquanto, nos primeiros tempos após a ordenação, não deu início a nenhuma obra de vulto; apenas recolhido na humildade, atendia às solicitações dos fiéis ou do seu pároco, esperando a hora certa para se lançar a todo fôlego naquelas atividades a que o próprio Deus o designava.

Sua principal ocupação era a celebração da santa missa ponto culminante de toda a vida cristã e, certamente, da vida pessoal dele. Durante ela, inflamava-se o coração no desejo de se unir a Cristo e ao Pai Eterno, como podemos verificar nos apontamentos que, para seu uso exclusivo, lançou por escrito. Veja-se, por exemplo, o que escreveu alguns anos depois de ordenado sacerdote: "Na missa, (experimentei) iluminações (íntimas) breves mas vivas; (tive) grande sentimento da presença divina, confiança, amor, desejo de me transformar em Nosso Senhor, (desejo) de que Jesus viva em mim e não eu". Outro exemplo, ainda extraído dos seus apontamentos e referente às três missas celebradas no dia de Natal de 1808: "Nas três missas, recolhimento e sentimento do grande benefício da vocação. Oh! que grande bem é esquecer-se e separar-se de todos os bens criados para procurar a Deus somente".

Sua postura no altar era extraordinariamente edificante para todas as pessoas presentes. Percebia-se na fisionomia, na pronúncia das palavras rituais, nos gestos, quanto era grande sua fé na presença de Jesus e na sublimidade do santo sacrifício. Todas as demais orações, Ofício Divino, Meditação e outras, que eram prolongadas e freqüentes, tinham sem dúvida alto valor em sua vida, porém muito justamente ficavam abaixo, bem abaixo, da incontestável supremacia que dava à celebração da missa.

SEGUNDA PARTE

AS GRANDES OBRAS DE PADRE GASPAR BERTONI

Capítulo I - CONDICIONAMENTO HISTÓRICO

Por toda a parte se ouvia a queixa de que os tempos atuais estão difíceis: terror, guerra, fome, ignorância, imoralidade. Tudo se junta como gigantesca massa bruta rolando ameaçadora na tentativa de arrasar o que a humanidade, iluminada pelo cristianismo, veio construindo no decorrer dos séculos. Contudo, esta impressão não deve apavorar ninguém. A Igreja e a civilização passaram diversas vezes por crises perigosíssimas. Ao fim, o bem é extremamente mais poderoso do que o mal; há de vencer, como sempre acabou vencendo.

A época de Pe. Gaspar teve também seus apuros, e bem grandes. É interessante examinar os fatos históricos daquele tempo, nomeadamente os ocorridos em Verona, para melhor avaliarmos a extensão e a profundidade da obra daquele padre virtuoso e dinâmico. Veremos que a Igreja então se achava longe de ser acatada e favorecida. Apesar disso, como ministro da Igreja, Pe. Gaspar se destaca entre outros luminares como uma personalidade forte, piedosa ativa e apostólica, reagindo eficazmente contra a perversidade dos anticristãos.

Quando, nos fins de 1796, Gaspar iniciou o segundo ano de Teologia, portanto era ainda seminarista, as coisas em Verona começaram a ir de mal a pior. A Revolução Francesa ali chegou e instalou o desassossego, o pavor, a dissolução dos costumes. Como num fluxo e refluxo da maré, ora as armas francesas venciam as austríacas, ora as armas austríacas venciam as francesas, tendo por campo de batalha a sofrida cidade de Verona e arredores. Até que Napoleão Bonaparte entrou de uma vez em triunfo na cidade, enxotando os austríacos.

Isto é muito simples assim contado. Na realidade, a vida se tomou quase impossível, exatamente por causa, dessas lutas militares. Para se ter uma idéia, leia-se o que o vice-prefeito de Verona, Antônio Maria Priulo, escreveu a Napoleão em forma de protesto. Diz ele: "Todos os lugares em que ou se aquartelaram ou estiveram de passagem as tropas francesas, ficaram mais ou menos sujeitos às piores opressões. Os horrores da guerra, agitada num país inimigo, não poderiam ser maiores do que o foram nas terras hospitaleiras da República Vêneta. Campos inteiramente devastados, silos e cantinas saqueados, cavalos, bois, animais de toda espécie roubados, móveis destruídos ou queimados, virgens violadas, santuários profanados, vasos sacros surripiados, alguns habitantes assassinados, inúmeros deles despojados e reduzidos a andar sem rumo, a mendigar com os tenros filhos sem asilo e subsistência. Não obstante, a hospitalidade, a mais amiga, por parte de Verona, se mostrou em toda a sua extensão. Oficiais e soldados encontraram abertas as casas de todos os habitantes e receberam os cuidados mais humanos. Famílias inteiras de Religiosos e de Freiras, não só, mas também de particulares, cedem aos hóspedes a própria casa, ou dividem com eles o repouso e a mesa. Isto se viu nos meses passados e se vê ainda hoje. As provisões de todo o gênero sempre foram entregues com abundância ao exército. A tudo se atrevem os soldados, as ameaças são meios para pedir; poucos seguros se encontram os moradores nas horas noturnas, pois são assaltados nas estradas, roubados, insultados".

Napoleão não deu confiança a esta queixa. Verona, a um certo momento, cansou-se, revoltou-se e pôs-se a matar os franceses. O povo todo, em massa, homens e mulheres, sem distinção, deram-se ao estouro vingativo. Claro que o exército francês revidou com sangue e perseguição. Já não aceitava nenhum acordo com os veroneses; queria a rendição incondicional. E isto aconteceu. Verona pagou alto preço em dinheiro, teve que permitir a seus jovens a educação nas idéias de liberdade, inclusive a liberdade desenfreada. Depois disso, novamente os franceses se puseram ao saque, invadindo casas, prendendo gente, roubando os bens, prendendo o bispo, que correu grave apuro de ser morto.

Em 1797, por fim, terminou provisoriamente aquela confusão toda e, por um tratado entre Áustria e França, Verona voltou às mãos dos austríacos, que ali entraram em janeiro do ano seguinte. Mas os franceses estavam aí por perto, cometendo assaltos pelos caminhos, invadindo as searas. A família de Gaspar sofreu grave prejuízo, durante as incursões dos franceses nas terras que possuía perto do Lago de Garda. No entanto, dentro da cidade os austríacos reinstalaram a ordem e a moralidade.

Não se pense que tudo correu bem por parte do clero, com relação às desordens trazidas pela presença das armas francesas. Houve padres que aderiram ao movimento de liberdade excessiva e de libertinagem.

Em 1800 voltou Napoleão e, com ele, as forças da França. Apossaram-se novamente de Verona. O bispo, Dom Avogadro, teve de fugir. A cidade foi dividida em dois setores: um pertencia aos franceses, o outro em que morava Gaspar, permaneceu com os austríacos. O assanhamento pela desenfreada liberdade novamente se divulgou por toda a parte, como uma epidemia. A juventude e a infância foram nesse movimento as maiores vítimas. Crianças e jovens deixavam-se arrastar pelas idéias revolucionárias, mesmo porque faltavam escolas para sua instrução e educação; os colégios pouco podiam fazer, porque estavam privados das rendas com que se mantinham, devido exatamente ao despojamento realizado pelos franceses. Por outro lado, os moços não encontravam facilmente emprego, porque as indústrias e o comércio, em meio a tanta guerra e desordem, estavam parados, bloqueados. Então, o que se via pelas ruas, com muita freqüência, eram meninos e meninas em bandos misturados os sexos, sem saúde, viciados no mal, pedindo o socorro da esmola, atirando injúrias e pragas, roubando degradando-se na imoralidade.

Fora de Verona, as coisas corriam igualmente mal. Napoleão prendera o papa Pio VII. Suprimira as congregações religiosas. Tudo, em nome da Igualdade, Liberdade, Fraternidade. Infelizmente certos cardeais e bispos também aderiram a toda esta indisciplina e se rebelaram contra o papa, a favor do imperador Napoleão.

É claro, por este resumo, que tais fatos influíram poderosamente na alma de Gaspar. Já ordenado sacerdote, dentro de si mesmo planejava um meio de arrancar do mal a infância e a juventude e recolocar o bem em seu devido lugar de honra. É dentro deste quadro de lutas e desordens que compreenderemos melhor as iniciativas e a obra do Pe. Gaspar Bertoni.

Capítulo II - ORATÓRIOS MARIANOS

1 - O que é um ORATÓRIO MARIANO?

O que vem a ser um Oratório Mariano? Era acaso um movimento de conscientização da vida cristã e nada mais? Era talvez uma associação religiosa como tantas outras? Poderíamos responder que Oratório Mariano participava de ambos os conceitos. Movimentava a juventude, dirigindo-a para um ideal cristão, sob a bandeira da devoção a Nossa Senhora; ao mesmo tempo, organizava-a em associação religiosa, para dar-lhe uma estrutura de maior segurança na prática desse mesmo ideal cristão. Era, pois, uma associação religiosa do tipo dinâmico, na qual os jovens esclareciam a inteligência através da doutrina cristã, impregnavam a conduta com a moral católica. Isso tudo, na igreja, em casa, no emprego, na escola, nas diversões.

Os tempos estavam reclamando alguém que se dedicasse à mocidade, tão prejudicada pelas idéias libertinas da Revolução Francesa e pelas correrias criminosas dos soldados de Napoleão, nas idas e vindas pelo território de Verona, como já vimos.

2 - Início da Obra.

O queurgia acontecer aconteceu. Como de costume, Pe. Gaspar estava de plantão, para o atendimento aos fiéis, na igreja de San Paolo in Campo Marzio. O vigário, Pe. Girardi, disse-lhe de supetão: "Pe. Gaspar, o senhor está com cara de missionário". Pe. Gaspar respondeu: "É claro que estou disponível a tudo, também a ser missionário".

- Missionário de rapazes - retificou o vigário.
- Pois, se o senhor quiser, eu topo - concluiu Pe. Gaspar.

O vigário deu-lhe carta branca para isto. Quinze dias mais tarde, a 20 de junho de 1802, Pe. Gaspar iniciou a façanha. Façanha mesmo! Porque não era fácil modificar para melhor a mentalidade daquela degenerada juventude, vítima de tantos males. Entretanto, ele pôs mãos à obra, muito mais confiado em Deus do que nas próprias capacidades. Primeiramente recolheu uns sete rapazes, cuja idade variava entre 12 e 15 anos. A maioria deles não sabia ler nem escrever. Lia para eles algum trecho de livros bons, fazia-lhes alguma palestra, rezava com eles, levava-os também à missa. Esta foi a sementeira pequenina dos famosos Oratórios Marianos, desenvolvidos em Verona por sua iniciativa e atividade.

Com o tempo, outros Oratórios Marianos foram surgindo na cidade. Em todos eles agiu a influência de Pe. Gaspar Bertoni, seja porque fundou diretamente alguns deles, seja porque esteve presente e animou a instituição de outros, seja porque aconselhava e estimulava os demais padres a fundá-los nas respectivas paróquias.

No setor feminino, sabe-se que houve um, estabelecido na Igreja de San Fermo Maggiore, por obra igualmente de Padre Gaspar.

Os três Oratórios Marianos, fundados pessoalmente por ele são: o de San Paolo in Campo Marzio, depois o de San Fermo Maggiore e, enfim, o dos Estigmas, que ficou sendo modelo de todos os Oratórios Marianos de Verona.

3 - Finalidade dos Oratórios Marianos.

Dar aos jovens uma formação cristã profunda, para que seguissem a Cristo com denodo e perseverança! Isto exigia uma série de cuidados e atividades. Neste intuito, Pe. Gaspar animava-os a grande devoção à Eucaristia e à SS. Virgem, ensinava-os a enfrentar sacrifícios e a desenvolver o zelo do apostolado, incutia sempre a união entre eles, desdobrava-se para que sempre houvesse um ambiente de paz e alegria. Por essa razão, as reuniões eram freqüentes: nos domingos e dias santos, concentrava os seus jovens, no período da manhã, para as práticas de piedade e a instrução cristã; no período da tarde, após o meio-dia, para orientá-los nos divertimentos; nos demais dias da semana, reencontrava-os outra vez unidos, a fim de continuar as atividades religiosas e diversivas e, também, a fim de não permitir que se esfriasse o ardor e o entusiasmo. Por si e por auxiliares, acompanhava a conduta dos moços igualmente no emprego, na profissão, nas escolas, direta ou indiretamente, conforme as possibilidades. Assim, os seus jovens, apoiados e orientados por ele e seus colaboradores, cresceram em número e qualidade; chegaram a contar até quatrocentos, no período áureo do Oratório de Pe. Gaspar.

Em breve, toda a cidade sentiu os efeitos salutareos naqueles moços já bem formados. Os patrões davam preferência aos rapazes do Oratório para preencher as vagas no serviço. As escolas contaram com alunos mais assíduos, comportados e estudiosos. As famílias agradeciam a Deus, porque os filhos haviam melhorado extraordinariamente após seu ingresso no Oratório.

4 - O Problema do local das reuniões.

Logo de saída, Pe. Gaspar juntou seus rapazes, que eram menos que uma dezena, no andar térreo da casa paroquial de San Paolo in Campo Marzio, num cômodo que servia também de biblioteca do vigário. Dava para começar, mas não dava para continuar. Porque o número dos matriculados foi crescendo. Daquela sala, a turma teve que se transferir para um alpendre da mesma casa. Reunião de mocidade não é feita aos cochichos. O entusiasmo, a alegria trazem consigo o vozerio, a gargalhada, até mesmo os gritos. Conclusão: no alpendre também não podiam continuar a reunir-se. Isto por duas razões. Primeira, porque o número dos rapazes crescia bastante e tornava apertado o local. Segunda, porque o barulho importunava o sono de algum dos treze padres que residiam na casa e que serviam naquela paróquia. Além disso, tradicionalistas exagerados, incluindo alguns padres, não viam com bons olhos aquele movimento novo, nunca experimentado antes. Daí, as críticas contra aquelas reuniões.

A conseqüência de tudo isso foi que Pe. Gaspar teve que mudar de novo o ponto dos encontros da sua rapaziada. Dito e feito. Perto de sua casa, havia uma igreja. Baldeou-se para lá. E como seu Oratório contava já não só com rapazes, mas também com homens maduros, dividiu-o em três grupos, para as orações, o estudo da doutrina cristã e a formação religiosa. Dispôs os menores numa dependência da sacristia; na própria sacristia, os mais crescidos, que ainda não tinham feito a primeira comunhão; os moços e os homens na igreja.

Quanto ao local para as diversões, aproveitava uma esplanada, chamada de Campo Fiore, ali vizinho daquela igreja. Trata-se de um logradouro público, à disposição do exército e do povo. Compreende-se que Pe. Gaspar necessitasse de

um espaço amplo e aberto para aquela finalidade, tendo-se em vista que os seus moços haviam aumentado extraordinariamente em número e movimentação.

Não contente com tudo isso, em sua casa também realizava reuniões, principalmente à noite. Mamãe Brunora sacrificava de boa mente a sua tranquilidade, desde que o caro filho cuidasse daquela juventude extremamente necessitada de orientação religiosa e moral. Imagine-se a paciência da boa mãe, quando havia ensaio da banda dos jovens. Era um Deus-nos-acuda. O regente era sempre Pe. Gaspar. Todavia, nem todos os músicos tinham lá igual habilidade no uso dos instrumentos. Por essa razão, ouviam-se freqüentes desafinações, que às vezes ameaçavam tornar-se verdadeiro estrangulamento sonoro. Aí, a um sinal do maestro, tudo silenciava. O chefe tomava o instrumento de cada um dos desafinados músicos e pacientemente lhes mostrava, a cada qual, a maneira certa de tocá-lo. Recomeçava o ensaio, para de novo interromper-se após mais alguns erros. Por fim, a banda terminava o treino. Vinha então o vozerio, as risadas, seguia-se o boa-noite do padre. Todos voltavam ao lar, satisfeitos de haverem passado horas alegres e sadias com aquele sacerdote virtuoso e capaz, depois das ocupações profissionais ou escolares do dia. Evidentemente, quem mais respirava de alívio nessa hora devia ser a mãe, a quem Pe. Gaspar certamente sorria compreensivamente.

5 - Os Ajudantes de Pe. Gaspar.

É claro que Pe. Gaspar não pretendia, nem podia realizar tudo sozinho. Apelou para ajudantes. Três nomes ressaltam nesse empenho: Pe. Mateus Farinati, Pe. Caetano Allegri e o seminarista João Maria Marani, que mais tarde seria o primeiro discípulo de Pe. Gaspar como membro da Congregação dos Estigmatinos. Sem eles, teria sido difícil, ou mesmo impossível, a organização inteligente dos jovens, dado que o primeiro dos Oratórios Marianos, o de San Paolo in Campo Marzio, chegou a contar até quatrocentos membros, conforme temos visto anteriormente.

6 - Iniciativas Artesanais.

A juventude precisa extravasar as suas energias. Por isso, a boa formação dos jovens deve levar em conta essa necessidade. Sem este expediente, qualquer associação ou movimento juvenil está destinado a dispersar-se e falir. Bem conhecia esta verdade o Pe. Gaspar. Seus moços jamais se encontravam em ócio. Jamais andavam às tontas em busca do que fazer. Para animá-los ao trabalho e ao estudo, estabelecia entre eles valiosas competições. Por exemplo, de tempos a tempos organizava certames, em que os rapazes faziam exposição de artefatos, realizados pessoalmente, em sua arte ou profissão, bem como de composições literárias próprias, em prosa ou em verso. Desta forma, a exposição tinha um aspeto variadíssimo e quase enciclopédico. Tudo terminava com uma sessão solene em que se apontava e premiava o moço classificado em primeiro lugar. O prêmio nada tinha de caro ou precioso; era apenas uma homenagem prestada pelas palmas dos colegas e uma execução musical a cargo da orquestra. Tudo, na mais alegre simplicidade e na mais cordial união.

7 - Temas de formação religiosa.

Pe. Gaspar insistia muito no assunto capital da vida cristã: conservar e desenvolver a graça santificante recebida no batismo. Apresentava os diferentes

aspectos sob os quais pode e deve ser estudada essa graça, como, por exemplo, a maneira de vivê-la, a sua refinada beleza, a extrema dignidade a que eleva a pessoa humana.

Como naquele tempo grassassem os erros do jansenismo, Pe. Gaspar premunia os seus moços contra eles. Visto que aquela heresia condenava a comunhão freqüente, o educador ensinava-lhes a importância da freqüência da comunhão para a vida sobrenatural. Aliás, todos os sacramentos eram apontados com clareza nas palestras doutrinárias, marcados como meios pelos quais Deus comunica aos homens a graça habitual. Além disso, todo e qualquer membro do Oratório podia pedir explicações sobre qualquer ponto de doutrina, pois o padre sempre estava pronto a esclarecer as dúvidas e obscuridades.

Um episódio vai-nos exemplificar este aspecto. O "Pange Língua" é um dos mais belos hinos em louvor da Santíssima Eucaristia. Originariamente foi composto em latim. Dele se extraem as duas últimas estrofes para as bênçãos do Santíssimo Sacramento, tendo por início as palavras "Tantum ergo Sacramentum", hoje traduzidas pela expressão "Tão Sublime Sacramento". Um dos moços do Oratório disse ao Pe. Gaspar que muito gostaria de entender o significado daquele hino inteiro. Os colegas apoiaram o pedido. Pe. Gaspar, então, anunciou, a todos os que desejassem compreender o hino, que todas as tardes lhes daria a explicação de um trecho. Viessem portanto à sua casa; ele os atenderia. De fato, os moços vieram e Pe. Gaspar iniciou as explicações. Tanta foi a doutrina que extraiu daí, que durante seis meses inteiros teve pano pra manga, teve assunto para aquelas palestras diárias em tomo das expressões maravilhosas e profundas do "Pange Língua".

8 - O Pessoal do Oratório Mariano aos Domingos.

Vejamos agora como funcionava o domingo, de acordo com os planos de Pe. Gaspar, destinados a desenvolver e manter vivas nos moços daqueles tempos borrascosos a fé e a moral cristãs. Já falamos que numa dependência da sacristia ele tinha colocado os menores. Com eles se ocupava um dos seus colaboradores, para instruí-los e animá-los. Os maioresinhos que ainda não haviam feito a primeira comunhão ficavam na sacristia, onde, por obra de outro colaborador, recebiam a doutrinação necessária. Os moços e os adultos ficavam na igreja em companhia de Pe. Gaspar. Para estes, aos domingos, o padre começava com uma leitura espiritual, tomada de algum bom livro, depois rezava com eles ao Coração de Jesus aquela prática de piedade conhecida pelo nome de "Coroinha do Sagrado Coração de Jesus". Seguia-se a palestra instrutiva do sacerdote. Vinha então o canto da ladainha de Nossa Senhora e de algum hino religioso. Findo tudo isso, a moçada ia, em ordem, para outra igreja, a matriz, a fim de participar da celebração da santa missa. Daí voltavam para casa, visando o desjejum matinal. Depois, que é que iriam fazer aqueles rapazes? Os mais dispostos retornavam à casa de Pe. Gaspar. Ali, é bom lembrar, todo o andar térreo havia sido desocupado para servir de encontro aos jovens. A estes, mais dedicados, o padre ensinava então o abc, o canto, algum instrumento musical. Para o almoço, cada qual voltava a seu próprio lar. Depois, a uma certa hora, Pe. Gaspar e alguns moços mais piedosos meditavam na paixão de Jesus Cristo, enquanto percorriam as estações da via-sacra na igreja de San Paolo in Campo Marzio. Terminada a piedosa evocação da paixão de Cristo, saía da igreja a

procissão levando à frente como guião um grande crucifixo. A procissão ia-se avolumando pelos diversos bairros por onde passava, pois tinha exatamente a função de convocar e reunir os rapazes para as aulas de catecismo. Depois destas aulas, a turma se recolhia de novo na igreja, para ouvir um sermão sobre a conduta moral do bom cristão. Por fim tudo terminava com a bênção do Santíssimo Sacramento.

Vinha então o horário das diversões. Para tanto, a mocidade se encaminhava, em boa ordem, para o chamado "Campo Marzio". Aí, divididos em grupos menores, alegravam-se com vários divertimentos, liderados por algum dos adultos. Movimentação, despreocupação e folguedo condimentavam no transcorrer do tempo com admirável harmonia e felicidade. A um sinal determinado, encerrava-se a brincadeira. Todos retornavam à própria casa, aos grupos, conforme as ruas em que residiam, depois de haverem ainda entrado na igreja para uma rápida oração de despedida. Assim, as famílias recebiam os rapazes, entregues literalmente a domicílio, sem perigo portanto, de que se desviassem na companhia de maus amigos.

Desta maneira passavam, santa e jovialmente o domingo, os jovens do Oratório Mariano de Pe. Gaspar Berton. Alguém poderia criticar tanta oração. Para quê? Na verdade, o líder do movimento sabia que a recuperação de tanta mocidade realmente transviada, naqueles tempos difíceis, não podia ser atingida senão com a ajuda de Deus. Por isso nada melhor do que a oração. Ademais, era preciso imbuir os moços de um grande espírito de oração, era preciso ensiná-los a rezar, era preciso infundir neles o apego ao altíssimo valor da oração. Tudo isto Pe. Gaspar conseguiu com o seu método, naqueles deliciosos domingos, em que Deus predominava, como de direito. Aliás, é necessário não esquecer que a finalidade da instituição do domingo é exatamente a de liberar o homem das preocupações da semana, para mais fácil e generosamente se entregar ao buvor de Deus e aos interesses espirituais. Vem-nos aqui a vontade de exclamar: Pobre da nossa sociedade, que passa o domingo, o dia do Senhor, no ócio, no vício, ou exclusivamente nos divertimentos! Pobre da nossa sociedade, que desconhece quase por inteiro qualquer contato com o Criador e Salvador de todos, exatamente no DIA DO SENHOR!

9 - Retrato do Jovem do Oratório Mariano.

Orientado de maneira tão profundamente cristã, o jovem do Oratório tinha suas características próprias, que o distinguiam dos demais jovens da cidade de Verona.

Conforme os testemunhos de pessoas que viram pessoalmente aquela floração de religião e bom comportamento, o moço orientado pelos Oratórios Marianos dava-se com fervor à oração; no tempo livre dos estudos ou das ocupações profissionais, além disso, evitava as más companhias, freqüentava as diversões e passatempos que o próprio Oratório lhe proporcionava; sabia muito claramente quais eram seus deveres de cristãos e de cidadão; tinha em alta conta os sacramentos da Confissão e da Eucaristia, tanto que os recebia com devoção e freqüência; guardava na alma um salutar temor de ofender a Deus; compreendia a importância das obras de caridade e de apostolado e, por isso, praticava-as corajosamente. De modo particular, o moço do Oratório valorizava cristãmente o seu corpo e lutava denodadamente para conservar-lhe a dignidade e pureza. Nem por isso vá alguém imaginar que fosse um moço triste, sem vitalidade. A alegria era o ambiente geral de todo o Oratório, realmente era o fruto saboroso da paz da consciência e do empenho fiel aos próprios deveres

religiosos, estudantis ou profissionais. Por outro lado, quem poderia negar-se a viver como bom cristão, tendo ao lado e diante dos olhos aquela maravilhosa paciência, aquele dedicado amor à juventude, límpido e sacrificado, de Pe. Gaspar?

Os Oratórios Marianos funcionavam, principalmente nos seus inícios, mais ou menos como funcionam hoje os escoteiros. Dadas as idas e vindas de exércitos franceses e austríacos através de Verona, conforme vimos anteriormente, havia na juventude uma certa mentalidade de imitação dos soldados e da disciplina militar. Daí, o acerto de Pe. Gaspar em dar aos seus Oratórios uma organização semelhante à dos militares, evidentemente com as necessárias adaptações. Por este motivo, quando mais tarde o ambiente miliciano se desfez numa assentada paz e tranqüilidade, ele diminuiu nos Oratórios a contextura quase militar da sua organização.

Esse espírito meio militar impregnava também o sistema usado pelo Oratório nas excursões. Cozinhavam uma polenta, em tacho amplo, sustido sobre o fogo por três paus fincados no terreno. A ceia constava de polenta e feijão, servidos num prato, sem mesa de espécie alguma. De noite, dormia-se no chão sobre a palha. Não faltava, é claro, a oração e a palestra de Pe. Gaspar, quando a excursão se dirigia a um determinado local para nova fundação de Oratórios.

10 - Frutos dos Oratórios Marianos.

Devido à boa formação religiosa e civil que o Oratório apresentava aos moços, ao fim de certo tempo verificou-se um sensível desabrochar de vocações sacerdotais. O seminário, em crise, retomou fervorosamente suas atividades de instrução e formação dos alunos que, em maior número e com melhor preparo, se inscreviam para o sacerdócio. Assim, refloriu, seja quanto aos estudos, seja quanto à disciplina eclesiástica. Os seminaristas, provenientes do Oratório Mariano, deram sacerdotes sábios e fervorosos, apreciados pregadores, valiosos orientadores da juventude. Verona mudou de fisionomia por obra dos Oratórios.

Cabe aqui a exemplificação do bem, realizado pela obra de Pe. Gaspar, através de um episódio muito significativo. Havia na cidade um moço de péssima conduta. Gabava-se de não se deixar enganar pelos padres. Considerava o Oratório uma organização de gente quadrada. Por isso, injuriava o Pe. Gaspar. Certo dia, um oratoriano interrompeu aquele palavrório ofensivo e lhe disse:

- Você não conhece nem Pe. Gaspar nem o Oratório. Por essa razão fala mal de ambos. Por que não vai ver pessoalmente o que se passa lá?
- Eu não - respondeu o Fulano. - Não vou perder tempo com essas coisas de religião, de Oratórios e não sei o que mais.
- Vá, nem que seja uma só vez. Ao menos assim você poderá falar mal de alguma coisa que conhece de fato.

O moço foi, acompanhado pelo outro. Ouviu a palestra do Padre Gaspar. Viu aquele movimento bem organizado, puro e feliz. Alguma coisa abalou seu íntimo. Sentiu necessidade de procurar o padre. Pediu-lhe que o atendesse de confissão. Saiu dali convertido e inscrito como membro do Oratório Mariano. Daí por diante dificilmente se encontrava outro jovem tão assíduo às reuniões quanto ele. Note-se que a freqüência dele no Oratório era acompanhada de grandes sacrifícios, pois

trabalhava de noite numa padaria, o que lhe impunha mudanças e reduções no horário do sono. Apesar disso, freqüentou-o até o dia em que, gravemente enfermo e com todas as demonstrações de um bom cristão, veio a falecer de maneira edificante.

11 - Perseguições. Triunfos. Decadência.

O governo tinha suas suspeitas a respeito dos Oratórios Marianos. Julgava-os perigosas sociedades secretas, cujas atividades poriam em risco a segurança do Estado. Já não via com bons olhos as Congregações Marianas, porque eram fundadas e dirigidas por ex-jesuítas- É bom lembrar que a Ordem dos Jesuítas havia sido suprimida, exatamente por pressões políticas. Com o mesmo olho e no mesmo foco o governo mirava os Oratórios Marianos.

Em 1807 esses Oratórios de Verona estavam no máximo de fervor e desenvolvimento. Foi então que o governo proibiu todas as irmandades religiosas e outras associações equivalentes, menos as Irmandades do Santíssimo Sacramento. É claro que os Oratórios Marianos estavam incluídos nesta proibição. Foi necessário, portanto, que Pe. Gaspar orientasse o funcionamento dos mesmos de modo a eliminar toda atividade e organização exterior. Confinou-os às práticas de piedade dentro da igreja. Mais tarde, os Oratórios puderam novamente extravasar suas atividades fora dos templos. Tudo corria muito bem, quando em 1848 o governo austríaco, a que Verona tinha de obedecer, ordenou, definitivamente, a suspensão de qualquer ação organizada de diversões. Certamente, para uma juventude que sempre necessita de dinamismo, de alegria, este decreto foi um golpe fatal. Houve, sem dúvida, ainda alguns pequenos momentos de restauração dos Oratórios, mesmo depois da morte de Pe. Gaspar, mas foram simples lampejos de vida, tentativas de ressurreição. Na verdade, a era feliz dos Oratórios havia entrado em decadência... A história dos Oratórios assemelha-se á de uma frondosa árvore que, após frutificar por muitos anos, distribuindo benefícios a todos os que lhe recolhem os frutos, entra em fase de envelhecimento e morre. Seu fim, porém, deixa aos pósteros a gloriosa lembrança dos belos tempos de sua vida eficaz e benemérita.

Capítulo III - ESCOLA

1 - A Escola dos Estigmas e seus objetivos.

É um fato comprovado que as escolas oficiais de Verona, ao tempo de Pe. Gaspar, gozavam de boa fama por toda a parte. Achavam-se muito bem organizadas e dotadas de bons professores. Contudo, o número delas não era suficiente para atender a todas as necessidades da população em idade escolar. Quem ficava excluído da influência desses estabelecimentos de ensino eram exatamente os que mais deles precisavam, isto é, os mais pobres e de mais baixa condição social.

Vivendo em contínuo contato com Deus, Pe. Gaspar tinha por isso mesmo, um grande senso da realidade. Percebeu o problema e, na medida de suas forças, tentou resolvê-lo. Num prédio recebido por doação, instalou a sua escola. A 4 de novembro de 1816, ele e alguns companheiros estabeleceram-se no edifício destinado a servir de escola, e muito mais, a ser o berço da congregação religiosa que ia fundar. Conhecemos esse local pelo nome de "Casa dos Estigmas". Ao tratarmos dos inícios da congregação, mais detalhadamente falaremos a respeito da maneira como o

referido prédio veio às mãos de Pe. Gaspar. No momento vejamos como ali funcionava a escola.

Ele não se limitava a transmitir conhecimentos humanos; queria principalmente ensinar a doutrina de Jesus e levar os alunos a praticá-la com todas as forças.

Para atingir este objetivo, a escola seguia um estilo todo, próprio. Logo de manhã, iam chegando os alunos individualmente ou aos grupos. Passavam diante de uma imagem, de Nossa Senhora, rezavam ali uma ave-maria. Entravam na sala, onde já se encontrava o professor a tomar as lições e dos que haviam chegado por primeiro. Saudavam o mestre e tomavam o seu respectivo lugar. Esse ingresso, realizado aos poucos, tinha seu ponto final em hora determinada. Dai por diante, não se admitiam os atrasados. Quando o relógio marcava nove horas, todos os alunos se dirigiam à igreja anexa, para a missa. Não se tratava de uma missa do tipo vale-tudo, em que cada um faz o que bem entende, reza, olha simplesmente para o altar, conversa com os colegas, ou apenas fica esperando mais ou menos impacientemente que acabe logo a função. Nada disso. A missa não era somente uma reunião de estudantes. Consistia numa ordenada, respeitosa e devota celebração. Esta era a atitude do celebrante, dos mestres, dos discípulos, do povo em geral, que aproveitava aquele ambiente marcadamente religioso e eucarístico para tomar parte na liturgia.

Terminada a missa, voltava-se para as salas de aula, onde os professores explicavam as lições a serem estudadas nos dias seguintes. Todos os professores valiam-se das aulas, qualquer que fosse a matéria em estudo, para infundir pouco a pouco no caráter, na alma dos rapazes, a responsabilidade pela boa conduta e prática da religião. Aquela escola visava formar o cidadão da terra e o candidato ao céu.

As aulas continuavam depois do meio-dia. Neste segundo período, as instruções eram muito mais formativas da pessoa do que apenas dedicadas à instrução da mente.

Aliás, sob este ponto de vista da formação, particularmente a formação religiosa, a escola de Pe. Gaspar dispunha de um planejamento bem organizado, em que as práticas religiosas eram variadamente distribuídas no decorrer do ano escolar, para melhor penetração no ânimo dos alunos. Entre os itens do planejamento contava o seguinte:

a) Aos sábados, cada professor fazia em sua classe um fervorinho, ou palestra sobre a conduta cristã;

b) Aos que haviam feito a primeira comunhão, aconselhava-se a confissão cada quinze dias. ACONSELHAVA-SE. Nada de obrigação neste ponto;

c) Também se aconselhava receber a Sagrada Comunhão ao menos uma vez por mês;

d) Uma vez ao ano, proporcionava-se um retiro espiritual de três dias, para os mais crescidos;

e) O mês de maio era celebrado com solenidade, em honra da Santíssima Virgem Maria. Na verdade, a devoção a Nossa Senhora, mais fortemente objetivada neste mês, induzia os alunos a um comportamento melhor do que de costume e a um aproveitamento maior nos estudos. Disto dão provas as afirmações dos mestres e das famílias dos alunos.

f) Além disso, festejava-se com alegria e ardor o dia 21 de junho, em homenagem a São Luís de Gonzaga, padroeiro da juventude, padrão de pureza. Nessa data, havia missa e comunhão geral, sermão sobre a vida e os exemplos do santo; à tarde, sessão festiva com apresentação de trechos literários e composições musicais.

g) Ao fim do ano letivo, cantava-se na igreja o "Te Deum", que é um hino oficial de ação de graças. Depois, os melhores alunos sob diversos aspectos recebiam os seus merecidos prêmios, como estímulo para eles e para os demais. Então, um dos professores expunha a todos a maneira correta de se comportarem durante as férias, a fim de que o tempo de repouso não degenerasse em desaproveitamento de tudo o que tivessem aprendido no correr do ano letivo. A seguir, a turma estava liberada para as suspiradíssimas férias.

2 - Método de ensino e de educação.

Os programas de ensino, dentro da escola, eram próprios, formulados pelo mesmo padre Gaspar. Entretanto, depois que o governo publicou o programa oficial, ele imediatamente o adotou. Era preciso, porém, que tanto ele quanto os seus companheiros se habilitassem como professores através de um exame perante bancas governamentais.

O modo de expor os assuntos das aulas sempre foi datado de muita clareza. Ninguém ficava na incerteza ou obscuridade. Pe. Gaspar fazia questão de que todos entendessem bem claramente a matéria tratada. Ele mesmo, em relatório às autoridades do ensino, afirma que prefere sempre usar a maneira mais simples, as palavras mais fáceis, para levar os alunos a compreenderem as lições. Primeiro, procurava comunicar aos escolares a idéia principal da lição em foco. Bem explicada esta idéia, passava a expor as secundárias. Por fim, juntava todas as idéias num resumo bem feito e completo. Não gostava de que os alunos se limitassem a aprender de cor as lições. Queria que, em vez disso e muito mais do que isso, assimilassem o conteúdo de maneira lúcida e eficaz. Preferia que aprendessem a refletir, ao invés de exigir deles lições aprendidas mecanicamente de memória.

Mas Pe. Gaspar não era apenas professor, era também grande educador. Sabia conquistar a amizade dos rapazes, dado o seu gênio alegre e mesmo brincalhão. Sabia mostrar as falhas de conduta dos alunos com modos jeitosos e com jocosidade até. Brincando com eles corrigia-os sem machucar-lhes a sensibilidade. Só por exceção, sabia fechar o rosto numa seriedade maior, engrossar um tanto a voz, escolher palavras severas, para enfrentar uma falta mais grave. Nestes raros casos, conseguia mesmo atemorizar salutarmente os interessados.

As exceções acabam sempre por confirmar a regra. E a regra era que todos gostavam de ouvir as aulas de Pe. Gaspar, tão claras, tão alegres e agradáveis ele as sabia apresentar, mesmo quando o assunto era dos mais áridos e sem sabor.

3 - A Eficácia da Escola dos Estigmas.

Para formar uma idéia das vantagens extraordinárias daquela escola, nada melhor do que citar as palavras de um dos primeiros biógrafos de Pe. Gaspar, o Pe. João Batista Lenotti: Concluídos os estudos naquela escola "saíram os alunos, excelentes em piedade e conhecimentos. Muitos ficaram padres e entre estes não

poucos se tornaram pastores de almas; muitos chegaram a ser religiosos em várias congregações, entre os quais alguns foram para a América, no Chile, como missionários; muitos se fizeram pais de família e se distinguiram na piedade cristã e no bom governo da casa". Com referência ao número de sacerdotes que freqüentaram a escola dos Estigmas, consta que, como fruto de 27 anos de ensino, mais de 70 alunos foram ordenados sacerdotes. A conclusão é que a escola profundamente cristã de Pe. Gaspar contribuiu para despertar e fomentar vocações sacerdotais.

Quanto ao aproveitamento nas matérias lecionadas, testemunhas contemporâneas afirmam que os alunos da Escola dos Estigmas superavam os das outras escolas, tanto na religião quanto nas ciências humanas.

A fama dessa escola brilhou diante das pessoas cultas de Verona e até de personalidades estrangeiras, bispos, o mesmo imperador da Áustria. Este, achando-se naquela cidade em abril de 1825, dignou-se de visitar a célebre escola, atraído pela notícia dos abundantes frutos humanos e cristãos, que ela ia produzindo no decorrer de suas atividades.

Entre os escolares de Pe. Gaspar, contam-se quatro, que mais tarde se tornaram seus primeiros discípulos, como membros da congregação religiosa por ele fundada. São eles: Pe. Luís Biadego, Pe. Carlos Fedelini, e os seminaristas Ferrari e Lenotti.

Foram tantos, finalmente, os bons êxitos obtidos pela Escola dos Estigmas, que Pe. Gaspar viu na instituição escolar um dos possíveis meios de evangelização da juventude. Em conseqüência, nas regras de sua congregação, apontou as escolas como instrumento para atingir a mentalização cristã da mocidade.

4 - Fechamento da Escola dos Estigmas.

A fundação da Congregação dos Estigmatinos, de que mais adiante falaremos, tinha na mente do Pe. Gaspar, seu fundador, uma finalidade missionária. Portanto, a manutenção da escola ficava sujeita a esta finalidade. Aconteceu que os seus padres eram muito procurados para a pregação, a catequese, a confissão. De seu lado, a escola prendia-os demasiadamente, seja durante o horário escolar, seja fora deste horário para o preparo das lições. Foi necessário, em conclusão, ir pensando em fechá-la, nem que fosse aos poucos. Por outro lado, os jesuítas tinham aberto escola própria em Verona. Isto viria preencher a lacuna deixada pelo fechamento da de Pe. Gaspar. Por esse motivo, em novembro de 1842 a Escola dos Estigmas reiniciou as suas atividades, porém com a exclusão de duas classes.

Não se estranhe que a escola reiniciasse as atividades em novembro. É que o ano escolar por lá não se desenvolve como o nosso aqui no Brasil. Nossas férias coincidem com o fim do ano e começo do ano seguinte. As férias de lá vão mais ou menos de julho ou agosto a setembro ou outubro. Já, no ano seguinte, 1843, Pe. Gaspar viu-se forçado a encerrar completamente o funcionamento das aulas. O estabelecimento havia funcionado durante 27 anos. Daí por diante, os seus alunos foram transferidos para a escola dos jesuítas.

Fechou-se a escola. Todavia, permaneceu, por muito tempo, a saudade daquelas belíssimas aulas de Pe. Gaspar e daquela maneira jeitosa de educar os alunos. A escola voltaria a reabrir-se tempos mais tarde, após a sua morte, em 1878.

Portanto, só recomeçou suas atividades 35 anos depois de fechada pelo seu Fundador.

Capítulo IV - O SERVIÇO DE PADRE GASPAR AO CLERO DE VERONA

1 - Antecedentes.

Já tivemos ocasião de observar que no tempo de Pe. Gaspar Bertoni havia sério problema de clero, seja quanto aos padres, seja quanto aos seminaristas.

Uma das causas da crise no seminário tinha sido o próprio reitor do mesmo, Pe. José Velli. Foi ele tão mau que se tornou urgente retirá-lo do estabelecimento por meio da polícia.

Por outro lado, em certo período, a diocese de Verona ficou privada da orientação do seu bispo. Dom Avogadro, o pastor da diocese, tinha-se demitido do cargo. Não era fácil então a nomeação de um sucessor, porque as idéias revolucionárias da França, penetrando na Itália tinham feito degenerar a mentalidade religiosa não só dos seminaristas senão também de uns tantos padres. Os maus exemplos dos sacerdotes atingiam de maneira extremamente negativa os alunos do seminário, que, por sua vez, também se indisciplinavam e se entregavam a tristes desmandos. Havia padres que freqüentavam bailes, que saíam mascarados, que cometiam crimes, que se embebedavam, que se intrometiam na política, que se davam à desonestidade e à apostasia. Havia os que não chegavam a tanto, mas, influenciados pelo novo e deletério ambiente, se fizeram relaxados em seus deveres sacerdotais. É claro que tais exemplos destrutivos, entrando pelo seminário, arrasavam as vocações, ainda imaturas, dos seminaristas e provocavam neles a simpatia por aquela confusão toda.

2 - Restauração.

Chegou por fim o novo bispo de Verona, Dom Innocenzo Lirutti. Ele incumbiu a Pe. Gaspar de orientar espiritualmente o seminário. Além disso, declarou-lhe que o queria pregador do curso de exercícios espirituais de Santo Inácio dentro do mesmo seminário. Estes exercícios espirituais são uma espécie de retiro espiritual, prolongado, sério e profundo. Pe. Gaspar apresentou ao novo bispo as suas escusas, pediu-lhe que não o nomeasse para pregador, pois era muito moço, sem traquejo, nem tinha o livro para estudar as meditações e conferências próprias daquele curso. Entretanto, o bispo limitou-se a responder que o pregador seria absolutamente ele, Pe. Gaspar. Obediente, o sacerdote curvou-se à decisão do prelado. Vendo-o preocupado e sabendo a causa do problema, um colega lhe deu o livro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Mãos à obra! Pe. Gaspar não perdeu tempo, começou a estudá-lo e até mesmo a copiá-lo. No dia marcado, iniciou o retiro ao clero no seminário. Extravasou nas pregações não só o seu conhecimento do conteúdo do livro, mas também o seu calor íntimo de virtude e de vivência com Deus. Tanto que o resultado, ao fim do retiro, foi dos melhores e dos mais raros.

De que constava o auditório de Pe. Gaspar? Eram cento e sessenta e oito seminaristas e vários sacerdotes. O pregador procurou incutir em todos principalmente a humildade e o apostolado desinteressado e abnegado. Insistiu igualmente no espírito de oração. Perguntava de que servia existirem seminaristas e sacerdotes profundamente instruídos, se não estivessem impregnados do espírito de oração. Martelou bastante as necessidades de o clero ser santo para poder irradiar santidade em torno de si. As palavras do pregador eram pronunciadas com clareza e autoridade. Ele evitava os volteios tendentes a disfarçar a dureza da verdade em certos casos. Falava francamente, sem rodeios. O que era mal chamava-o MAL, o que era necessário dizia-o NECESSÁRIO, o que era proibido marcava-o como PROIBIDO. Isso tudo, para que não sobrasse dúvida alguma naqueles espíritos que era preciso converter e reformar. Urgia extirpar do clero o espírito mundano, que se havia infiltrado, e repor bem vivo o espírito cristão, em toda a sua evangélica pureza.

Teria Padre Gaspar duvidado, algum instante, do resultado positivo dos seus esforços no cumprimento de sua missão para recuperar o clero de Verona? Não. Não duvidou. Ele não era pessoa indecisa, tímida, desconfiada. Principalmente em se tratando de realizar a vontade de Deus. E a vontade de Deus para ele se manifestava através da voz da obediência. O Sr. bispo o havia incumbido de trabalhar para salvar do fracasso o clero. Pe. Gaspar obedecia, certo de estar obedecendo a Deus. Quem faz a vontade de Deus sempre acerta, sempre atingirá os fins que Deus tem em mira. Por isso, ele não duvidou, não temeu, não fraquejou. Também não se acomodou à situação. Lutou de frente contra os miasmas da decadência geral, reconhecendo as felizes exceções. Apontava corajosamente os vícios, a ruína, de tantos ministros do Altar e de tantos candidatos a essa dignidade. Sua palavra tornava-se veemente, sacudia as consciências, era destemida como a de um honesto árbitro de futebol quando marca sem receio e com firmeza, diante de todos, ele sozinho, a alta penalidade, sem dar confiança a reclamações e a revoltas. O que ele queria era que, no jogo de forças entre Deus e os homens, os sacerdotes fossem fervorosos elementos de união e adoração, de respeito e serviço, de fé, esperança e amor; orientadores fiéis do povo cristão para Deus, de modo que a vitória sempre estivesse do lado certo, isto é, do lado de Deus, exatamente.

Uma das condições por ele exigida ao clero, a fim de renovar as mentalidades, era a de pronta e perpétua adesão de todos ao Papa. Isto, porque naquela época o grande salteador de nações, Napoleão Bonaparte, havia trancado o papa Pio VII em prisão, isolando-o do contato com a Igreja.

Outra condição, ainda, era a de que os sacerdotes se mantivessem unidos, para juntos mais facilmente se animarem uns aos outros naqueles tempos tão difíceis e relaxados.

Naquele tempo, uma heresia muito bem disfarçada tinha conseguido penetrar, ao menos até certo ponto, na mentalidade de uns tantos elementos do clero, com grande prejuízo para o pastoreio das almas. Era a heresia do Jansenismo. Ensinava ela temas muito errados a respeito da liberdade do homem e da graça de Deus. Além disso, procurava afastar as pessoas da Sagrada Comunhão freqüente. Imagine-se o mal que estas doutrinas propagavam no meio do povo, através daqueles sacerdotes que se tinham deixado envenenar por elas.

Pe. Gaspar bem viu que, para corrigir os males que o Jansenismo causava à Igreja, era preciso reagir. Como estava longe de ser uma pessoa acomodada e omissa, pôs mãos à obra. Sempre que surgia a ocasião, marcava aqueles erros e os desmascarava. O quartel general da luta contra aquela heresia era a sua casa. Ali se reunia o grupo de sacerdotes que diariamente estudava em conjunto a doutrina eclesiástica, a Sagrada Escritura, e também literatura e ciências. De um lado, com estes estudos, aperfeiçoavam a cultura. De outro lado, premuniam-se contra as sanhas do Jansenismo, que sabia muito bem penetrar pouco a pouco, quase despercebidamente.

É claro que os jansenistas logo perceberam quem era a alma de toda a luta contra os erros deles. Puseram-se também eles a lutar contra o líder do campo contrário. Mas Pe. Gaspar não olhava para considerações humanas, quando se tratava de defender a verdade e mostrar as venenosas astúcias dos jansenistas.

Assim, numa reunião do clero para estudo de Teologia Moral, um sacerdote pertencente a uma Ordem Religiosa, impregnado daqueles erros, levantou-se e, tomando a palavra, pretendeu contradizer a doutrina que Pe. Gaspar havia terminado de expor. Acontece que Pe. Gaspar expunha a doutrina, não a capricho, mas baseado na Sagrada Escritura, na Tradição da Igreja, nas obras de Santo Tomás de Aquino. Estava, portanto solidamente fundamentado. Ao passo que aquele jansenista se utilizou de argumentos aparentemente certos, mas na realidade falsos, para desautorizar Pe. Gaspar. Derramou nas palavras as heresias já condenadas pela Igreja Católica. Pe. Gaspar não se afobou. Ouviu, simplesmente. Ouviu tudo com tranqüilidade. Depois, quando o jansenista encerrou o seu palavreado, tomou a palavra Pe. Gaspar. Então, rebateu, um por um, todos os erros expostos por aquele sacerdote. Sua resposta foi tão cheia de sabedoria e doutrina, que o jansenista tentou desconversar. Nada feito! Pe. Gaspar não deixou. Segurou o jansenista no assunto e rebateu ainda mais os erros dele com tantas provas que o fez calar a boca, enquanto os outros padres presentes ficaram maravilhados diante dos profundos conhecimentos daquele sacerdote que o derrotara.

3 - Formação Permanente.

Pouco serviria reformar o clero, se depois não se desse a necessária assistência para a sua perseverança no bem. Um dos setores em que Pe. Gaspar prestou suas atividades para manter viva a formação do clero foi o chamado Colégio dos Acólitos. Era uma instituição bem antiga em Verona, pois já contava com cerca de 400 anos. Nele, havia todo 23 clérigos, unidos para ajudar nas cerimônias e executar os cânticos durante as missas e as funções litúrgicas dominicais na catedral. Pe. Gaspar foi encarregado de atender os membros do colégio, em confissões extraordinárias, e de pregar mensalmente o retiro aos mesmos. Com toda a diligência de que era capaz e a que estava habituado desempenhou-se otimamente deste encargo. Levou sempre o calor do seu zelo e o vigor de seus conhecimentos teológicos e bíblicos. Constituiu assim, na mentalidade dos acólitos, uma barreira segura contra os desmandos daqueles tempos calamitosos.

Outra atividade em que se desdobrou, para manter firme na fé e na religião o clero de Verona, foi a que desenvolveu, quando incumbido de pregar a palavra de

Deus, dirigir no caminho da espiritualidade o seminário. Por dois anos seguidos dedicou-se a este valioso trabalho.

Quando, por motivo de suas doenças, não pôde mais continuar a ir lá para o cumprimento do seu múnus, os seminaristas e os padres novos marcaram o endereço dele a fim de freqüentemente procurá-lo na exposição e solução dos seus problemas vocacionais e espirituais.

A um certo ponto, o bispo nomeou-o examinador oficial das vocações na diocese. Durante 20 anos a decisão sobre vocação sacerdotal era tomada pelos seminaristas sempre após diálogo com Pe. Gaspar. É interessante frisar que Pe. Gaspar tinha um dom especial de penetrar no íntimo das pessoas e ver claro o rumo a que Deus as chamava. Assim, munido de qualidades e iluminado pelos dons do Espírito Santo, sabia animar os tímidos e os desanimados, quando realmente reconhecia neles a vocação sacerdotal, como sabia também usar de firmeza, se encontrasse algum candidato às fileiras clericais guiado por motivos humanos, sem vocação alguma. Neste caso, não se deixava dobrar nem por razões nem por influências de quem quer que fosse.

Uma outra forma de seu apostolado, com referência à formação permanente do clero, foram os retiros que, durante sua enfermidade, pregou numa capela vizinha ao seu quarto ou no seu próprio quarto de doente. Às vezes os retiros eram pregados individualmente a um único cursista; outras vezes eram pregados a um grupo maior ou menor de clérigos. Isto é tanto mais para admirar porque a sua doença não foi nenhuma dorzinha leve, diríamos quase esportiva. Absolutamente não. Foi muito longa e muito dolorosa. Trataremos deste assunto mais adiante. Mas, apesar de todas as suas dores, sempre se mantinha muito superior às mesmas. Esquecido de si, dava aos outros o pão da palavra de Deus através da pregação, naqueles maravilhosos retiros.

Quantas conversões foram realizadas pela graça divina por meio das pregações daquele virtuoso enfermo! Quantas orientações para uma vida mais perfeitamente cristã! Só Deus sabe! Nós podemos apenas assinalar algum caso concreto, para documentar e concretizar o tema.

4 - Episódios reveladores.

O primeiro episódio de que temos notícia certa é o seguinte. O bispo diocesano estava preocupado com um pobre sacerdote decaído, o qual havia corrompido menores, entregue aos seus cuidados educativos. O padre fora processado e condenado a cinco anos de prisão. O condenado podia ser detido pelo bispo, em lugar devidamente seguro e isolado. O bispo se comprometeu a tomar as providências para que o réu não pudesse sair do local por motivo nenhum. O local era uma secção do seminário, completamente separada de qualquer contato com os seminaristas. Antes disso, o bispo o admoestou paternal e severamente; depois o mandou cursar os Exercícios Espirituais e receber orientação condigna em casa de Pe. Gaspar, já doente. O resultado foi um profundo arrependimento do moralmente esfarrapado sacerdote. Claro que nem por isso o réu deixou de ser detido e confinado na competente repartição do Seminário. Entretanto, Pe. Gaspar o havia convertido a melhores sentimentos.

Aliás, naqueles tempos, em que, como já vimos, o clero se achava em grave decadência, havia diversos padres detidos dentro daquela repartição do seminário. Por sua vez, Pe. Gaspar era o encarregado da recuperação de todos eles.

Um segundo episódio que merece citação refere-se a um padre que havia renegado a religião. Foi enviado ao Pe. Gaspar. A voz, o olhar, as palavras inflamadas de amor de Deus e do próximo, que o padre apóstata ouviu ao pé do leito do enfermo, penetraram no coração, sacudiram-no salutarmente e o levaram a voltar à religião e ao sacerdócio, após uma confissão acompanhada de fervoroso arrependimento.

A força da palavra e do exemplo de Pe. Gaspar comovia os corações mais empedernidos. Um exemplo. Aconteceu quando Pe. Gaspar podia ainda locomover-se e agir com suficiente saúde. Foi no ano de 1813. Um padre, de nome Ângelo Allegri, tinha resolvido, lá por seus motivos, envenenar o irmão. Entretanto, as coisas não correram como ele havia perversamente planejado. Ao invés do irmão, envenenou por engano a mãe. Além de haver apostatado da religião e do sacerdócio, tornou-se criminoso. Mas continuou a usar a batina, como qualquer outro bom sacerdote do seu tempo. Foi preso e condenado à pena de morte. Na prisão, diversos padres foram visitá-lo para levá-lo a confessar-se antes de morrer. Mas Ângelo Allegri irrompia com blasfêmias e injúrias. O escândalo ganhava publicidade e todas as pessoas de boa formação lamentavam aquele tristíssimo caso como um monstro de má conduta. O vigário geral da diocese solicitou a Pe. Gaspar que fosse ter com o condenado. Pe. Gaspar dispôs-se a ir sem demora. Mas era noite. Disseram-lhe que tinha tempo de ir no dia seguinte. O virtuoso padre não dormiu aquela noite. Passou-a toda inteira a rezar pelo infeliz. Logo de manhã cedo foi à cadeia. Lá encontrou o monstro repelindo uns padres e negando-se a pedir perdão através do sacramento da Penitência. Contudo, no meio daquele esbravejar furioso, ele relanceia os olhos para um lado e vê que se aproxima Pe. Gaspar. Imediatamente, fala que o aceita como um enviado de Deus para lhe trazer o perdão. É claro que não foi preciso mais nada. Pe. Gaspar ouve-lhe a acusação dos pecados, enquanto os outros padres se retiram. O réu chorou sinceramente os seus crimes e, enquanto esperava pela hora da execução da pena, continuou a pedir a Deus misericórdia e, às pessoas, mil desculpas pelo escândalo praticado. Morreu às mãos da justiça, conforme sentença do tribunal. Ao seu lado, até o último instante, achava-se Pe. Gaspar, sugerindo-lhe bons sentimentos de resignação e de esperança em Deus.

A penetração psicológica mais a graça do Espírito Santo davam a Pe. Gaspar uma capacidade extraordinária, para julgar da autenticidade das vocações e das precauções a serem tomadas na defesa das mesmas. Enquanto cursava os Exercícios Espirituais, o seminarista José Gaziero perturbou-se tanto no seu íntimo, que adoeceu e teve que sair do seminário para tratamento. Ninguém conseguia acalmar a agitação que havia acometido o jovem, nem mesmo o próprio bispo. Porém, numa entrevista com Pe. Gaspar, ele sentiu-se em paz e animado a voltar ao seminário. Tinha enfim superado as dúvidas, as agitações que lhe maltratavam a alma. Contudo, Pe. Gaspar não se limitou a encorajá-lo ao retorno para o seminário. Deu-lhe também um documento. Nele, orientava o moço a nunca mais tomar parte nos Exercícios Espirituais, pois os sermões que se faziam durante os mesmos, principalmente sobre a morte, o julgamento, o inferno, deixavam-no arrasado e

enfermo. O seminarista mostrou o documento ao reitor do seminário. Este, vendo a assinatura de Pe. Gaspar, aceitou aquela orientação sem pestanejar. José Gaziero ficou dispensado dos Exercícios Espirituais. Chegou a ser ordenado padre, sem mais problemas. Corriam os anos tranqüilamente. Um dia bem triste ele foi acusado, perante o bispo, de não participar dos Exercícios Espirituais. Foi acusado também de seguir o liberalismo. O bispo, verificou que realmente o Pe. José Gaziero brilhava pela ausência, quando o clero se reunia para os retiros. Escreveu-lhe uma reprimenda, acompanhada de ameaças, se ele não se apresentasse para os próximos cursos. O pobre padre muitíssimo sensível, foi desabafar com um outro padre, que, sabendo da orientação especial do Pe. Gaspar a favor daquele colega, pediu-lhe o documento e mostrou-o ao bispo. Por sua vez, o bispo, reconhecendo o engano, retirou a ordem e as ameaças e pediu que fosse consolar e animar a vítima. Tarde demais! O coitado sofreu tanto, tanto, que brevemente sucumbiu e morreu. No leito de morte, declarou: "Eu morro logo. Este espinho dói-me demais. Que bom se, para me escusar, eu tivesse mostrado ao bispo com mais antecedência o documento de Pe. Gaspar! Deixei de mostrá-lo porque julguei que não me dessem crédito".

Estes fatos são muito eloqüentes para levar-nos a proclamar que Pe. Gaspar Bertoni tinha dons especiais na direção das almas e na verificação das vocações. Mostram-nos também a sua influência, importante e valiosa, no meio do clero da diocese de Verona e o bem que exerceu entre seminaristas e sacerdotes.

5 - Conclusão.

A recuperação do clero e a reconstrução da vida cristã e eclesial no mesmo foram se realizando rapidamente. Tanto isto é verdade que, quase alguns anos depois, o clero de Verona se havia tornado exemplar e o seminário podia ser considerado uma forja de sacerdotes zelosos e modelares.

É claro que não podemos atribuir todo o mérito da reforma unicamente a Pe. Gaspar. Outros sacerdotes virtuosos trabalharam lado a lado para atingir tão elevado objetivo.

Vem aqui a propósito aquele trecho da Sagrada Escritura: "Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer. O que planta ou o que rega são iguais; cada um receberá a sua recompensa, segundo o seu trabalho." (1 Cor 3,6-8). Com relação a estas palavras bíblicas, Pe. Gaspar comenta: "A fim de que se veja que a renovação do clero é obra dele e não do homem, freqüentemente Deus se utiliza de alguns dos seus ministros apenas para manifestar ao mundo este intuito de vocação e como que para dar início ao plano da reforma. Na execução, serve-se de outros ministros fiéis, como vemos neste passo da Escritura." E prossegue: "Ninguém, mesmo se chamado a missão extraordinária, julgue estar sozinho. Encontrará pela caminhada muitíssimos companheiros, impregnados de igual e maior espírito do Senhor."

Sem dúvida, Pe. Gaspar não esteve sozinho. Em primeiro lugar, porque, se não fossem os dois zelosos bispos, D. Liruti e D. Grasser, que se sucederam na direção da diocese de Verona, provavelmente nada de eficaz haveria sido realizado. Em segundo lugar, contam-se também, na difícil arrancada de renovação do clero, outros sacerdotes, virtuosos e ativos, como Leonardi, Fortis, Provolo, Steeb, etc. A

Pe. Gaspar coube uma parte bem audaciosa e difícil nesse trabalho tão importante e urgente, dentro do ambiente do clero veronês do seu tempo.

Capítulo V - A Pregação da Palavra de Deus

1 - Preliminares.

Convém recolocar-nos dentro daquele ambiente que já descrevemos ao princípio desta segunda parte. Por 15 anos, e até mais, em todas as regiões, também na de Verona, tinha-se repetido a palavra LIBERDADE, entendida como libertação de toda a lei de Deus e, portanto, como libertinagem. Para os divulgadores daquela falsa doutrina, já não era preciso ter medo do inferno, nem pensar em pecado, em ofensa a Deus. Todos passavam a ser completamente livres. Só era proibido fazer o que o governo não deixava, pois o governo tinha a força na mão. Tais idéias, como sabemos, haviam partido da França e logo conquistaram a opinião de gente numerosa. Pudera! Nem é preciso explicar por quê. Daí a multiplicidade de pessoas que suportavam as tristes conseqüências do abuso do sexo, o grande número de prejuízos de toda espécie causados aos indivíduos e à sociedade, o ódio das vítimas de todo esse estado de coisas. Por uma razão ou por outra, a depravação era geral.

Além disso, em 1816, Verona, como outras regiões da Itália e da Europa, curti as amarguras da fome, devido à carestia tremenda e ampla, que parecia advertir os homens acerca daqueles desmandos da liberdade.

Como resultado, havia muita gente que, feita a experiência do descontrole, ou prejudicada pelos libertinos, sentia um gigantesco enjôo de toda esta situação sem Deus e sem moral. Como o filho pródigo longe do lar paterno, em meio à penúria e aos porcos (Lc 15, 11-32), ansiava por um retorno ao Pai sábio e misericordioso.

2 - O Grande remédio.

Para grandes males, grandes remédios. As autoridades religiosas de Verona receitaram extensas missões populares. Na paróquia de São Firmo, as missões tiveram por dirigentes um valoroso missionário, o Cônego Luigi Pacifico Pacetti. Digno avaliar no importante ministério foi Pe. Gaspar Bertoni. A missão durou desde quatro até vinte e seis de maio. Contudo, os trabalhos dos dois pregadores não desenrolaram tão pacificamente como se poderia imaginar. Houve muitos obstáculos. O diretor, Pe. Pacetti, comentou que sofreu na missão de São Firmo dificuldades tão fortes que pareciam provir do inferno inteiro. Dificuldades para encontrar um padre ajudante, pois os seus colaboradores, possíveis e capazes, estavam impedidos! Não fosse Pe. Gaspar... Foi ele quem salvou a situação. Dificuldades causadas por pessoas malévolas, que espalharam falatórios de todo o gênero contra a missão! Tanto que mal haviam passado sete dias de atividades, o bispo ordenou a suspensão das pregações. Entraram em ação os que se interessavam pela continuação da missão, para o bem das almas, e conseguiram que o Sr. bispo retirasse a ordem. Concordou ele, mas sob a condição de que fossem eliminados os sermões dialogados.

É bom saber que naquele tempo estava em uso esse tipo de sermão: falavam dois pregadores; um apresentava objeções contra a doutrina da Igreja e o outro

mostrava, com argumentos, o erro das objeções e apontava a doutrina certa. Com esse sistema julgava-se esclarecer melhor o povo sobre os ensinamentos da religião. Contudo, havia um grave perigo, porque, se o pregador que representava o erro fosse mais eloqüente do que aquele que defendia a doutrina, o povo guardava mais facilmente o erro do que a verdade. Por isso, a autoridade diocesana deu ordens para que fosse evitado esse tipo de sermão. E assim se fez. A missão de São Firmo prosseguiu, tendo por pregador apenas um de cada vez, eliminados completamente os sermões dialogados.

Chegou ao fim no dia programado, 26 de maio e foi seguida de um tríduo de agradecimento a Deus pelo bom êxito.

Nem por isso ficaram satisfeitos os adversários, que viam nas missões apenas um movimento de fanáticos e de ignorantes. Propensos à errônea doutrina do jansenismo, eles maneжaram as coisas de tal sorte, que, por meio da calúnia, convenceram o governador, residente em Verona, a tomar atitudes contra as missões.

Como consequência, o Cônego Pacetti ficou proibido de dar missões para o futuro, e isto por ordem do governador. Entretanto, seja o diretor, Cônego Pacetti, seja o auxiliar, Pe. Gaspar, não se intimidaram. Assim como os maus trabalhavam para desfazer e destruir, assim eles trabalharam para refazer e construir. De sorte que o Cônego conseguiu que a proibição não tivesse efeito e continuou a pregar outras missões. Quanto a Pe. Gaspar, quando a ordem do governador veio ao seu conhecimento, resolveu o problema de outra forma, como veremos pouco mais adiante.

3 - Em plena atividade missionária.

Antes do mais, é chegado o momento de explicar os sentidos da palavra "Missões", sob o ponto de vista religioso. Dois são os sentidos que mais vêm ao caso. O primeiro refere-se ao trabalho exercido pela Igreja em terras de pagãos, a fim de anunciar-lhes Jesus e seu Evangelho. O segundo compreende uma série ordenada de pregações, palestra e celebrações, no intuito de afervorar a vida religiosa do povo já evangelizado e cristão. Estas são chamadas "Missões Populares". É destas que tratamos no presente capítulo.

Vejamos Pe. Gaspar em plena atividade missionária no meio do povo cristão de Verona.

Os sermões reservados a ele, durante a missão, eram as meditações, nas quais o pregador procuraria levar os ouvintes a aprofundar com a reflexão e o fervor as verdades da salvação e os exemplos de Cristo.

Infelizmente, ele não deixou por escrito o que proclamava ao povo! Dispomos apenas de alguns apontamentos muito poucos, do conteúdo de suas meditações durante a missão. Temos, porém, a afirmação de Pe. Cesare Bresciani, testemunha pessoal, que ouviu Pe. Gaspar pregando aquelas meditações. Diz ele: "Do mesmo valor do missionário apostólico, o romano Pacetti, já consumado no exercício das missões, ele (Pe. Gaspar) se lhe igualava na felicidade da exposição, superava-o na unção e na capacidade de induzir o ouvinte a realizar a proposta conversão".

A palavra de Pe. Gaspar, toda repassada de vida íntima com Deus, dominou logo de começo aquela multidão de pessoas, entre as quais se encontravam muitas

vítimas do ambiente perverso que apresentamos anteriormente, gente desencaminhada para longe da religião e da salvação eterna pelas doutrinas revolucionárias vigentes na época. É importante considerar que Pe. Gaspar falava as coisas francamente, com energia, visando exatamente sacudir as consciências sem meias medidas, sem fazer média, como se costuma dizer. Apesar disso, sentia-se que suas frases provinham não de um coração amargo e mal humorado, mas de um grande amor de Deus e de um ardente zelo pela salvação eterna dos ouvintes. Tanta era a eficácia espiritual das expressões do pregador, que o auditório permanecia tomado de atenção profunda, num silêncio extraordinariamente significativo, cortado amiúde pelo pranto e soluços que irrompiam aqui, ali, entre os ouvintes. Era o sinal de arrependimento e conversão. Uma vez, em plena pregação, diante daquelas palavras inflamadas, um pecador inveterado sentiu-se tão fortemente sacudido pelo remorso, que, interrompendo o pregador, começou a fazer em voz alta a confissão pública dos pecados cometidos durante setenta anos de afastamento de Deus.

4 - Outras formas de pregação popular.

Foi tão grande o bom resultado desta missão na igreja de São Firmo, que o bispo solicitou se fizesse um tríduo de agradecimento.

Contudo, as maquinações dos adversários do bem, os quais já haviam tentado impedir a realização das missões, conseguem agora, por ordem do governador, que o bispo suspenda o tríduo já no seu segundo dia. A calúnia havia funcionado de novo, contra o fervor apostólico de Pe. Gaspar e o zelo do Cônego Pacetti. Que faz então Pe. Gaspar? Era proibido realizar o tríduo? Pois não! Obedeceria! Como sabia, porém, que aquela proibição vinha incitada pela maldade da calúnia, não lhe deu muita bola. Descobriu logo um jeito para substituir o tríduo por uma Via-sacra. A Via-sacra não tinha sido proibida... O interessante é que, com a sua habilidade oratória, a sua inteligência extraordinária, o seu conhecimento de Teologia e da Sagrada Escritura, conseguiu com toda a facilidade fazer em cada estação reflexões tão bem adaptadas, que, na realidade a Via-sacra foi transformada numa espécie de recapitulação das missões. Isto serviu para consolidar o bom êxito das missões e fortalecer o povo no seu bom propósito de conversão. Nem por isso Pe. Gaspar se desviava da meditação de cada um dos passos da Via-sacra. Justamente, meditando diante daquilo que cada um dos quadros apresentava, ele, muito habilmente, soube introduzir o conteúdo da missão, em suas palavras repassadas de devotamento e ardor.

O povo concorreu numeroso e as conversões realizadas por aquela Via-sacra somaram-se às conversões atingidas pela pregação das missões. Pe. Gaspar comovia profundamente as almas. Aquelas manifestações de arrependimento verificadas durante as missões tornam agora a se manifestar durante a Via-sacra: as lágrimas do povo eram as melhores testemunhas de tudo isso.

Uma outra forma de pregação popular foi o Oitavário, isto é, oito dias de preces e pregações, que, de certo modo, trouxeram à memória do povo a lembrança das missões de 1816. O oitavário foi pregado em 1817, no ano seguinte, portanto. Deu motivo a esta celebração uma grande carestia de víveres. Fome, abatimento de forças e morte eram por toda a parte cenas comuns. Pregadores do Oitavário foram novamente o Cônego Pacetti e Pe. Gaspar Bertoni, mais o virtuoso e muito preparado

Pe. Leonardi. No desenrolar do Oitavário, de 8 a 16 de maio, houve muito serviço para os padres, entre atendimento ao povo, pregações e comunhões, sem contar com o cuidado dispensado às pessoas que também nesta ocasião se convertiam para a vida cristã.

Pe. Gaspar pregou igualmente em Mântua. Só que aqui se tratou, não de proporcionar missões ao povo, mas de pregar Exercícios Espirituais, isto é, um retiro prolongado e especial, ao clero da diocese. Foi uma exceção na vida dele. Só esta vez ele saiu da diocese de Verona.

Um importante tríduo de penitência pregou no ano de 1831. O bispo quis que todas as paróquias da diocese realizassem esse tríduo. Na catedral, o pregador, por vontade do bispo, foi Pe. Gaspar. Motivo desses tríduos: o alastramento do cólera-morbo, uma epidemia perigosíssima. Já se havia esta enfermidade alastrado por outras regiões do Globo. Veio chegando à Europa até que se declarou também na cidade e região de Verona. Era preciso fazer penitência. Sem dúvida, as medidas higiênicas e preventivas foram minuciosamente assumidas, tanto quanto o permitiam os meios à disposição das autoridades daquela época. Contudo, a humanidade havia cometido tantos crimes e tantos desmandos em nome da igualdade, fraternidade e liberdade, que era mais do que justo fazer penitência, acompanhada de arrependimento, por tantos pecados merecedores de tantos castigos.

Mas não se pense que tudo na vida de Pe. Gaspar era só pregações seguidas de conversões numerosas. Exatamente porque suas palavras, corroboradas pela graça divina, convertiam muita gente, ele tinha muitíssimo trabalho em atender as confissões, também numerosas. Mesmo havendo outros sacerdotes à disposição do público nos diferentes confessionários, o de Pe. Gaspar tinha a fila mais longa. Era ele o confessor mais solicitado. Pudera! Todos sabiam que diante dele sentiam uma atmosfera nova, um mundo diferente, alguma coisa como se a gente estivesse diante de Jesus.

Toda esta atividade foi aqui enumerada, sem que tenhamos acenado que ela vinha crucificada pelas suas enfermidades, bem penosas. Apesar delas, ele se desdobrava tanto quanto podia, desgastando-se fisicamente, contanto que conquistasse almas para Cristo. Em capítulo à parte trataremos das suas doenças paciente e corajosamente suportadas.

5 - Conseqüências.

Por este dinamismo apostólico de Pe. Gaspar, somado à ação incansável de outros colegas de sacerdócio, Verona mudou de fisionomia. A mesma transformação espiritual que se realizou no clero, também se efetuou nos fiéis e nos pecadores em geral. As confissões eram muitas, de dia e de noite, em todas as igrejas de Verona, conforme o testemunho do diretor da missão de São Firmo, o nosso conhecido Cônego Pacetti.

Houve, porém, uma conseqüência de grande amplitude e que influiria poderosamente na finalidade da Congregação religiosa que Pe. Gaspar estava para instituir. Vendo, com os próprios olhos, o enorme benefício ocasionado pelas missões, enquanto pregava na igreja de São Firmo, concebeu a idéia a de que sua congregação teria por finalidade reunir e formar missionários, pregadores da palavra de Deus. É verdade que já tencionava fundar a congregação, mas estava como que à

espera, buscando a vontade divina em torno da finalidade desse instituto. A resposta lhe veio exatamente através das missões que ele mesmo estava ajudando a pregar. Seus religiosos seriam missionários apostólicos, divulgadores da mensagem do Evangelho, em toda parte.

Outra consequência de suas atividades missionárias foi a de que o Cônego Pacetti pediu à Santa Sé, em favor de Pe. Gaspar, o título, muito merecido, de MISSIONÁRIO APOSTÓLICO. Ele aduziu, como razão deste pedido, o fato de que Pe. Gaspar havia pregado missões, por várias vezes, junto com ele e que sempre se demonstrou zeloso no trabalho, sábio e seguro na doutrina, recomendável na vida exemplar. De fato, a Santa Sé atendeu o pedido do cônego e conferiu a Pe. Gaspar a 20 de dezembro de 1817 o muito honroso título de MISSIONÁRIO APOSTÓLICO.

Capítulo VI - CONGREGAÇÃO DE EVANGELIZADORES

1 - Antecedentes.

Pe. Gaspar deixou escrito, nos seus apontamentos, um trecho no qual sugere ter recebido inspiração do Alto, com referência à fundação de uma congregação religiosa. Antes de citar o trecho, para compreendê-lo claramente, lembremos alguns itens importantes: 1) Fala-se nele de Santo Inácio, que é o fundador da Ordem dos Jesuítas; 2) Esta Ordem havia sido suprimida em 1773, por artes de uma bem organizada perseguição contra ela; 3) Pe. Gaspar escreve o trecho no ano de 1808, portanto no período em que vigorou a supressão dos Jesuítas; 4) repare-se que, nas palavras de Pe. Gaspar, lê-se uma inspiração proveniente de Santo Inácio que este santo o instiga a reavivar, NUMA CONGREGAÇÃO RELIGIOSA, a mentalidade parecida com a que ele mesmo havia instilado na Ordem dos Jesuítas

Vejamos agora o trecho anotado por Pe. Gaspar: "Numa visita ao altar de Santo Inácio, com os meus companheiros, experimentei muita devoção e recolhimento, mais alguma suavidade interna e alguma lágrima, embora a visita foi breve. Parecia-me que o santo me acolhia com boa sombra e me convidasse a promover a maior glória de Deus, seguindo os mesmos caminhos, mas não por todos os modos, como ele fez. Parecia-me que nos queria dizer: Coragem, soldado de Cristo, armai-vos de fortaleza, pegai do escudo da fé, capacete da salvação, da espada da palavra e pelejai contra a antiga serpente, fazei reviver em vós o meu espírito, e também nos outros por vosso intermédio".

Por outro lado, Pe. Gaspar não se cansava de orar a Deus. Precisava entender bem claro se a sua vontade sacrossanta de fato que ele fundasse uma congregação religiosa. Um dia, Deus lhe respondeu através de uma visão. Fez-lhe saber que verdadeiramente sua vontade era que ele, Pe. Gaspar, instituisse uma congregação de religiosos. O próprio fundador contou o acontecimento ao Pe. Marani, pelas alturas do ano de 1812. Realmente, ele não gostava de comunicar a ninguém estas suas intimidades com Deus. Decidiu-se a abrir o seu segredo ao Pe. Marani, porque visava manter em sua companhia um certo grupo de padres, amigos íntimos. Com eles tencionava iniciar a sua Congregação.

la preparando os elementos. Não eram somente padres, mas também alguns seminaristas. A turma inicial era formada de Farinati, Allegri e Marani, mais o clérigo Nicola Mazza.

Eles se reuniam em casa de Pe. Gaspar.

Dado que os tempos eram bem difíceis, por causa das artimanhas da heresia chamada de Jansenismo, eles se preparavam em tais reuniões para combater aquelas aberrações religiosas, as quais tinham transtornado a mentalidade do povo e até de sacerdotes.

Por aceitação geral, o líder dos estudos era invariavelmente Pe. Gaspar. Com o tempo, surgiu no grupo mais um elemento: o clérigo Luis Bragato.

Estudavam com afinco os sábios ensinamentos de Santo Tomás de Aquino, quanto à Teologia Dogmática; a doutrina prudente e suave de Santo Afonso de Ligório, quanto à Teologia Moral. Aprofundavam seus conhecimentos acerca da Sagrada Escritura. Na literatura italiana, de que necessitavam para falar nos sermões e conferências, enfronhavam-se nas riquezas literárias da obra de Dante Allighieri, o célebre autor da "Divina Comédia".

Tais reuniões de estudo eram feitas de noite, todas as noites, de segunda a sexta-feira. Excluía-se apenas os sábados e domingos, dias em que o trabalho nas paróquias era mais intenso e empenhativo.

Mas não se pense que tudo era fácil assim. Nem se imagine que as reuniões para estudo em casa de Pe. Gaspar fossem aprovadas por toda a gente. Nada disso. As reuniões de pessoas eram proibidas. A polícia desmantelava os grupos que encontrasse. Somente a intervenção do bispo diante das autoridades, provando que aquelas reuniões só tinham motivos de estudo e não de política, conseguiu atenuar as suspeitas da polícia. Puderam então aqueles sacerdotes e clérigos continuar os seus encontros.

Acrescente-se que, se era intenção de Pe. Gaspar fundar uma congregação religiosa, que preparava por meio daquele grupo de estudos, as circunstâncias não favoreciam absolutamente uma fundação daquele tipo. Por quê? Porque todos os conventos haviam sido fechados e daí expulsos os religiosos. De sorte que era proibido existir uma congregação religiosa, qualquer que fosse. Entretanto, Pe. Gaspar sabia que era vontade de Deus que se fundasse uma. Por isso, nada temeu. Deu tempo ao tempo. Enquanto o tempo corria e esperavam melhores condições, ele e os seus primeiros companheiros iam-se preparando no estudo e na piedade.

Ao passo que aguardava, ia pensando na finalidade que Deus queria para o seu Instituto. Quando pregava as missões populares de São Firmo, vendo o imenso bem que esse tipo de evangelização proporcionava às almas, teve a inspiração de fixar para a sua congregação o intuito de evangelizar. Evangelizar, pregar o Evangelho, o anúncio do Cristo Salvador. Já vimos isto, quando falávamos das missões em São Firmo.

Tudo enfim esclarecido, chegou-se às vésperas da fundação.

2 - Enfim, nasce o Instituto Religioso.

Era quatro de novembro de 1816. No capítulo referente à escola, dissemos que nessa data Pe. Gaspar se havia reunido com alguns companheiros no prédio que

chamamos de Casa dos Estigmas. Aparentemente, a finalidade era escola. Na verdade, o motivo certo era a fundação Congregação dos Estigmatinos. Fazia-se necessário, porém muito cuidado, para não dar na vista das autoridades civis, que não permitiam a existência de congregações ou ordens religiosas.

Chama-se Casa dos Estigmas ao convento e edifício, porque a igreja anexa era dedicada às Chagas de São Francisco de Assis. Como se sabe, São Francisco recebeu de Deus, em seus membros, as cinco chagas, ou estigmas, ao modo daquelas que feriram mãos, pés e peito de Jesus. Daí então o nome da Escola, do Convento e, com o correr do tempo, também Congregação fundada por Pe. Gaspar: Congregação dos Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quais foram os primeiros estigmatinos? Sem dúvida, o primeiríssimo, foi o fundador, Pe. Gaspar Bertoni. Com ele ingressaram Pe. Giovanni Maria Marani. Também, Irmão Coadjutor, o senhor Paulo Zanolli, torneiro e que agora passa a ser cozinheiro, almoxarife, sem nada entender do riscado. Tanto a casa quanto a igreja estava em péssimo estado de conservação. Com o tempo, era preciso tratar de tudo isso. Por enquanto, o importante era a viver como estigmatinos em comunidade ali mesmo.

Pe. Gaspar cogitava com que fórmula indicaria a finalidade e a mentalidade da congregação. Já tinha determinado que o fim era evangelizar, não havia dúvida. Queria agora uma frase que esclarecesse bem luminosamente este fim. Sabemos que em 1817 ele foi agraciado pela Santa Fé com o título de Missionário Apostólico. Pois bem, tomou esta frase como sendo um lema, curto e claro, indicando a finalidade da congregação. Acrescentou a este lema umas palavras que dão colorido, mentalidade especial da mesma: "em auxílio aos bispos". De modo que todo o conteúdo da finalidade ficou assim expresso: "Missionários apostólicos em auxílio aos bispos."

É interessante observar que o Concílio Vaticano II colocou em realce a doutrina sobre os bispos. Pe. Gaspar, ao determinar sua congregação, antecedeu-se aos tempos: quis a congregação estreitamente unida aos bispos, quis os seus estigmatinos a serviço dos bispos. Assim ficou distintamente concretizada aquela inspiração que tivera durante as missões populares, pregadas na igreja de São Firmo.

Já que a finalidade era de missionários, ou evangelizadores, ele providenciou o preparo dos seus estigmatinos a fim de chegar a este requisito. Para isto, usava do seguinte expediente. Terminada a aula na escola, ao invés de tomar as primeiras horas da noite para descanso, após o jantar reuniam-se numa sala, marcavam o lugar do pregador como se fosse um púlpito. Depois, ia um por um fazer o seu sermão diante dos confrades, como se fosse diante do povo. Assim tinham oportunidade de receber as observações e reparo, corrigir falhas com a colaboração dos companheiros e, principalmente, com a orientação do consumado pregador que era Pe. Gaspar.

Dentro desta visão de evangelização do povo, o fundador da congregação quer que os seus estigmatinos se preparem com ardor e perseverança. Quer que fiquem a par dos conhecimentos de tudo o que pode servir de matéria de sermão, de catequese, de conferência religiosa, etc. Quer também que aprendam a maneira mais apta para falar ao povo, de modo que a palavra de Deus seja, realmente, entendida e

apreciada pelos ouvintes e chegue a mover-lhes o coração para uma conversão sincera e uma formação cristã dia por dia mais profunda.

3 - A família religiosa vai crescendo

Corriam os dias. Um mês depois da fundação, entrava no Instituto mais um membro: o Pe. Michelangelo Gramego. Dois meses após, surgiu mais um: o Pe. Mateus Farinati.

Não pense que os novos elementos entrassem na congregação atraídos por um estilo de vida confortável, despreocupado. Pelo contrário, os companheiros de Pe. Gaspar, mesmo à frente dando o exemplo, optaram por uma vida extremamente mortificada e trabalhosa. O que os levava ao convento dos Estigmas era o ideal de vida sobrenatural, no seguimento de Cristo, em tudo e por tudo, sem restrições. O que lhes dava coragem para tanto era, sem a mínima dúvida a graça de Deus, que os vocacionava para aquele convento. Porque é certo que, quando Deus chama alguém por um terminado caminho, ajuda igualmente a caminhar e perseverar na caminhada.

Destemido e confiando em Deus, nas pegadas do exemplo dos primeiros, vai-se juntar a eles e a Pe. Gaspar o Pe. Modesto Cainer, no ano de 1824, passados cerca de oito anos da fundação do Instituto. Mais cinco anos passados, em 1829, agrega-se àquela turma de virtuosos religiosos o Pe. Francisco Benciolini. Em 1830, chega novo personagem para aquela vida de cristãos de fibra: Pe. Inocente Venturini.

Aquele gênero de comportamento, repassado de penitência e severidade, não era abraçado por mero desejo de faquirismo, simples e vaidosa ostentação de insensibilidade e coragem, mas realmente por uma razão muitíssimo mais alta, pelo amor total a Jesus. Por isso, ele se transforma, muda a sua feição de pavor e passa a adquirir belezas nunca imaginadas. Tem a capacidade de realizar a personalidade cristã do homem, como realizou a de Pe. Gaspar Bertoni e a de seus seguidores, os religiosos da Casa dos Estigmas em Verona.

Mais pessoas continuaram a acorrer para viver naquele convento bendito. Pe. Luís Biadego, foi para lá ainda seminarista. Para lá foi também, como Irmão Coadjutor, Ângelo Casella. Outro ainda seguiu esta vocação: o virtuoso pregador Pe. João Batista Lenotti, ainda bem moço. E não é tudo. Também lá ingressaram o seminarista Luís Ferrari e o Pe. Inocêncio Raimondi, que era professor no seminário diocesano.

4 - Casa de Penitência.

Já anotamos, de passagem, que o convento dos Estigmas não era lugar para conforto e férias. Pelo contrário, era um calvário de sacrifícios contínuos e de incansável apostolado. Vejamos isto mais concretamente. A casa em que os religiosos moravam funcionava também como escola. Imagine-se agora a situação. Casa em péssimo estado, com acomodações insuficientes. Tudo pobre e carente do mínimo que se pode esperar de uma casa de moradia. Não havia quartos em número bastante para cada um dos membros daquela comunidade. Conclusão: um quarto servia para dois ou três religiosos dormirem à noite. De manhã cedo, logo depois do levantar, os ocupantes de cada quarto deviam tirar as camas, colocar no lugar as carteiras e os bancos, a mesa do professor, tudo o que fosse necessário para as aulas a serem dadas durante o dia. Isso, feito uma vez ou outra, não seria lá muito

pesado. Mas acontece que todas as manhãs o trabalho era esse mesmo, transformar os quartos em salas de aula; à tarde, após as aulas, repetia-se todos os dias o inverso: transformar as salas de aula em quartos de dormir. Não havia empregados para essas tarefas. Com tanta pobreza nem se pensava em buscar empregados. Os próprios membros da comunidade, padres e irmãos, se encarregavam do serviço dia por dia, durante o ano letivo inteiro.

Este era apenas um trabalho à parte, porque o verdadeiro trabalho deles eram as aulas, eram os Oratórios Marianos, eram as pregações, eram as confissões, eram os atendimentos de pessoas, eram solicitações religiosas de toda a sorte.

Se perguntarmos pela alimentação, naqueles trabalhosos e difíceis princípios, responderá o Irmão Paulo, o cozinheiro. Segunda-feira, ao almoço: polenta e sopa de verdura; à tarde sopa de verdura e polenta. Terça-feira, ao almoço: como na segunda-feira; ao jantar: também. Quarta-feira: tal qual a terça-feira. Já na quinta-feira, seguia-se o cardápio do dia anterior. A sexta-feira traria alguma novidade? Nenhuma, assim como o sábado. Tinham atravessado a semana somente na base da polenta e sopa de verdura, tanto de manhã quanto de tarde. Que mal havia em que o domingo seguisse o mesmíssimo tipo de cardápio? Assim, não existiam problemas para o Irmão Paulo, o cozinheiro...

Arre! Isso é para matar de tristeza qualquer cristão!

Pode parecer, mas não matou de tristeza nenhum dos que viviam no convento. Antes, reinava ali uma grande e singela alegria. Ainda mais que entre eles se achava um padre cujo caráter jovial semeava alegria em torno de si. Era o Pe. Gramego. Um dia, apareceu à mesa, na refeição, um pedaço de queijo. Novidade extraordinária! Mas o pedaço não era essa grande coisa em questão de tamanho. Dividiram o queijo em tantos pedacinhos quantas eram as pessoas à refeição. Resultado: cada qual recebeu um tamanhinho de queijo do formato de um dado. Só faltavam, em cada face desses dados números de um a seis. Em todo o caso, mesmo sem os números, o Pe. Gramego tomou o dadinho de queijo, fechou levemente na palma da mão, sacudiu-o dentro dela e, à maneira de um jogador esperançoso da sorte, atirou-o sobre a mesa, por diversas vezes, anunciando de cada vez: um, cinco... três... Incrível! O espírito de mortificação, a aceitação da pobreza real, que eles voluntariamente haviam procurado por amor a Deus, era capaz de dourar com o ouro da alegria todo aquele ambiente de penitência extrema.

Falamos do prédio, que estava em péssimas condições. Pois estava mesmo. O telhado achava-se todo desconjuntado. Não houve tempo de consertá-lo antes do inverno que já estava às portas, quando entraram naquele convento. Daí, as visitas pouco amigas da neve, que lançava para dentro de casa o desconforto do frio intenso, através de todos aqueles pontos em que o telhado apresentava telhas quebradas ou soltas.

A presença virtuosa de Pe. Gaspar animava a todos aqueles religiosos a aceitar sempre corajosa e alegremente os muitos incômodos, desconforto e carências em que viviam naqueles primeiros tempos.

Além de praticarem o sacrifício com verdadeiro espírito de imitação a Jesus crucificado, encontravam mais um outro motivo para levarem o gênero de vida apurada e pobre. Naquela época, grassava por toda a parte uma carestia tremenda.

Inúmeros eram os pobres que andavam pelas ruas, o rosto pálido, os ossos à mostra. Um quadro desalentador, de miséria e fome, assolou também a cidade de Verona. Todo o mundo sofria, mais ou menos, as conseqüências daquela penúria. De modo que não havia meios para socorrer tanto pobre a mendigar.

Pe. Gaspar e seus religiosos pensavam assim: Se o povo sofre a fome, por que nós não a podemos sofrer? Se a carestia é um castigo do pecado, nós não somos melhores do que os demais cristãos. Vamos sofrer também. Desta forma, abraçaram voluntariamente aquele tipo extremo de vida mortificada. Patrimônio para melhorar a situação eles tinham. Mas não queriam, de forma alguma, ser diferentes dos que mais sofriam, os mendigos das ruas. Distribuía comida todos os dias aos pobres que vinham bater à porta da Casa dos Estigmas. À mesa dos religiosos de Pe. Gaspar podia faltar o necessário, e faltava mesmo; mas os pobres eram sempre atendidos caridosa e generosamente.

5 - A Cruz entra em Casa.

Na Casa dos Estigmas a cruz da penitência era sempre bem-vinda e procurada. Outras cruzes, porém, de gênero muito diferente, aceleraram a purificação espiritual daqueles valorosos membros da Igreja de Cristo.

Pe Gaspar enfermou gravemente. A preocupação foi geral, dentro e fora do convento, entre o povo humilde nas altas rodas de Verona. Todo o mundo rezou, até mesmo com preces comunitárias e públicas.

A doença atacou igualmente o Pe. Luís Bragato, que para se tratar, teve que abandonar o convento, ainda que temporariamente.

Por outro lado, o tifo maltratava a cidade. Pe. Gaspar incumbiu o Pe. Farinati de atender espiritualmente as pessoas atingidas, apesar do perigo do contágio. Pe. Farinati obedeceu e pôs mãos à obra. Adoeceu também. Para recuperar-se, teve que se afastar dos Estigmas e ir respirar ares melhores. Entretanto, não resistiu à enfermidade e veio a falecer. Morreu como holocausto à virtude da caridade, exercida em favor dos empestados de tifo. Ele foi o primeiro estigmatino a morrer. E morreu em pleno exercício de apostolado e amor fraterno.

Mortes, doenças, cruces não faltaram. Contudo, outras cruces, de gênero diferente, entraram no convento dos Estigmas. Chegaram sob a forma repelente da calúnia. Os boateiros, gente de língua de cobra, soltaram no ar o falatório de que nos Estigmas os religiosos viviam à toa, no ócio, desocupados; cercavam-se de conforto e só queriam tranqüilidade e boa vida. Hoje, diríamos que eles querem sombra e água fresca. Algum padre, indisposto contra Gaspar devido ao trabalho deste em reformar o clero, foi contar tudo ao bispo, a fim de que se tomassem providências contra aquele grupo que, dizia-se, dava mau exemplo e morava no convento dos Estigmas.

Que fez o bispo? Não defendeu Pe. Gaspar nem companheiros. Não disse nem sim nem não. Simplesmente chamou os caluniadores e foi com eles à Casa dos Estigmas. Apresentou-se inesperadamente. Quis visitar todas as repartições da casa, informou-se dos trabalhos, de todos os trabalhos, que aqueles religiosos desenvolviam dia por dia. Ia-se vendo e ouvindo. Os caluniadores também tinham que ir vendo e ouvindo. Por fim, ao despedir-se, abençoou aqueles primorosos cristãos e, sempre na presença dos caluniadores declarou-se satisfeito com a vida que levavam

e com os trabalhos que desenvolviam. Não será preciso dizer que os boateiros acabaram ficando esplendidamente desmontados.

6 - Normas para a Congregação.

Toda sociedade bem organizada é dirigida por regulamentos. Pelos regulamentos, atinge a sua finalidade.

Dentro deste princípio, Pe. Gaspar pensou em escrever as regras. Todavia, quando instituiu a congregação, ainda não tinha escrito nada a respeito. A primeira norma foi ele mesmo, sua vida, seus exemplos. Por ele e por sua conduta, os primeiros estigmatinos pautavam as próprias atitudes. Como, porém, cedo ou tarde era necessário dar início à redação das regras, o fundador começou a escrevê-las, depois de muitos anos de vivência com os companheiros no convento. Mas não escreveu tudo de uma vez ou em curto espaço de tempo. Podemos dizer que foi escrevendo à maneira de quem usa um conta-gotas, uma frase hoje, outra amanhã, ou depois de amanhã, ou mais tarde ainda. Estudava, rezava, pedia orações, examinava as primeiras experiências do convento dos Estigmas. Depois, conforme ia percebendo a expressão da vontade de Deus através de tudo isso, lançava por escrito um por um, os artigos de suas regras.

O assunto que ele mais desenvolveu nela foi a caridade fraterna. Tanto realçou este aspeto da vida prática dentro da congregação, que por pouco o assunto da união caridosa entre os confrades tomam a metade do regulamento. A caridade evangélica deveria ser não apenas uma regra para os seus seguidores. Deveria ser muito mais que isso: o **DISTINTIVO DA CONGREGAÇÃO**. Leia-se o que escreveu a este respeito: "Todos tenham como escopo e distintivo do espírito da sua vocação aquela expressão de Nosso Senhor Jesus Cristo: **NISTO CONHECERÃO TODOS QUE SOIS MEUS DISCÍPULOS, SE TIVERDES AMOR UM PARA COM O OUTRO**".

Bem sabia ele que a união faz a força. Também sabia que, quando esta união é sobrenaturalizada pela virtude da caridade, em vivência real, tal qual a quis Jesus Cristo, então a força se multiplica imensamente. Decorre daí que a congregação, assim profundamente unida, representa uma energia vital dentro da Igreja, seja no que se refere à virtude e vida perfeitamente cristãs de cada um dos seus membros, seja no que diz respeito ao zelo e eficácia do apostolado na pregação e anúncio do evangelho.

Apesar de haver escrito regras de alta sabedoria cristã para os membros da sua congregação, não deu nenhum passo no sentido de pedir à Santa Sé a aprovação oficial próprio Instituto. Por quê? Seria por sua grande humildade? Sem dúvida que sim. Ele dotou a congregação somente de regras apropriadas, mas também de patrimônio material, a fim de lhe dar solidez e substância também sob este aspeto. Não queria, porém, ser considerado o fundador da congregação. Desejava cumprir a vontade de Deus, que era a de fundar a congregação, mas, uma vez fundada queria que seu próprio nome desaparecesse. Se pedisse aprovação à Santa Sé, é claro que seu nome apareceria. Ele era muito humilde. Preferia agir, mas esconder-se sempre bem no fundo da humildade. Por isso, somente depois da sua morte é que foi requerida e obtida a aprovação oficial da congregação.

Capítulo VII - AMPLITUDE E ESPÍRITO DA EVANGELIZAÇÃO

1 - Um pouco da Teologia da Evangelização.

O Evangelho de São Mateus termina com estas palavras: "Os onze discípulos foram para a Galiléia, para a montanha que Jesus lhes tinha designado. Quando o viram, adoraram-no. Entretanto, alguns hesitavam ainda. Mas Jesus lhes falou: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que eu vos mandei. Eis que estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo". (Mt 28, 16-20).

Jesus dá aos seus apóstolos, portanto, a ordem de ensinar a todas as nações; dá também o conteúdo deste ensinamento: o que ele mesmo ensinou.

Ora, os bispos são os sucessores dos Apóstolos. Por isso, a eles cabe o dever principal de ensinar, isto é, pregar o evangelho de Jesus Cristo, tudo o que Jesus ensinou. Como o sacerdote participa do poder pleno do bispo, ele também deve ensinar, ou pregar a doutrina de Jesus, mas na dependência do próprio bispo.

Uma visão profundamente evangélica sobre os bispos, além de muito bem atual, o Concílio Ecumênico Vaticano II explicitou-a no capítulo III do seu memorável documento, intitulado "Lumen Gentium". Evidenciou em claro destaque o papel deles na Igreja de Cristo. Cerca de um século antes que isto acontecesse, Pe. Gaspar fazia ressaltar a importância do bispo diocesano diante de cada um dos seus estigmatinos. Instituiu sua congregação como sendo de Missionários Apostólicos em OBSÉQUIO (ou auxílio) AOS BISPOS. Se aos bispos cabe o dever primordial de pregar o evangelho, aos estigmatinos cabe este dever com a consciência de estarem ajudando ao bispo, na dependência do bispo, como participação do empenho próprio do bispo. Aliás, esta é a atitude proclamada pelo Código de Direito Canônico: ninguém pode assumir o múnus da pregação se não estiver autorizado pelo bispo.

2 - Condições de êxito na Evangelização.

A evangelização não é um empreendimento de ordem natural, como, por exemplo, a lavoura, a indústria, o comércio, a escola. Ela se situa num nível muito mais alto. É de ordem sobrenatural. Por isso, precisa de meios de ordem sobrenatural também. Pe. Gaspar resume tudo isto nesta expressão latina: CONTEMPLATA TRÁDERE.

"Trádere", isto é, comunicar aos outros, por meio da pregação, tudo aquilo que o estigmatino viveu na sua vida espiritual, na sua união com Deus, toda a sua vivência batismal. "Contemplata". Aquilo que antes foi contemplado na meditação das verdades evangélicas, na recitação das preces, na celebração da santa missa, e que foi transformado em vida intensamente espiritual pelo crescimento diário e contínuo na virtude, isso deve ser proposto aos outros. Trata de uma espécie de contemplação vivencial de Deus, ou uma reprodução da vida divina em todos os aspetos da vida do estigmatino. O verdadeiro estigmatino precisa, pois, ser antes de tudo um verdadeiro cristão, um religioso, um sacerdote eminentemente exemplar. Assim, repleto de Deus terá sentido real o que ele prega, qualquer que seja o tipo de sermão, desde a simples catequese às crianças até às homilias dominicais, às novenas solenes,

retiros, missões, etc. Por isso, a este propósito, Pe. Gaspar citava aquela frase do Evangelho: "Quem permanece em mim e eu nele, este produz muito fruto". (Jo 15,5). Veja-se como ele entendia isto numa de suas cartas: Deus "quer que vivamos da vida espiritual, que espiritualizemos tudo; de tal forma que não demos nenhuma importância a tudo o que é objeto dos nossos sentidos; elevando-nos acima de todas as coisas, estejamos mergulhados profundamente nele; confiados na sua infinita misericórdia e bondade, não nos deixemos afastar dele, quaisquer que sejam os acontecimentos em torno de nós".

Parece impossível atingir o alto grau de perfeição que ele exige. Na verdade, porém, o próprio Cristo nos diz que devemos ser perfeitos como o nosso Pai celeste é perfeito. (Mt 5,48). Coerentemente, Pe. Gaspar escreve ainda: "Deus nos fez participantes da sua natureza divina para que não vivamos nem nos comportemos conforme a nossa. Por isso, não devemos medir as forças da primeira natureza (a humana), mas as da segunda, que nos foi comunicada pela graça de adoção de filhos de Deus".

Conclusão: a vida de quem prega o evangelho deve ser vida intensamente evangélica, para que a pregação não venha a tornar-se vazia e mortíça, sem o testemunho da conduta e sem o calor da graça de Deus.

Contudo, não basta tender à santidade evangélica para que o pregador esteja em condições de comunicar aos seus irmãos a palavra divina. É necessário também o Estudo.

Disto nos dá ele um preclaro exemplo, como nos deu de santidade.

Já sabemos quanto ele se aplicava aos estudos desde o tempo da juventude, principalmente no que diz respeito às ciências eclesiásticas. Conhecemos o zelo que, depois de ordenado sacerdote, dedicou em aprofundar os seus conhecimentos, seja individualmente, seja em grupo com outros companheiros.

Nas suas constituições, ou regras que deixou aos estigmatinos, aponta como meio, para atingir a finalidade da congregação, a perfeição na doutrina eclesiástica. Leia-se o que ele escreve a um certo ponto de suas constituições: "Nesta congregação..., é necessária não uma ciência comum, mas um perfeito conhecimento de tudo o que se refere à fé e à conduta." Quer que haja em todos os seus religiosos um sério conhecimento da Sagrada Escritura. Acrescenta igualmente a prescrição de estudar a Tradição da Igreja, através dos Santos Padres, estudar a Liturgia, as decisões dos Concílios ecumênicos, os decretos dos Papas e dos Bispos junto aos quais se vai trabalhar, as prescrições do Direito Canônico, a Teologia Dogmática e a Teologia Moral, a Teologia Mística, a História da Igreja, a Filosofia. O programa de estudos que Pe. Gaspar quer seja desenvolvido nos cursos e após a formatura é intenso e vasto.

Tem razão. Afinal de contas, é prejudicial à Igreja e à glória de Deus o pregador que, ao invés de comunicar aos fiéis a palavra divina, transmite apenas um palavreiro frouxo e sem substância, exatamente por falta de estudo e preparo. Como também é prejudicial o pregador que, ao invés de anunciar o Evangelho, apregoa a política, o sindicalismo, os erros teológicos. É, pois, justíssima a norma deixada aos seus estigmatinos, de que se tome o estudo com toda a boa vontade e perseverança,

a fim de utilizá-lo como material substancial das pregações, palestras, conferências, catequeses, missões, retiros, etc.

3 - Mentalidade do Pregador Estigmatino.

A primeira disposição íntima do pregador, ou mentalidade com que ele deve distribuir o pão da palavra de Deus é o espírito de abnegação. Significa isto que Pe. Gaspar exige do estigmatino a disposição de se sacrificar no intuito de atingir as almas a salvar. Ele quer, por exemplo, que os seus seguidores na congregação estejam dispostos a ir para qualquer lugar, a chamado dos superiores, na evangelização dos homens. Suas palavras, neste ponto, são taxativas. Diz nas regras fundamentais: "Estejam dispostos a ir para qualquer parte, na diocese e no mundo inteiro". Ora, isto ninguém executará sem uma grande dose de abnegação e disponibilidade. Muito instrutiva aqui a explicação dada a estas expressões por um dos primeiros padres da congregação estigmatina, o Pe. Lenotti: "Nós não somos destinados a ficar parados, mas devemos estar prontos, como os soldados, e dispostos a ser úteis a todos e não apenas na diocese, mas igualmente em todo o mundo. Por isso, se algum dos nossos fosse de opinião de que já existe muito que fazer na diocese, sem que se vá dilatando e estendendo o serviço também nas outras, mostraria bem que não tem o espírito do nosso Instituto".

Uma segunda qualidade requer o fundador, de todos os membros da sua congregação: a gratuidade do serviço. A frase dele, redigida nas regras fundamentais, é claríssima "Servir a Deus e à Igreja de maneira absolutamente gratuita". Tem razão. A palavra de Deus e a salvação das almas não são objeto de comércio, de modo algum. Por isso o evangelizador precisa evangelizar à moda do Evangelho. E o Evangelho apresenta Jesus dando ordem aos seus apóstolos nos seguintes termos: "Por onde andardes, anunciai que o reino dos céus está próximo, curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, de graça dai". (Mt 10, 7-8).

4 - Variações no Serviço do Missionário Apostólico.

Interessante aqui é citar por extenso a explanação redigida pelo Pe. Giovanni Ceresatto, em seu valioso estudo sobre a fisionomia espiritual do Pe. Gaspar. Escreve ele: "As solicitações surgiam de toda a parte, estimuladas também pelo fato de que os que prestavam serviço recusavam por princípio toda remuneração que não fosse espiritual. Aproveitavam-se disto paróquias e reitorias urbanas, particularmente nos dias de preceito. O âmbito dos serviços variava desde o cuidado espiritual e recreativo dos Oratórios Marianos, até ao anônimo ministério das confissões; da pregação miúda até aquela, mas trabalhosa, dos Exercícios Espirituais ao clero ou das catequeses dominicais ao povo; da assistência espiritual aos encarcerados e aos condenados à morte até às fadigas do ensino numa cátedra permanente do seminário.

Numa palavra: apesar de pequeno, o grupo dos Estigmas, depois de somente poucos anos de vida, se revelou como que afogueado pelo ideal de quem o tinha querido; em todo o setor do apostolado chegava oportuno lá onde o clero secular não podia ou não sabia chegar, no espírito de um bem definido programa: em auxílio aos bispos."

Este bem largo campo de atividades corresponde exatamente ao que Pe. Gaspar havia planejado em seu íntimo, redigido em suas regras, vivido em sua vida, ensinado aos seus estigmatinos.

Capítulo VIII - O BOM CONSELHEIRO

1 - Preâmbulo.

As Ordens e congregações religiosas passavam por maus momentos no tempo de Napoleão Bonaparte. Já o vimos. A Ordem dos Jesuítas havia sido suprimida. Outras Congregações sofreram toda a sorte de repressões, dificuldades, mesmo supressões. Quando toda a cidade de Verona voltou ao império da Áustria, findas as valentias de Bonaparte, o restabelecimento das antigas Ordens e Congregações esteve sujeito a uma série de processos, documentações, influências. Todavia, as obras de educação da juventude, de orfanatos, de ação social em geral, pertencentes às suprimidas congregações, se achavam praticamente na estaca zero, à espera de uma iniciativa, de uma liderança, visando a reorganizá-las e dar-lhes vida nova. Compreende-se, pois, o despertar de carismas especiais, em pessoas chamadas por Deus, para a revitalização da ação caritativa e educativa da Igreja através de novas congregações e institutos religiosos. Em Verona, pode-se afirmar sem sombra de dúvida, que poucas foram as iniciativas deste gênero, que não tiveram direta ou indiretamente o apoio, a orientação, e até mesmo o acompanhamento de Pe. Gaspar Bertoni. Ele foi a alma desse despertar de fé e caridade que a religião restaurava ali, depois das ruínas deixadas pelas lutas, crimes, vandalismos e ódios, alastrados por toda a parte em nome de palavras altissonantes como Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Como se estes objetivos pudessem realmente ser atingidos pelo ódio! São, e não podem deixar de ser, o fruto do amor!

2 - Pe. Gaspar, Canossa, Naudet.

Pe. Gaspar contava seus trinta anos de idade. O bispo de Verona, recém-empossado, entregou-lhe a incumbência de confessor da comunidade que vivia no antigo convento de São José, chamada então Retiro Canossa. Tratava-se de uma comunidade estranha, diferente. Ali se encontrava Leopoldina Naudet e Madalena de Canossa. Naquele bairro populoso e miserável da cidade, elas se dedicavam ao apostolado entre as meninas e as adolescentes. Porém não formavam realmente uma só comunidade. Por quê? Pelo fato de Madalena de Canossa preferir a educação das meninas pobres, ao passo que Leopoldina Naudet desejava educar meninas de gente de sociedade. Como se vê, ambas queriam realizar o bem, queriam também trabalhar na educação das meninas; contudo, se Madalena sentia vocação para salvar almas num ambiente pobre, Leopoldina por sua vez achava que, formando bem direito as filhas dos ricos e dos líderes contribuía para a orientação cristã dessa classe social. Madalena e Leopoldina, após alguns anos de convivência perceberam concretamente que, apesar de toda a boa vontade e amizade entre ambas, não poderiam continuar a conviver no mesmo convento. Além do mais, cada uma delas tinha também suas seguidoras e auxiliares como primeiros membros dos respectivos Institutos. Por estas razões, decidiram de comum acordo e com toda a cordialidade separar-se em conventos diferentes. Assim, em novembro de 1816, Leopoldina com as suas

primeiras companheiras despediu-se de Madalena e foi para outra parte, no antigo convento chamado de Santa Teresa. Ali fundou as Irmãs da Sagrada Família. Madalena de seu lado fundou as Filhas da Caridade.

Pe. Gaspar foi o encarregado de atender as confissões das alunas, mais as duas fundadoras e suas companheiras, antes da separação de ambas. Quanto à direção espiritual, coisa bem diferente da confissão, Madalena tinha como diretor o Cônego Luís Pacífico Pacetti, Leopoldina não dispunha de um diretor espiritual no momento. Contudo, antes mesmo de se afastar da convivência com a comunidade de Madalena, ela, inspirada por Deus, resolveu abrir seu íntimo ao Pe. Gaspar, constituiu-o seu guia nos caminhos da espiritualidade e nas atividades da fundação de sua congregação religiosa. Não foi sem relutância que deu o passo decisivo para confiar sua vida espiritual à orientação do padre; mas, premida por fortes impulsos da graça divina, acabou cedendo e não se arrependeu. Muito ao contrário, sentiu claramente que se abria um novo período bem seguro para sua espiritualidade e para a sua congregação. Pudera! Foi naquele primeiro encontro de orientação que Leopoldina percebeu quanto valia a sabedoria, a virtude, a experiência de Pe. Gaspar. Sabia também que por meio dele agia o próprio Deus. As coisas iam procedendo muito bem, satisfeitíssima Leopoldina com a direção luminosa que lhe dava o seu guia espiritual, seja quanto à sua própria consciência, seja quanto ao estabelecimento de sua congregação das Irmãs da Sagrada Família.

Contudo, um dia o Sr. bispo Dom Liruti nomeou Pe. Gaspar diretor espiritual dos seminaristas. Achava ele que o bem geral da diocese, ligado à formação dos seminaristas, devia estar acima do interesse particular de um convento. Assim, Pe. Gaspar se despediu do cargo de confessor do Retiro Canossa. Acrescente-se que o Sr. bispo queria também que Pe. Gaspar fosse o vice-reitor do seminário. Neste ponto o padre lhe observou que este cargo não combinava bem com a sua vocação, mesmo porque era impossível exercer direito dois ofícios que não podiam coexistir na mesma pessoa: o de vice-reitor e o de diretor espiritual.

Leopoldina moveu mundos e fundos para que Pe. Gaspar tivesse autorização de continuar seu diretor espiritual, bem como das Irmãs da Sagrada Família. A conclusão de tudo foi que Pe. Gaspar continuou a dirigir Leopoldina Naudet e suas companheiras. Quanto ao atendimento de confissões de Madalena de Canossa e suas Filhas da Caridade, bastavam os quatro anos já despendidos até este ponto. Daqui por diante, ele desistia do encargo. Não era possível dar conta de tudo e de todos.

Para que nos entendamos claramente, convém observar que diferentes são as ocupações de confessor e de orientador espiritual. O confessor atende às pessoas na confissão, para perdoar os pecados em nome de Jesus; nessa oportunidade poderá, se preciso, fornecer algum bom conselho ao penitente. Por sua vez, o orientador espiritual, mesmo que não atenda às confissões de uma pessoa, tem por ofício principal apresentar uma direção de conduta na vida espiritual, sugerir soluções dos problemas que surgem na prática da virtude, esclarecer dúvidas sobre vocação, animar o fervor nas práticas religiosas, e assim por diante. Numa palavra, confessor é o ministro do sacramento da Confissão, o orientador espiritual é o mesmo que conselheiro espiritual.

Quando, no dia quatro de novembro de 1816, Pe. Bertoni entrou com os seus primeiros companheiros no convento dos Estigmas, iniciando assim a congregação dos Estigmatinos, nesse mesmo dia Leopoldina Naudet, afastando-se de Madalena de Canossa, entrava com suas primeiras companheiras no convento de Santa Teresa, marcando aí o ponto de partida da sua própria congregação.

Ocupadíssimo em muitas frentes de trabalho, Pe. Gaspar continuou a orientar Leopoldina Naudet, apesar de mais esta responsabilidade absorvente que foi a organização da congregação dos Estigmatinos.

Uma das orientações importantes que lhe deu Pe. Gaspar foi a seguinte: Leopoldina julgava ser de sua vocação educar meninas ricas, como já sabemos. Seu orientador não concordou plenamente, queria que, mesmo dando atenção à formação das ricas, ela não se esquecesse das pobres. Seu argumento era o seguinte: Além de educar as meninas de famílias ricas, nada impedia que educasse também meninas de famílias pobres. Ora, se nada impedia esta obra de caridade, por que razão não realiza-la? Naudet compreendeu e seguiu o bom conselho.

Havia igualmente um outro assunto que muito preocupava a fundadora. A redação das normas que deveriam pautar a maneira de viver e de trabalhar, para todos os membros da sua congregação. Nisto, Pe. Gaspar com o volume de conhecimentos teológicos, bíblicos e canônicos que possuía, foi para ela um orientador seguro e clarividente, piedoso e fiel à vontade de Deus. Amparou-a nas graves dificuldades surgidas nos trâmites legais para a aprovação por parte do governo imperial de Viena. Alcançada a aprovação do governo civil, tratou-se da aprovação proveniente da Santa Sé. Por fim, graças à lucidez e persistente orientação de Pe. Gaspar, Leopoldina pôde considerar-se tranqüila e feliz. Tudo estava em ordem. A sua congregação ia então deslanchar no progresso da virtude e das atividades educativas.

Não se limitou Pe. Gaspar a ser apenas orientador de Leopoldina. Por iniciativa desta, servia de guia a toda a comunidade por ela fundada, formava o plano de ensino, selecionava os textos escolares, emprestava livros, num vivo e desprezioso interesse de que tudo corresse às mil maravilhas, na medida do possível, para a glória de Deus e o bem das almas.

Pe. Gaspar prosseguiu nos trabalhos de orientador espiritual e intelectual do novo instituto de Naudet até o ano de 1819. Então, encerrou estas beneméritas atividades. Por que motivo assumiu esta atitude? Porque, nas suas regras, tinha já programado incluir a proibição de assumir encargos perpétuos, a fim de permanecer mais disponível à solicitação dos bispos, em qualquer necessidade. Tinha razão. Se fosse o fundador de uma congregação religiosa, o redator de suas regras, deveria ser também o primeiro a dar o exemplo da mais perfeita observância das mesmas. Leopoldina, por sua vez, insistiu com ele, pedindo-lhe que continuasse a orientá-la a ela e às suas companheiras. Pe. Gaspar, porém, permaneceu firme na sua decisão. Ponto final! Só de vez em quando, por exceção, dava uma ou outra orientação em casos especiais, mas a direção espiritual propriamente dita estava terminada.

3 - Pe. Gaspar e Pe. Rosmini.

Vejamos agora as atividades de Pe. Gaspar como orientador de um outro importante personagem, também fundador de Instituto Religioso, o Pe. Antônio

Rosmini. Rosmini planejava fundar uma congregação religiosa para homens: o Instituto da Caridade. Pe. Gaspar ouviu-lhe atentamente o ideal e estimulou-o a realizá-lo. No intercâmbio das orientações, surgiu uma verdadeira amizade entre ambos, apesar da diferença de quase vinte anos de idade entre eles, para mais em Pe. Gaspar, para menos em Pe. Rosmini. Pena é que esta amizade sofreu um afastamento quando Pe. Gaspar percebeu que o amigo, falhava em sua atitude disciplinar para com a Igreja. Na sua dedicação à Igreja, ao Papa, ao Bispo, não podia suportar que alguém tivesse a audácia de se pronunciar em desfavor deles. Pe. Rosmini, com toda a boa intenção, pois era uma alma virtuosíssima, assumiu esse inesperado comportamento. Daí ruptura de relacionamento entre ambos. Acontece que foram condenadas pela Igreja duas pequenas obras de Rosmini, a saber, "A Constituição" e "As Cinco Chagas da Igreja". Devemos, porém, reconhecer, a bem da verdade inteira, que Pe. Rosmini, uma vez conhecida a condenação aceitou-a humildemente e declarou-se filho obediente da Igreja.

4 - Pe. Gaspar e Teodora Campostrini.

Uma outra pessoa recebe de Pe. Gaspar as luzes de sua orientação na fundação de novo instituto religioso. Trata-se de Teodora Campostrini, de Verona. Ela fundava então a congregação das Irmãs Mínimas da Caridade de Maria Virgem das Dores. Em primeiro lugar, foi consultar Pe. Gaspar relativamente à sua vocação. Seria ela chamada à vida religiosa? Tudo bem examinado no diálogo entre ela e o sacerdote, a resposta do homem de Deus foi positiva: vocação para a vida religiosa de Teodora Campostrini era válida e genuína. A partir daí, as solicitações dos conselhos de Pe. Gaspar tornaram-se freqüentes. As coisas foram-se esclarecendo sempre mais. O padre notou com segurança que ela era convocada por Deus a fundar novo instituto religioso. Ajudou-a a redigir as regras da nova congregação, animou-a a prosseguir nos trabalhos, nem sempre livres de embaraços, para obter a aprovação tanto por parte do governo imperial austríaco quanto por parte da suprema autoridade eclesiástica. Vencidas as dificuldades, dissolvidos os problemas, à luz das orientações de Pe. Gaspar, o Instituto ganhou solidez através das aprovações de ambas as autoridades.

5 - Pe. Gaspar e Pe. Mazza.

Não terminam aqui as atividades de benemerência de Pe. Gaspar, no que se refere a orientação em favor de fundadores de obras e institutos religiosos. Pe. Nicolau Mazza, também de Verona, é outro personagem que o escolheu como seu guia e fonte de estímulo nas iniciativas neste sentido. Fundou diversas obras de beneficência em sua terra natal. Primeiro, estabeleceu o Instituto de Educação Doméstica, para meninas pobres, a fim de tirá-las do perigo de serem absorvidas pela vida desregrada em troca de dinheiro e subsistência. Uma vez eliminado este perigo, tencionava prepará-las a ser mais tarde boas donas de casa e boas mães de família. A segunda obra de beneficência, que Pe. Mazza organizou, foi à Casa de Educação, destinada a rapazes bem dotados de inteligência e bem comportados, mas pobres, os quais, exatamente por causa da pobreza, jamais conseguiriam atingir um grau de estudos mais elevado para melhor se realizarem e melhor servirem à sociedade.

Como se pode ver, são duas obras muito importantes para a formação de determinada categoria de jovens. Entretanto, a fundação destes dois

estabelecimentos não podia ser atuada sem a vitória sobre a série de dificuldades e problemas. A quem recorreria o Pe. Nicolau? Em Verona, todo o mundo, em semelhantes circunstâncias, sabia o endereço da solução: a casa de Pe. Gaspar. Para lá se foi também o Pe. Nicolau. Expôs-lhe a situação, a falta de meios, o desnorteamento em que se encontrava diante dos fatos difíceis. Pe. Gaspar, alma totalmente enfronhada em Deus, de Deus recebia luzes especiais para dirigir e nortear pessoas. Por isso, tudo ficou plenamente elucidado e bem encaminhado por ele. Pe. Gaspar falou. Pe. Nicolau agiu conforme o conselho. Um sinal de importância do conselheiro nas graves decisões de Pe. Nicolau encontra-se no fato seguinte. Pe. Gaspar já havia morrido. Pe. Nicolau organizara um grupo de missionários, destinados a pregar aos selvagens do Centro da África. Antes da partida, mandou-os fazer os Exercícios Espirituais na Casa dos Estigmas, onde estava sepultado o prudente conselheiro de todas as iniciativas humanitárias daquele tempo em Verona.

Um fato inaudito naquela época, principalmente na Europa, e conseqüentemente na Itália, foi o conselho de Pe. Gaspar a respeito de algumas meninas de cor preta. Aqui no Brasil, o negro é parte importante da nossa sociedade e faz um conjunto só com todos os brasileiros. Lá, o negro não é numeroso, é uma raríssima exceção. Pois bem. Um dia alguém pediu ao Pe. Nicolau Mazza que aceitasse, no seu estabelecimento para educação de meninas, algumas de cor preta, que um bondoso padre, Nicolau Olivieri, havia resgatado da escravidão. Pe. Mazza ficou duvidoso: aceitá-las entre as brancas, ou não? Resolveu que não. Entretanto foi aconselhar-se com Pe. Gaspar. Pe. Gaspar respondeu que as aceitasse. Elas também são gente e precisam de ajuda

- Está bem - respondeu Pe. Mazza. - Eu fico pensando como vou me virar depois que estas meninas crescerem. Quem vai querer tomá-las para dar-lhes emprego ou quem vai querer casar-se com elas? A não ser que elas se decidam a ficar eternamente internadas no meu Instituto...

- Não se afobe - retornou Pe. Gaspar. - Você vai ver que Deus providenciará uma solução honrosa para elas. Pe. Mazza matriculou-as no seu estabelecimento, fiado nas palavras de Pe. Gaspar. Incrível! Daí resultou uma nova obra de Pe. Nicolau: o Instituto para as Missões Africanas. Deste instituto saiu o primeiro grupo de missionários de que falamos pouco atrás e que se destinava à África.

6 - Pe. Gaspar e Pe. Bresciani.

Há na Igreja uma instituição muito benemérita no setor hospitalar e fundada, por São Camilo de Lellis. São os Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos. Mas não existia em Verona ao tempo de Pe. Gaspar. Um sacerdote, Pe. César Bresciani, capelão do hospital de Verona, após ter lido a vida de São Camilo, resolveu introduzir na sua cidade aquela instituição. Começou ingressando nela ele mesmo. Aliás, ali ingressando, tomou o nome de Camilo. Fácil não foi levar a cabo o seu intuito de trazer para Verona os Camilianos, como são chamados popularmente os membros do instituto de São Camilo. Os obstáculos se erguiam em todas as direções. Um dos sustentáculos que encontrou Pe. Bresciani para levar de vencida todas as dificuldades e realizar o seu plano foi o Pe. Gaspar Bertoni. Palavras textuais de Pe. Bresciani afirmam que Pe. Gaspar "regara os primeiros germes com os seus conselhos, encaminhara as primícias, educara os meninos na sua escola e

transferira-os para a nossa Ordem". Isto é, entre os rapazes educados na sua escola, Pe. Gaspar não duvidava de encaminhar para a Ordem dos Camilianos aqueles que julgava terem vocação para aquele estilo de vida e de ideal.

7 - Pe. Gaspar e Pe. Próvolo.

Depois de todas estas atividades em prol dos fundadores e fundadoras de instituições religiosas e beneficentes, poderíamos supor que não sobrasse tempo nem disposição a Pe. Gaspar para distribuir atenções a mais ninguém. Quem assim pensasse não teria formado idéia certa daquele homem extraordinário, da sua imensa capacidade de trabalho, da sua extremada virtude.

Podemos apresentar outros personagens, seus consulentes em assuntos complexos e de amplo renome como fundadores de obras caritativas e humanitárias. Limitemo-nos a mais um. O Pe. Antônio Próvolo constituiu em Verona a Companhia de Maria, cuja finalidade visava à educação dos surdos-mudos. Quanto à influência de Pe. Gaspar, no caso, basta ler o que o próprio Pe. Antônio escreveu. Declarou que sempre, nas suas incertezas, recorreu a Pe. Gaspar e sempre dele recebeu esclarecimentos para se conduzir pelas vias mais certas. Quando o Pe. Próvolo faleceu, sucedeu-lhe o Pe. Luís Maestrelli no governo do instituto nascente. Ele deixou o seguinte documento a respeito de Pe. Gaspar: "Ele era a pérola do clero veronês, o estimulador de todas as obras religiosas que surgiam na cidade, o anjo do conselho a que recorriam todos os que se encontravam lutando com assuntos complicadíssimos, o conhecedor profundo de todas as pessoas que gozavam de alguma celebridade, o homem de bom senso extraordinário e de uma virtude que o qualificava como santo. A ele procuravam conhecer pessoalmente os personagens mais importantes, que por qualquer motivo se encontrassem em Verona; sempre, a experiência e a sensação que todos tinham superava de muito as expectativas."

Capítulo IX - CONSELHEIRO ÍNTIMO

1 - Observações iniciais.

Escreve Pe. José Fiório em sua obra sobre a vida de Pe. Gaspar: "O que atraía o povo inteiro ao redor do venerável (hoje, santo) era, sem dúvida, a alta idéia que tinha da sua virtude e santidade; mas não eram ignorados os outros dons extraordinários que ele possuía, isto é, a vasta ciência, adquirida por meio de longos e profundos estudos, e a prudência singular, que se manifestava nele como um dom celeste."

O Pe. Bresciani, por sua vez, testemunha: "A alta idéia que o público tinha da sua cultura fazia que muitos recorressem a ele para consultá-lo sobre assuntos que nenhuma relação tinham com o sagrado ministério; quando se aproximavam, ficavam intimamente admirados perante a sua santidade e benevolência. Ele, aproveitando a ocasião, sabia com agilidade levar a conversa para assuntos mais úteis e por isso mesmo mais gratos e preferidos por ele."

Convém frisar que Pe. Gaspar dispunha de uma prudência extraordinária, tanto que ela deve ser considerada um elemento de alta importância no retrato psicológico de sua pessoa. Cultivara esta virtude desde o tempo da mocidade. No convívio de

peessoas prudentes, que freqüentava e com quem se aconselhava, foi acumulando, em doses sempre mais intensas, esta qualidade tão necessária para o seu trabalho de orientador e conselheiro íntimo de inúmeras pessoas. Por outro lado, se é verdade que a prudência pode ser adquirida por meio do treino e da experiência, também é verdade que a dele era extraordinária e humanamente inexplicável. A prudência de Pe. Gaspar tinha aquele algo mais, que provém de um dom especial do Espírito Santo. Ele pedia freqüentemente a Deus que lhe concedesse esta virtude, ciente de que só por si jamais chegaria a tão alto grau.

2 - Pe. Gaspar e os falsos consulentes.

Um dia foi ter com ele um indivíduo que se declarava desejoso de entrar para o convento dos Estigmas. Todavia, - acrescentava - será preciso que, antes, eu fique a par da vida que aqui dentro se leva. Por isso, gostaria que o senhor me descrevesse os costumes, as penitências, o modo de vida, enfim, para que depois eu possa decidir-me a entrar no seu convento com mais segurança.

O padre ia ouvindo, com paciência. Porém, já lhe havia percebido o fingimento. O que realmente o Fulano queria era bisbilhotar e depois vaidosamente contar aos outros, nas rodas de amigos, como um repórter atual praticando um "furo" de reportagem. Assim, a um certo ponto, o conselheiro lhe diz: Você não tem vocação para este gênero de vida. Portanto, as informações que pede são completamente inúteis.

De fato, o próprio moço contou, mais tarde, que, então, queria apenas satisfazer a curiosidade e, depois, ostentar aos amigos que estava por dentro das coisas lá no convento dos Estigmas.

Certa ocasião, uma senhora, aparentemente piedosa, foi visitar Pe. Gaspar. Sua piedade, porém, era falsa. Limitava-se a ler livros piedosos. De prática da piedade quase nada tinha. Consultou-o a respeito de livros devotos que seria interessante ler para realizar em si a perfeição cristã. O padre, que logo notou o tipo de pessoa com quem tratava, considerou lá consigo que ela precisava muito mais de praticar a piedade e muito menos de ler livros piedosos. Por isso, atalhou-a dizendo: Leia a "Filotéia" de São Francisco de Sales.

- Já li - respondeu ela.

- Leia outra vez.

- E depois? O que vou ler mais?

- Continui lendo ainda outras vezes. Não se canse de ler esse livro e de pô-lo em prática. Será suficiente para que a senhora, por toda a vida, se empenhe na perfeição cristã.

Não é preciso dizer que ela saiu dali muito desenhxada.

3 - Pe. Gaspar e a previsão do futuro.

De Deus recebeu Pe. Gaspar o dom de saber freqüentemente o que se passava na alma de quem o consultava. Às vezes, chegava mesmo a prever-lhe o futuro, com toda a segurança, dando a sensação de plena certeza. Um exemplo: Um dia foi procurado por um senhor, pai de família, o qual gozava de boa fama e tinha também suas riquezas. Como acontece muitas vezes na vida, aconteceu também a ele o infortúnio; circunstâncias contrárias o levaram a pique de perder grande

quantidade das posses e, pior que tudo, a boa fama de pessoa honrada. Depois de ouvir atentamente o problema, Pe. Gaspar lhe diz: Reze bastante, com muita fé e sem receio algum. Amanhã, por esta hora, o senhor terá o seu problema resolvido favoravelmente, com o auxílio divino.

O interessante é que tudo aconteceu realmente conforme o padre lhe havia prometido. Salvou-se a situação, de maneira inesperada e feliz.

4 - Os consultadores em corrente contínua.

Quando preso no quarto pela enfermidade, recebia os que o queriam consultar, ali mesmo onde curtia suas dores. Eram tantas as pessoas que o buscavam como conselheiro claro e prudente, que o quarto dele se tomou o ponto de afluência quase ininterrupta de todas as categorias da sociedade. A este respeito, escreve o Estigmatino Pe. José Fiório: "O aposento, testemunha das suas dores, tornou-se o local de romaria. Iam consultá-lo, a respeito dos assuntos mais espinhosos, pastores de almas e representantes de todas as classes sociais. Retiravam-se satisfeitos, com a consciência em paz, livres de todas as dúvidas acerca do que haveriam de fazer, e todos cheios de admiração pela sua sabedoria e prudência". Notável magistrado dizia um dia a uma alta personagem: "o quarto do Pe. Gaspar é realmente a sede e a cátedra da sabedoria; lá sempre se vai para aprender".

Com um cuidado extremo, sabia guardar completo segredo de tudo o que lhe era confiado pelos seus consulentes. Com ninguém ousava fazer sequer o mais leve comentário sobre as conversas mantidas durante o aconselhamento. É claro que esta atitude de reserva e segredo estimulava as pessoas a se abrirem completamente, de forma a lhe expor claramente os apuros e problemas sem receio algum.

Que dizer então das pessoas que o procuravam para derramar diante dele o desabafo de angústias e sofrimentos íntimos? Saíam do encontro reconfortadas e animosas, dispostas a lutar para vencer na vida; levavam no coração o estímulo da alegria e do ideal. É que ele dispunha de um jeito especial e de palavras bem escolhidas para cada caso, jeito e palavras que, pelo calor de sua vida santa, penetravam a fundo nos mais atormentados corações.

Dom Inocêncio Liruti, bispo de Verona, freqüentemente o consultava. Já idoso, impossibilitado de locomover-se pedia que o carregassem até o quarto de Pe. Gaspar. Não queria privar-se da felicidade de um encontro com ele, para aproveitar os seus conselhos tão bem apropriados.

Outro bispo de Verona, Dom Grasser, manteve profunda amizade com Pe. Gaspar. Por isso, as suas visitas eram um misto de estima e de consulta acerca de assuntos de alta responsabilidade. Sobre eles dialogava amistosamente com o amigo, a fim de receber as orientações mais eficazes

Gente de Verona e gente de fora, mesmo de regiões distantes procuravam nele o grande conselheiro que sempre se demonstrou. A prova de que tinha uma capacidade sobrenatural de aconselhamento é que seus conselhos valiam não só para os casos simples ou para as pessoas ingênuas sem complicações, mas também para os casos mais complexos e para as pessoas enfronhadas em grandes responsabilidades pelos altos cargos que ocupavam. Consultavam-no, por isso mesmo, príncipes, autoridades civis e religiosas, cardeais e soberanos. Alguns já se consideravam felizes em pelo menos vê-lo uma vez.

5 - O conselheiro das vocações.

Neste assunto de vocações, Pe. Gaspar dispunha de um discernimento a toda a prova. Realmente era prodigiosa sua capacidade, prontidão e segurança com que resolvia consultas a respeito. Pudera! Rogava a Deus instantaneamente aquela sabedoria de que necessitava para julgar e orientar os seus consultadores. Via-se claro que Deus de fato atendia com luzes excelentes para garantia de suas decisões sobre vocação.

Os bispos de Verona, Dom Liruti e o sucessor Dom Grasser, reconhecendo nele esse discernimento extraordinário, nomearam-no examinador das vocações sacerdotais. Note-se que este encargo só era confiado a sacerdotes mui prudentes e capazes de penetrar as consciências. Quando apresentava algum candidato ao sacerdócio, a fim de expor o problema da sua vocação, Pe. Gaspar abria-se numa cordialidade de pai e imediatamente lhe ganhava simpatia e confiança.

Sempre que descobrisse um caso de vocação errada, ou falseada por motivações humanas, mostrava-se cordial como sempre, mas igualmente firme e enérgico em dar a sua negativa para a carreira sacerdotal. Diante disso, alguns acharam inicialmente que ele era cruel, por querer impedir o prosseguimento da vocação. Mais tarde, porém, diluído aquele primeiro entusiasmo vazio, feitas melhores considerações sobre o assunto, retornavam para lhe agradecer o voto negativo, pois reconheciam que os errados eram eles mesmos e não o venerando conselheiro.

Quando, porém, Pe. Gaspar descobria, nos que se lhe apresentavam, sinais concretos de verdadeira vocação, então era o primeiro a animá-los, a excitá-los à luta contra todos os obstáculos, a fim de chegarem lá onde Deus os convocava, à Ordenação Sacerdotal.

Este glorioso mas difícil trabalho de discernir as vocações foi por ele exercido durante muitos anos. Na última fase da vida, oprimido por enfermidade insanável, diminuiu de muito o ritmo de seus atendimentos. Mesmo assim, antes de assumir alguma responsabilidade de vulto em benefício da cura de almas, os padres iam procurá-lo a fim de receberem dele as orientações oportunas. Sua palavra, de enfermo combalido, ainda confortava, esclarecia, estimulava, como palavra caída do céu.

Vejamos um caso entre muitos. Havia na diocese de Verona uma paróquia de péssima fama. Nenhum padre desejava ser vigário ali, porque o povo era difícil e rebelde. Diversos aceitaram experimentar nela o cargo de pároco, mas desistiram como diante de uma façanha impossível. O bispo resolveu então constituir nesse ofício um sacerdote bom e zeloso mas ainda jovem. Claro que este procurou evitar a nomeação, mas esbarrou na resolução irrevogável do superior. Refletiu muito. Apesar disso, não conseguia aceitar o cargo. Por fim, sempre inseguro, foi entrevistar Pe. Gaspar. Expôs-lhe o problema minuciosamente. Disse-lhe também que o povo já sabia daquela nomeação e demonstrava não querê-lo na paróquia.

Qual foi a resposta do orientador?

Em primeiro lugar, você deve obedecer. O bispo quer? Seja! Obedeça. Agora, para ter êxito, faça o seguinte. Diga claramente ao povo que você se reconhece muito jovem, sem experiência. Por isso você deseja apenas cuidar das crianças. Que os pais mandem, portanto, os filhos menores à igreja.

Dito e feito O jovem sacerdote assumiu a responsabilidade. Tratou logo de ganhar a simpatia dos meninos. Dava-lhes algum presente, de vez em quando. Também lhes mostrava como deviam comportar-se para com os pais. Em pouco tempo, os meninos foram mudando a conduta em casa. Por isso, os pais começaram a apreciar o padre. Mais adiante um pouco, passaram a ir à igreja, mesmo porque em casa os filhos falavam tão bem daquele padre. É claro que a igreja não ficou cheia de uma vez. Os adultos iam como que "pingando", hoje um, amanhã outro, hoje o pai, amanhã a avó, depois um tio. A estima foi crescendo. Todos viam que o vigário era mesmo bondoso, educado, cordial. Gostaram dele. Gostaram tanto que se resolveram a ir freqüentar a igreja e a corresponder docilmente às orientações religiosas que o novo pároco lhes apontava. Belo êxito dos bons conselhos recebidos ao princípio, antes de tomar posse da paróquia.

Quanto à influência de Pe. Gaspar na decisão de vocações à vida religiosa, vale exatamente o que já dissemos em torno das vocações sacerdotais. Quando, numa congregação de religiosos, havia problema sobre a vocação de algum candidato, os superiores não tinham dúvida em mandá-lo a Pe. Gaspar. Ele decidiria e sua sentença era tomada seriamente em consideração.

Uma prova disto se encontra na atitude do Pe. Viscardini, mestre de noviços na Ordem dos Jesuítas. Costumava ele enviar a Pe. Gaspar os candidatos de cuja vocação para a vida religiosa não havia suficiente certeza. O que Pe. Gaspar dissesse estava dito. Pe. Viscardini aceitava ou descartava o candidato, de acordo com o julgamento do venerando padre. É que reconhecia neste uma influência muito grande da graça de Deus, luzes especiais do Espírito Santo para as acertadas decisões deste gênero.

Um outro fato comprova a confiança depositada em Pe. Gaspar no setor das vocações religiosas. Emílio Lippa desejava entrar na Ordem dos capuchinhos. Seu diretor espiritual, todavia, tentava provar-lhe que ele não era feito para aquele gênero de vida. Mas o Pe. Mazza disse ao moço que fosse consultar Pe. Gaspar. O jovem foi. Abriu-lhe toda a situação. A resposta de Pe. Gaspar veio segura e clara: você fará muito bem se atender à vocação para capuchinho.

Não foi preciso mais nada. Emílio Lippa fez-se capuchinho e, como tal, foi ordenado sacerdote. Quando faleceu, tinha fama de santo. Próximo a morrer, Frei Emílio Lippa declarou: "Há sessenta anos que visto este hábito. Sinto-me imensamente feliz como capuchinho. Devo gratidão primeiro a Deus, que me chamou, e em seguida ao Pe. Gaspar, que me aconselhou a seguir este chamado".

6 - O Conselheiro de Todos.

A Pe. Gaspar não afluíam apenas os sacerdotes e candidatos ao sacerdócio, ou os religiosos e candidatos à vida religiosa. Leigos de responsabilidade e desejosos de vida espiritual o consultavam, seguiam suas orientações com toda a segurança de estarem acertando diante de Deus. Buscavam nele orientações para assuntos espirituais, antes de tudo, mas sempre que necessário, expunham-lhes problemas de ordem doméstica ou de assuntos da vida pública ou privada. Procuravam-no para isso pessoas da classe alta, da classe média ou do povo simples, de toda a profissão e situação social. Quando alguém tinha um problema difícil de resolver, o refrão que ouvia era sempre este: "Vá conversar com Pe. Garpar".

As pessoas atingidas por alguma aflição, desoladas pelas graves cruces que tinham de carregar, encontravam no padre, aquela palavra substanciosa, saborosa, apropriada, tomada à Bíblia ou exemplificada pela vida dos santos. Quando se retiravam, achavam-se completamente animadas, dispostas a sustentar as cruces e os espinhos, pois viam as coisas debaixo de outro ponto de vista, à luz do amor a Deus e da vida eterna.

Às vezes, acontecia que padres de outras paróquias chegavam a reconhecer como inúteis todos os esforços para converter algum pecador mais empedernido. O recurso era colocá-lo em contato com as orientações de Pe. Gaspar. As considerações do conselheiro acabavam por demolir todas as resistências do pecado e punham o réu de joelhos a seus pés, para uma confissão de convertido, disposto a não pecar mais. A este propósito, havia um senhor que gozava de consideração na sociedade e, além disso, tinha muitas riquezas. Um dia uma bailarina fisgou-o e prendeu-o nos seus tentáculos, como um polvo à sua presa. Bem que o vigário, conhecedor daquela penosa situação, o advertia delicadamente. Ele muito desejava romper os laços pecaminosos com ela, mas faltava-lhe a coragem. Chegava a chorar de arrependimento, contudo não conseguia decidir-se a abandonar a sereia. O padre tomou então por outro caminho. Foi com ele até aos Estigmas a fim de apresentá-lo a Pe. Gaspar. Deixou-o lá. Pe. Gaspar venceu as incertezas e indecisões do pobre homem. Converteu-o definitivamente, a ponto de levá-lo a abandonar por completo aquela pecadora. Vinte anos mais tarde, o convertido continuava a celebrar ano por ano o dia do aniversário de sua volta a Deus.

Certa ocasião, foi visitar Pe. Gaspar um advogado de Verona junto com um dos seus clientes. Era preciso ouvir a opinião do famoso padre numa questão em que entrava Direito Civil e assuntos de Teologia. Pe. Gaspar ouviu atentamente. Logo após, apresentou a solução com grande riqueza de argumentações, fundadas tanto no Direito Civil como no Direito Canônico. O caso ficou plenamente claro e resolvido. Ao sair, o advogado lamentou que não tivesse sido escrito aquela doutrina jurídica de que Pe. Gaspar tinha dado prova na entrevista. Seria uma honra para qualquer advogado de fama dar, tão rápida e seguramente, a solução para um problema tão complicado como aquele.

7 - Conclusão.

O jesuíta Pe. Antônio Bresciani deixou escrito a respeito: "Pe. Gaspar unia a uma vasta cultura científica e literária uma sabedoria e prudência muito grandes. Eu sempre ouvi dizer que em Verona não se empreendia nenhuma obra de Deus sem consultá-lo". Os homens mais importantes e espirituais se deixavam guiar pelo seu tino em assuntos da alma em problemas domésticos e sociais, quer públicos, quer particulares. Quando alguém dizia: "Acho-me perplexo por causa de um problema importante", logo se lhe respondia: "Consulte o Pe. Gaspar".

A habilidade de eficaz e seguro conselheiro, que enriquecia o relacionamento de Pe. Gaspar com todo o gênero de pessoas, gozou certamente de merecida fama. Houve até quem tentasse atraí-lo para cargos políticos, tão grande era a confiança que todos depositavam em seu poder de clarividente aconselhamento.

Grezzana é uma pequena cidade vizinha de Verona. Tomou uma iniciativa bem audaciosa neste setor. Fez com que Pe. Gaspar fosse nomeado conselheiro

municipal, o que equivale entre nós, mais ou menos, ao cargo de vereador. Eis a íntegra da nomeação, conforme consta de um ofício dirigido ao padre no dia 30 de janeiro de 1841: "A egrégia Delegação Provincial pelo decreto de quatro de dezembro de 1840, em seguida à deliberação deste Conselho Municipal, achou por bem nomear Vossa Reverendíssima Conselheiro Municipal em substituição ao terceiro vogal, para o triênio de 1841-1843", Teria Pe. Gaspar aceito o convite? Queremos acreditar que não, dado o afinco que punha nas atividades sacerdotais. Em todo o caso, nada impede que ele tenha exercido influências de esclarecimento em favor daquela municipalidade, mesmo sem aceitar o cargo evidentemente político de vereador. Quem saiu ganhando foi Grezzana, a pequena cidade, que, de maneira muito surpreendente conta entre os seus vereadores, ao menos de forma oficial, o Santo Pe. Gaspar Bertoni.

Sabedoras deste fato, a câmara municipal de Casa Branca e a de Itobi, no Estado de São Paulo, mais a de Luziânia no Estado de Goiás, apressaram-se em decretar e constituir como padroeiro daquelas edilidades o Santo Pe. Gaspar Bertoni.

Irradia-se deste modo, longe, no tempo e no espaço, a merecida fama de ótimo conselheiro que sempre ornou a pessoa de Pe. Gaspar.

TERCEIRA PARTE

AS VIRTUDES DO BEM-AVENTURADO PE. GASPAR BERTONI

Capítulo I - INTRODUÇÃO

Todo aquele que vive intensamente o seu batismo, longe de limitar-se a fugir do pecado, põe diligência em praticar o bem e a virtude cada dia melhor, para dedicadamente seguir a Cristo com crescente amor.

Cada pessoa é diferente de todas as outras, não só na fisionomia, nos gostos, mas também no gênio, nas tendências e qualidade naturais. É também diferente na maneira de praticar a virtude, mesmo porque o Espírito Santo tem modos e intuídos diversos para cada um. Assim, cada santo se caracteriza por uma virtude especial, pessoal e própria, apesar de se haver esforçado por praticar todas.

Pe. Gaspar não foge à regra. Consagrou-se à santidade desde a infância, com um ardor inesperado nas crianças. Neste cuidado entravam bem focalizadas todas as virtudes. Contudo, uma predominou em sua vida. Por ela, distingue-se ele de todos os demais cristãos. Trata-se da virtude do chamado SANTO ABANDONO, isto é, uma entrega efetiva e total nas mãos de Deus, como quem se abandona a ele de modo absoluto, junto com uma disposição plena de realizar em si mesmo a vontade divina.

Antes, porém, de entrarmos no assunto especificamente, examinaremos a dedicação de Pe. Gaspar à oração e ao estudo, que consideramos como o necessário condicionamento da vida virtuosa. Veremos também a maneira como Deus manifestou e recompensou diante dos homens, através de fatos extraordinários, as virtudes por ele praticadas. Depois, estudaremos as que mais brilharam na sua vida.

Capítulo II - CONDICIONAMENTOS E SINAIS DA VIRTUDE

Condicionamento da virtude são a oração e o estudo. Sinais da virtude e, de certo modo, também seu prêmio, são os fatos extraordinários, que dependem exclusivamente da vontade de Deus e com os quais ele manifesta perante os homens a santidade de seus servos, ou lhes recompensa a total dedicação.

1 - Condicionamento da Virtude.

Este condicionamento consta de oração e estudo. A primeira é imprescindível, o segundo é muito útil, dentro de certas condições, que apontaremos adiante.

A - Oração.

Pe. Gaspar argumenta pela Sagrada Escritura que a oração é tão necessária que deve ser contínua: "É necessário orar sempre. Orai sem intermissão". E reflete: "Tenho a impressão de que, rezando, a gente cresce na oração. A diligência em rezar atrairá maior abundância do Espírito Santo. E este Espírito ajuda a nossa fraqueza, de forma que mesmo aqui na terra chegaremos a oferecer o sacrifício perpétuo, perene, o holocausto que de si mesmos oferecem os Anjos e os Santos no céu diante de Deus." Depois, acrescenta: "Esta oração contínua foi realizada pelos servos de Deus durante a sua peregrinação por este mundo. Com aquelas forças e auxílios com

que eles conseguiram isto, conseguiremos também nós. Porque isto agrada a Deus, glorifica-o, é objeto de uma ordem sua, temos certeza de que pode ser realizado e de que o realizaremos."

Por isso mesmo, censura a falta de oração. "Quando antes não se faz bem a oração - disse ele - não se pode falar bem nem mesmo de Deus." Por esta razão, detestava o modo de vida daqueles sacerdotes e religiosos aparentemente zelosos nas obras de apostolado, ou de caridade, mas pobres de oração.

Fundamentado nestes princípios sólidos, aplicava toda a diligência nas diversas orações próprias do sacerdote. De modo particular, caprichava na celebração da santa missa, que era "a mais santa alegria do seu coração", no dizer de alguém. Tanta era a fé com que celebrava que pôde declarar ao povo a respeito de Cristo presente na hóstia consagrada: "Oh Deus... Eu vo-lo mostrarei descido do céu sobre este altar. Eu vo-lo mostrarei nas minhas mãos." Eis aqui um testemunho a respeito da sua atitude enquanto celebrava: "Todos os que tiveram a sorte de assistir às suas missas reconhecem que tanta era a sua modéstia e devoção, tanto o seu recolhimento, acompanhado de um certo ar de exaltação em Deus, que bastava olhá-lo para sentir-se movido à compunção e ternura".

Ele mesmo anota o seguinte para seu uso pessoal: "Na consagração, experimentei sentimento muito vivo e afetuoso da presença de Cristo". Ou então, em outra oportunidade: "Celebrei missa unido com Jesus Cristo. O recolhimento durou até à hora do almoço".

Quanto à meditação, que fazia diariamente, buscava ali o calor da devoção e da piedade sólida. Quer que todos os religiosos estigmatinos tenham alta estima desta prática de piedade, que cada qual a considere importantíssimo dever, a ser desempenhado, sempre que possível, antes da missa. Dizia: "Por quanto grave seja o vosso cansaço, por reduzido que seja o tempo à disposição para o vosso repouso, não permitais nunca que seja eliminada de vossa vida esta hora, totalmente vossa e demasiado necessária, da vossa meditação". Preferia omitir qualquer outro empenho a deixar, uma vez que fosse, a meditação, tanta era a importância que dava a esta interiorização diária das verdades da fé para transformá-las em persuasão profunda de espiritualidade.

Pelo fato de ter a oração em alta estima, deu grande acatamento à casa de oração. Uma vez recebida a igreja dos Estigmas, tratou de reformá-la, pô-la em condições de dignidade e boa apresentação, de modo a servir verdadeiramente de local destinado à prece. Um templo simples, livre de suntuosidade, de ornamentos supérfluos, de material rico e caro, nada de mármore e objetos de arte peregrina. Só um edifício bem recolhido, próprio para oração. Isto não impediu que pusesse o máximo de diligência para dotar sua igreja de alfaias, paramentos, vasos sagrados, tudo de fino bom gosto e mesmo de raro esplendor. É que desejava para o altar, em vista do sacrifício da missa, o que de melhor podia adquirir.

Não contente de levar uma vida inteiramente entregue à oração, procurava incuti-la nos outros, a começar pelos alunos da sua escola. Ensinava-lhes a oração, seja com palavras, seja principalmente com o exemplo, dele e dos demais professores. Havia, pois, oração, na igreja, na aula, em casa. Por sua vez, os alunos haviam de fato aprendido a rezar e assimilado a necessidade da oração. Chegaram a este ponto em virtude da estima que a respeito dela a escola de Pe. Gaspar neles

infundira um pouco por vez. Uma prova é o fato seguinte: quando os alunos chegavam à escola, enquanto esperavam a hora da aula, não ficavam pela rua, na algazarra, mas entravam na igreja a fim de se recolherem na oração. Se hoje alguém acha isto demais, talvez seja porque exatamente hoje se reza de menos...

Pe. Gaspar recorria à oração em todas as circunstâncias da vida. Por exemplo, como "examinador pro-sinodal". A finalidade deste cargo, que lhe fora confiado pelo bispo, era opinar sobre os candidatos ao ofício de pároco nas diferentes paróquias da diocese. Claro que era de extrema importância. A escolha dos párocos decidia do bom ou mau andamento das paróquias e, portanto, da diocese inteira. Pois bem, que fazia Pe. Gaspar, quando devia julgar acerca da nomeação de um pároco? Fazia a coisa mais natural para um verdadeiro e convicto cristão - REZAVA. Tomava, sim, todas as informações necessárias. Mas não se considerava infalível. Sabia que apesar de tudo, podia errar ao aceitar ou rejeitar um determinado nome para a nomeação. Sabia que, neste assunto, o Espírito Santo precisava dizer também a sua palavra. Por isso, sempre recorria à oração. E não pouca oração. Rezava muito e fervorosamente. Só depois, apoiado nas luzes do céu, adquiridas na prece, dava o seu veredicto.

Quanto mais aumentava o trabalho no apostolado, mais sentia a necessidade da oração. Bem diferente daqueles que, por trabalharem, a omitem. Vejamos o que escreve a respeito: "Os trabalhos e os cuidados aumentam por causa das conversões de toda classe de pessoas, a quem Deus toca o coração, durante este jubileu. Precisamos de muitas orações para cumprir dignamente o nosso ofício de cooperadores na salvação das almas, que ele nos envia." Dentro deste enfoque, chamava a atenção do clero para que não se dedicasse tão arduamente aos ministérios a ponto de se esquecerem da própria salvação. Por este motivo admoestava: "Convém que o sacerdote se una aos piedosos fiéis e observe as santas práticas da igreja, e não as deixe somente aos leigos... como seja, por exemplo, acompanhar o viático, fazer a via-sacra, rezar o terço, ganhar as indulgências". Garantia que a melhor maneira de um sacerdote se dispor às atividades do seu ministério consiste em dedicar-se a estas práticas de piedade. Este contínuo mergulho dele nas riquezas da oração dava intensa força às suas palavras durante as pregações. É que os seus sermões eram preparados em ardentes meditações, nas quais tentava aplicar a si mesmo o que ia pregar aos outros e suplicava a Deus a graça de vencer a oposição dos corações inclinados ao pecado. Vai aqui um testemunho a respeito: "Posso atestar que ouvi os sermões de Pe. Gaspar muitas vezes e de cada vez levei a melhor impressão, como se estivesse ouvindo uma alma repleta de fé e completamente entregue a Deus".

Leopoldina Naudet dispunha-se a escrever as constituições do seu Instituto das Irmãs da Sagrada Família. Qual teria sido o conselho de Pe. Gaspar, a fim de que ela tivesse êxito na obra? "Empregue longo tempo e diligência na redação das regras; mande rezar bastante, visto que somente a oração nos capacita a acertar nestes assuntos". Volta à carga mais tarde: "Quando der início ao trabalho, eu reiniciarei a celebração de missas nessa intenção, pois se trata de tarefa importantíssima".

Não é de admirar, portanto, que ele mesmo tenha escrito as constituições do seu Instituto num total envolvimento de orações. Por isso escreve ao Pe. Luís

Bragato: "Reze muito por todos nós e por aquilo que vou escrevendo aos poucos, como em pequenas doses, se isto for do agrado de Deus."

Conforme dissemos, a oração estava focalizada em todos os aspectos da sua vida, inclusive na doença. Com a perna violentamente afetada, descarnada de operações, o seu caso era dado como perdido pelos médicos. Contudo, melhorou tanto e já podia usar a perna. Nada obstante, o que escreve a respeito nos mostra que sua confiança não estava fundamentada nas capacidades humanas, mas no poder da oração. "A minha esperança - diz ele - funda-se na prece, embora a cicatriz esteja dando bons sinais". Pede a outros que o acompanhem na oração: "Lembre-se de mim diante de Deus, visto que renovaram o corte da operação no joelho". Mais; "Deus me ajuda, apesar da minha indignidade, por causa das orações dos seus servos fiéis".

Impregnadas desse espírito de viva oração, quais eram as devoções predominantes na vida de Pe. Gaspar?

Em primeiro lugar, tem destaque a devoção a Nossa Senhora. Com todo o esmero, ensinava os alunos da sua escola a honrar e imitar as virtudes de Maria Santíssima. Uma das finalidades do Oratório Mariano era expressamente cultivar nos moços a devoção à Santíssima Virgem. Entre as regras do Oratório se lê: "Todos os congregados terão como estrita obrigação e como razão de honra a devoção a Maria, considerando-se seus filhos e servos e como pessoas totalmente consagradas a ela". Aproveitava toda a oportunidade para desenvolver nos discípulos tal devoção, seja nos sermões, seja nas conversas, seja até nos recreios. Até no recreio? Exato. Quando jogavam uma partida, o perdedor pagava ao vencedor rezando por ele uma ave-maria.

Além disso, dava Pe. Gaspar relevante importância ao mês de maio, tradicionalmente consagrado a Nossa Senhora. Todos os dias deste mês, ao fim das aulas, alunos e professores seguiam para a igreja anexa. Lá, Pe. Gaspar "batia um papo" gostoso com os rapazes sobre Nossa Senhora, e suas virtudes. Depois, rezavam todos alguma oração, cantavam e iam para casa, cada qual no seu rumo. A experiência comprovou que no mês de maio, assim incitados pelo padre, os alunos se tornavam mais comportados e estudiosos, tendo em vista honrar Maria Santíssima, seja na escola como em casa.

Uma outra devoção que tinha muito a peito era a de São José. Foi ele quem introduziu em Verona a piedosa prática do mês de março, habitualmente consagrado ao santo. Propagou-a entre os que se entregavam à sua direção espiritual, como também em diversas paróquias e comunidades religiosas.

Juntando as duas devoções numa só, costumava celebrar, com grande solenidade e recolhimento a festa do casamento de Nossa Senhora com São José, a 23 de janeiro. Deixou esta devoção e festa como herança aos Estigmatinos por ele fundados.

Devemos apontar igualmente uma outra devoção, que apreciava muitíssimo. Era a da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tinha-a bem profunda no coração e na vida. Na igreja dos Estigmas, entregue aos seus cuidados, toda a sexta-feira, de tarde, realizava uma piedosa função em honra da Paixão e Morte de Jesus. Além de outros itens, havia sempre um fervorinho de Pe. Gaspar e, ponto importante, a oração

das Cinco Chagas de Nosso Senhor. Pudera! Fundador de uma congregação religiosa na Casa dos Estigmas, ao lado da igreja dos Estigmas, só podia mesmo focalizar com diligência e sinceridade as Chagas ou Estigmas de Cristo. É verdade que tanto a casa quanto a Igreja eram intitulados aos Estigmas de São Francisco de Assis. Contudo, os próprios estigmas, com que fora carismaticamente agraciado São Francisco, não teriam sentido senão quando relacionados aos Estigmas sacrossantos de Jesus.

B - Estudo.

O estudo não é propriamente uma virtude. Mas, realizado com as intenções com que o realizava Pe. Gaspar, era fruto e penhor de uma grande virtude. Ele estudava, levado pelo zelo da salvação das almas e pela diligência em atingir a glória de Deus. Além disto, o seu estudo, sempre feito com muita humildade, foi tão assíduo, diário, cercado de tanto sacrifício, que nele vamos descobrir diversas virtudes, como por exemplo, o espírito de sacrifício, a responsabilidade no cumprimento do dever, etc. Acresce que o estudo bem orientado torna a virtude mais esclarecida, fornece motivações úteis e importantes nas opções comportamentais, elimina muitas dúvidas que de outra sorte sobreviriam nos caminhos da fé. Desta forma, efetuado com boa intenção de agradar a Deus e exercer melhor o apostolado e a vida virtuosa, o estudo é poderoso alimento da virtude. Sem dúvida, abaixo, muitíssimo abaixo da oração. Entretanto, nem por isso, deixa de ter sua parte valiosa na vida de um sacerdote responsável e dedicado.

Na verdade, o estudo de Pe. Gaspar sempre teve três características: formador da inteligência, educador do caráter, favorecedor do apostolado. Nunca estudou para arrotar sabedorias diante dos homens, visando à exibição de si mesmo a fim de receber elogios. Suas intenções eram muito mais altas, não se destinavam a estas misérias do egoísmo.

Por outra parte, como veremos, o seu estudo foi tão apurado, tão assíduo, mesmo na doença ou no cansaço, que teria sido interrompido muito cedo se não tivesse uma motivação de ordem bem superior.

Realmente, quantas e quantas noites ele atravessou entre livros, principalmente quando se tratou de assimilar conhecimentos para combater a heresia da moda, o jansenismo. Sentisse febre, dores, cansaço, pouco importava! O que ele queria era estudar com afinco e, já que de dia não lhe sobrava muito tempo, roubava ao sono as horas noturnas para transformá-las em horas de estudo.

Também os pequenos intervalos de tempo, em que, durante o dia, não estava rezando nem trabalhando no ministério sacerdotal, aplicava-se em estudar, sempre estudar, sem desfalecimentos, ciente de que um ministro de Deus precisa estar bem preparado intelectualmente para desenvolver digna e eficazmente o seu ministério.

Esta aplicação vinha de antiga data, desde os anos de simples estudante, nos quais se distinguia dos colegas pela seriedade com que se dedicava aos livros. Frequentemente, quem quisesse encontrá-lo nos momentos vagos, podia procurá-lo seguramente na biblioteca do seminário, ou na municipal, ou nas particulares. De seu lado, os responsáveis ou donos dessas bibliotecas, sabedores da ânsia de conhecimentos sérios de Pe. Gaspar, deixavam-lhe confiadamente livre acesso às mesmas, certos de que lá dentro não perderia tempo, de maneira alguma. Ali tomava

apontamentos, ou copiava trechos, para de noite, em casa, estudá-los com mais apuro.

Tratou de infundir nos seus primeiros estigmatinos este ardor de incansável estudioso. Comprava-lhes livros. Novas publicações eram debatidas em casa entre todos. Nas suas constituições aponta o estudo como um meio ineludivelmente necessário para exercer o ministério sacerdotal de maneira útil à Igreja, de acordo com as necessidades dos tempos e dos lugares.

Para incrementá-lo ainda mais, também no ambiente do clero secular, organizou em casa freqüentes encontros de ciência eclesiástica. Aliás, já vinha realizando isto, mesmo antes de fundar a sua congregação. Aquilo funcionava como se fosse uma academia de interessados em crescer na cultura religiosa. Sabemos que os participantes eram verdadeiramente assíduos a tais encontros, ao calor do estímulo de Pe. Gaspar.

Para termos uma leve idéia do quanto ele estudava, vejamos os principais setores a que com muito proveito se dedicou. Em primeiro lugar a Santa Bíblia, o mais saboroso e o mais procurado de todos os seus estudos. A História Civil e a Eclesiástica. O Direito Canônico e o Direito Civil. A Filosofia, a Teologia Dogmática, a Teologia Moral. Na Literatura, sabia profundamente a língua italiana, a latina, a grega. Estudou também Agronomia. Não se esqueceu de estudar Música, Pintura, Arquitetura. Em resumo, conhecia, por haver estudado, inúmeras faixas do saber daquela época. Por isso, era muito procurado, não só como conselheiro espiritual, mas também como orientador em assuntos científicos, artísticos e literários. Disso tudo ele se aproveitava unicamente para fazer o bem aos outros. Além disso, é preciso realçar que estudou com afinco também os chamados Santos Padres, mestres da Tradição eclesial, como os escritos de São Gregório Magno, Santo Agostinho, São João Crisóstomo. Acrescentemos que estudou igualmente a obra dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, nos quais se tornou mestre.

Assim como costumava freqüentar as bibliotecas, organizou para os seus estigmatinos uma biblioteca doméstica. Para ela gastou muito dinheiro na compra de livros, mas achou que foi bem gasto, dada a finalidade. Constituiu-a bem montada, sortida, rica de publicações, sempre atual, de modo que podia competir com as melhores de Verona. Tudo isso ele pôs à disposição de seus discípulos, para que eles se enfrasassem na ciência, particularmente na ciência eclesiástica, tal qual ele se enfrasou.

2 - Fatos Extraordinários.

Os fatos extraordinários na vida espiritual, como as visões, os êxtases, as revelações, os milagres, não são propriamente virtudes. Eles são dons especiais que Deus comunica de acordo com seus designios, visando a diversos objetivos que em sua infinita sabedoria tem presente. Os objetivos, pelos quais Deus enriquece alguém com aqueles dons, podem ir desde a simples vontade de recompensar a virtude dos seus servos até a de revelá-la aos outros para estimulá-los à imitação, ou mesmo um serviço de maior amplitude à Igreja. Entretanto, não se mede a santidade pelos dons extraordinários. De fato, no caso de Pe. Gaspar, apesar de suas virtudes heróicas, seus dons extraordinários não são tão numerosos como os que encontramos na vida de alguns santos.

Vamos contudo, relatar alguns desses fatos, comprovadamente certos, acontecidos na vida tão fortemente virtuosa de Pe. Gaspar.

Todo o bom cristão está unido a Deus. Todavia, Pe. Gaspar tinha dessa união uma consciência profunda, praticamente contínua. Num trecho de suas memórias encontramos: "Rezando em preparação à missa, percebi que Nosso Senhor crucificado me dizia internamente: "olha para este meu coração". Esta expressão acendeu logo uma luz maravilhosa no meu espírito e um calor forte e repentino no meu coração. Assim, minha alma elevou-se como para contemplar aquele coração que me fora indicado. Então senti um tremor pelo corpo todo. Percebi que estava de olhos fechados e que a alma se encontrava ativa e repassada de inefável alegria."

Esta união com Deus chega, portanto, às raias do êxtase. Veja-se a seguinte anotação tomada por ele em seus apontamentos: "Durante a missa... percebi uma espécie de alargamento da inteligência para conhecer melhor a Deus com quem eu falava e um aumento de afeto e expansão de caridade na oração. Depois senti certos ímpetos do coração para Deus, como sendo impulsos do espírito para ele, experimentei-me como que empolgado por um amigo, que, ausente por muito tempo, se lança no abraço ardoroso do outro. Então sobreveio o desejo de que crescesse o conhecimento e o ímpeto para poder atingir o Sumo Bem. Mas, receando alguma vaidade, pois eu estava em público, recorri à consideração dos pecados gravíssimos: daí cresceu o conhecimento da bondade e o amor, que se derramou em lágrimas muito suaves, as quais duraram até depois da comunhão. Nesse ínterim, a fé e a confiança cresciam muito mais, juntamente com a humildade e a reverência amorosa. Finalmente, à hora da comunhão, senti muito grande devoção, tal qual experimentei em minha primeira comunhão, quando criança, e que não lembro ter experimentado depois".

Pe. Gaspar, na iminência de entrar em êxtase completo, renunciou a ele, só para evitar que as pessoas presentes o vissem neste estado. Temia tanto a vaidade!...

Além dos êxtases, sabemos, por provas sérias, que foi agraciado por visões celestiais. Numa delas, Deus lhe determinou que fundasse uma nova Congregação Religiosa. Exatamente aquela que ele, em conseqüência, fundou.

E os milagres? Citemos um acontecimento, relatado pelo pai do agraciado: "Era o mês de agosto de 1834 - diz ele - quando meu filho Marino, criancinha e já órfão de mãe, adoeceu gravemente. Andava sempre adoentado. Por este motivo, o médico não duvidou em reconhecer que o caso era muito grave e a doença incurável. Atormentado pela angústia de perder mais este filhinho, já que eu havia perdido outros filhos, lembrei-me de que poderia apelar para as orações de Pe. Gaspar. Eu sabia que a bênção e as orações deste sacerdote haviam restituído a saúde a Monsenhor Cartori, que se encontrava às portas da morte. Pedi, pois, a Pe. Gaspar que fosse visitar o doentinho. Ele me atendeu logo. Visitou-o, orou por ele e lhe deu a bênção. Aconselhou-nos a ter grande esperança. Realmente, valeu a visita. No dia seguinte, o médico verificou que não havia mais doença alguma. O enfermo, recém curado, só precisava de uns dias de convalescença".

Capítulo III - AS VIRTUDES DE PADRE GASPAR

1 - Fé.

Por força da fé intensa que impregnava toda a sua vida, Pe. Gaspar conseguiu viver continuamente sob o influxo do sentimento da presença de Deus. As pessoas que o conheceram testemunham este fato, que, aliás, encontramos atestado igualmente pelo próprio Pe. Gaspar em suas notas pessoais. "Sentimento da presença divina" é uma expressão que brota bem clara daquelas notas, seja direta e literalmente, seja indireta mas equivalentemente.

Nem era preciso conhecê-lo a fundo para descobrir nele este espírito de fé. Bastava ouvi-lo pregar. Das palavras, do tom da voz, do olhar, de toda a sua atitude, inferia-se claramente que só podia apresentar-se daquela forma e falar daquele jeito uma alma toda acesa na virtude teolagal da fé.

Mesmo nos apuros, podia ele perder o fio do que estava falando, mas não perdia a idéia da fé em Deus. Uma vez, o bispo foi visitar a catequese, exatamente na hora em que Pe. Gaspar ensinava o catecismo. Quando viu o bispo, o padre perdeu o rumo do assunto. Não sabia mais em que ponto se encontrava. Teve que se limitar a fazer um resumo do que estava falando, meio atordoado pela presença do superior. Contudo conforme ele mesmo escreveu, nessa afobação lembrou-se de quanto ficaria perturbado quando se achasse diante do tribunal de Jesus para o julgamento, na hora de lhe prestar contas do seu sacerdócio. Isto é simplesmente raro. A virtude comum jamais teria focalizado uma idéia referente a Deus naquela hora; teria, isto sim, perdido todas as idéias, todas, pura e simplesmente. Só a fé robusta de Pe. Gaspar lhe podia acordar aquela lembrança naquele momento de aperto.

Deixou-nos ensinamentos preciosos sobre a virtude da fé. Evidentemente não se trata de doutrina exclusiva da doutrina da Igreja. Contudo, é interessante verificá-la estarmos certos de quanto se apegava ele à Igreja em tudo também no que diz respeito à Fé. Aquilo que Deus nos revelou "devemos receber dele humildemente por meio da fé - escreve ele - contudo o homem não o deve curiosamente investigar com o seu raciocínio... A curiosidade deve ser eliminada, mas deve igualmente ser eliminada a ignorância. É muito ampla a glória da fé porque conduz o espírito humano ao porto da verdade, por entre estes dois escolhos tão famosos em vista dos numerosos naufrágios (contra a fé). Ela reprime a arrogância de querer compreender o incompreensível... Ela o torna atento e vigilante para dar e meditar os mistérios revelados por Deus..."

Sob este ponto de vista da fé, considerava as Sagradas Escrituras pelo que elas são, isto é, palavra de Deus. Disto concluía que a Bíblia deve ser lida e tratada com a maior veneração. E quando o seu conteúdo ultrapassa a capacidade humana de compreensão, aí então sobra somente a admiração de quem aceita o mistério e se prostra diante dele. Palavras pessoais de Pe. Gaspar: "Na Sagrada Escritura Deus nos fala; não precisamos dos livros do mundo. Nela temos tudo quanto é necessário, mais ainda, tudo o que é mais útil para conhecer o que é bem, para discernir o que é mal, corrigir os nossos costumes, para justificar o nosso espírito; de que mais precisamos para nos santificar e nos instruir em todas as boas obras?"

Bem se vê qual era o seu apreço pela palavra de Deus. Por isso, deixou-nos dito: "A palavra de Deus na Bíblia deve ser a regra do nosso pensamento, da nossa ação, se quisermos conhecer a verdade, chegar à salvação; não as filosofias estranhas que sempre variam e que se encontram esparsas nos perniciosos livros do nosso século".

Infeliz de quem quer fazer passar pela investigação do olho míope da inteligência humana, incluídos os mistérios da fé! Tais pessoas encontram nisso uma fonte incessante de dúvidas, tentações e quedas. O demônio, por sua vez, se apodera desta tendência errônea e suscita ainda mais a incerteza contra as verdades divinas, atormentando assim a alma, demasiado, raciocinadora. Os hereges são as grandes e famosas vítimas destes tropeços. Descreve então Pe. Gaspar as artimanhas do herege: "Arma-se contra a fé humilde a mais deslavada impiedade. Com ela não somente sobrevêm o furor, mas ordinariamente a prepotência e a força se juntam para oprimir os fracos; o saber e a eloquência, para confundir e seduzir os ignorantes; a astúcia e a fraude, para enganar os simples e pervertê-los".

De seu lado, Pe. Gaspar lutou assanhadamente contra toda a forma de heresia. Principalmente, assestou suas baterias de sabedoria eclesiástica, de inteligência, de espiritualidade, de grande fé, contra o Jansenismo, heresia muito manhosa e cheia de disfarces. Nem poupou sacrifícios a fim de manter o povo e o clero imunes da ação nefasta dos erros contra a fé.

Em conclusão, toda a vida dele foi um contínuo ato de fé. Sem ela, como explicar os seus terríveis sacrifícios e mortificações? A sua renúncia completa em tudo e por tudo? O seu apego à vontade divina, sem trepidações nem incertezas? Ele realmente estabeleceu, sob a ação da graça divina, como base de toda a sua espiritualidade, uma fé intensa e inabalável.

2 - Esperança.

A esperança é uma virtude recebida basicamente no batismo, com a fé e a caridade, e desenvolvida no correr da existência pelo auxílio da graça de Deus e a colaboração do cristão. Por ela, temos plena segurança de alcançar a recompensa no céu e os auxílios necessários para lá chegar. Seu fundamento é a incomensurável bondade, misericórdia e poder divinos, que nos garantem tudo aquilo. Quanto mais refinada é a esperança, tanto mais se apóia nos auxílios divinos e tanto menos nas forças humanas.

A esperança de Pe. Gaspar chegou a este ponto. Inteira confiança em Deus, sem contar absolutamente com os meios humanos. E não se pense que a esperança dele foi das mais tranquilas e cômodas. Pelo contrário. Foi tremendamente provada com toda a sorte de dificuldades e frustrações. As adversidades que o molestaram e que levariam qualquer mortal ao desânimo, foram muitas e contínuas, não lhe davam um momento de bonança. Que fazia ele? Desanimar? Nunca. Olhava para o céu e imediatamente atirava-se com segurança nas mãos de Deus.

Esta confiança, muito elevada, heróica mesmo, dava-lhe inspiração para escrever: "Cuidado com o que fazeis quando falhais à confiança em Deus. Porque muito mais o ofendeis com a desconfiança do que com o pecado". Em outra parte deixou dito: "Eis, irmãos, a que se dirigem as artes do demônio: arrancar-vos do

coração esta feliz esperança, porque ela vos pode salvar, ainda que estejais perdidos. Fomos salvos pela esperança, diz o Apóstolo".

Quanto às provações a que foi submetida a esperança de Pe. Gaspar, podem ser avaliadas por esta expressão de desabafo por ele pronunciada: "Se soubésseis, meus filhos, o sofrimento que sinto, se soubésseis! Minha angústia é tão grande que chegaria ao desespero se Deus não me ajudasse com a sua graça".

Mas de fato ele confia e espera em Deus. Por que? Responde ele mesmo: "Aquilo que aos homens é não só difícil, senão impossível, ao nosso bom e onipotente Senhor é fácil, facilímo, antes, tão logo ele o quer já está feito." Mais: "Quem espera em Deus jamais ficará desiludido ou envergonhado". Fundamentado em Deus, ele pede orações, quando escreve ao Padre Bragato: "Reze por nós, que estamos sempre num mar de ocupações, de controvérsias, de situações intrincadas e, contudo, vamos para frente, ainda que às apalpadelas, esperamos ser guiados por Deus misericordioso que nos conduz, às claras de vez em quando". Tinha razão para só confiar em Deus, pois, quando redigiu estas últimas expressões, se achava em grandes apuros com referência à sua Congregação. Parecia que, depois de um animador desenvolvimento, tudo fosse por água abaixo. Tantos foram os casos de falecimentos, de desistências, entre os membros da já pequenina congregação, que se tinha a impressão de um pleno fracasso. Ele não se descontrolou nem desanimou. Inabalavelmente apoiado na esperança em Deus, nunca se deixou abalar. Como um timoneiro magistral, agarrado ao leme, enfrentava sem pavor os ventos das dificuldades, as ondas dos perigos, as tempestades das contradições. Exatamente neste oceano de obstáculos, continuava a escrever as constituições da congregação, como se tudo corresse às mil maravilhas, ciente de que, com a esperança em Deus, nada tinha a perder, tudo a ganhar. Aos primeiros discípulos do seu Instituto encorajava dizendo: "Confiemos, meus filhos, sim, confiemos em Deus. Se ele está conosco, quem estará contra nós? Se ele é o nosso protetor, de quem teremos medo?"

Numa palavra, tanta era a esperança de Pe. Gaspar, que do seu coração repleto dela as palavras saíam ardorosas, muito capazes de animar quem quer que fosse expor-lhe os seus problemas e dificuldades, seu estado de ânimo debilitado pelos contratempos da vida. Ele, em pessoa, era uma esperança viva nas promessas de Cristo.

3 - Caridade.

Tão aberto era o coração de Pe. Gaspar à virtude da caridade, que a quis declarar específica do seu Instituto, como Jesus a havia declarado específica dos seus discípulos. Por esta razão, deixou escrito em suas constituições a seguinte norma: "Tenham todos como escopo e distintivo da sua vocação a expressão de Jesus Cristo, Nosso Senhor: Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros".

Conseqüentemente, o Pe. Luís Bragato, um dos primeiros membros da congregação, constata a realidade efetiva desta regra na vida da congregação. Diz ele: "O vínculo da congregação era a caridade, que transformava o trabalho em prazer, e a base era uma virtuosa vida comunitária, orientada em todos os seus atos pela mais apurada obediência".

Entretanto, Pe. Gaspar não se limitava a apontar regras, mas dava o exemplo de como se deve praticar a caridade até às suas últimas conseqüências. Citemos alguns fatos.

Um certo Pe. Galvani deixou-lhe por testamento diversos prédios. Eram: o dos Estigmas, o do convento de Santa Teresa, o chamado dos Desamparados e o da SS. Trindade. Limitou-se a guardar para si e seus companheiros a casa dos Estigmas, para sede da sua congregação. Desapegado e caridoso, deixou os outros edifícios a diferentes pessoas piedosas, que neles exerciam atividades religiosas de valor.

Quando os jesuítas se decidiram a voltar para Verona, encontraram dificuldades em achar local para se estabelecer. Mais do que depressa, Pe. Gaspar dispôs-se a entregar-lhes alguns locais de sua propriedade, incluído o próprio convento dos Estigmas, onde residia. Estava inclinado a reservar para si e sua congregação apenas algumas salas e, nelas, viver em aperturas. O que queria a todo o custo era servir aos outros através de atos de caridade, no caso, atos de caridade bem generosa em favor dos jesuítas. Mais ainda, estava determinado a ceder-lhes, até mesmo a sua escola. É claro que uma conduta assim cristã quão inesperada, produziu edificante surpresa nos jesuítas, que, resolvidas as suas dificuldades de outra maneira, ficaram-lhe devedores de grande gratidão pelo gesto profundamente evangélico.

Os tempos eram difíceis, a carestia de víveres trazia a fome a muitos lares. Pois bem. Exatamente então, ele se pôe a reformar a igreja dos Estigmas e a construir um novo convento mais a torre da igreja. Dizia que esta era uma ótima forma de praticar a caridade: dar trabalho aos operários, que, de outra maneira, curtiriam a fome com todas as suas conseqüências. Por aí se vê que, mesmo em assuntos materiais, como esses de construções, não perdia de vista a virtude tão altamente espiritual da caridade.

Seu amor ao próximo chegava até ao heroísmo. Quando não podia praticá-lo pessoalmente, punha algum dos seus filhos na situação de assumi-lo e vivê-lo até a esse grau. É o caso do Pe. Mateus Farinati. Enviado pelo Fundador a atender as pessoas atingidas pelo tifo, prontamente obedeceu e se dedicou aos enfermos com o máximo de generosidade. Acabou apanhando a doença. Como resultado, veio a falecer. Pe. Gaspar reconheceu nele um mártir da caridade.

Por outro lado, havia outro tipo de caridade, menos espalhafatoso, mas intensamente vivido por Pe. Gaspar e seus filhos. Todos os dias compareciam à porta da Casa dos Estigmas entre cinqüenta e setenta pobres, que aí recebiam alimento para saciar a fome. Dentro, em casa, havia privação de comida em severa mortificação, mas aos pobres a porta, as mãos e os corações estavam sempre abertos.

Pensar nos outros, Pe. Gaspar pensava. Em si mesmo, bem pouco, porque sabia sair de si mesmo para compreender e amar o outro. Doente, sofria muito, mas não se queixava. Só aos médicos manifestava o que sentia, exatamente para que soubessem o que deviam fazer. Parecia nada sofrer, quando alguém, igualmente sofredor, a ele recorria para receber conforto, e conselhos. As palavras e os gestos do padre transmitiam animação e coragem, como se ele mesmo estivesse vigoroso e sadio.

Com os enfermeiros tinha a máxima delicadeza, visando não incomodá-los. Cansado da posição em que estava, na cama, e não podendo por si próprio mover-se para outra posição melhor, rogou que o ajudassem. Mas os que o assistiam tinham ido repousar, que já era noite e todos se achavam cansados. O plantão noturno lhe pediu que aguardasse um tempinho. Pe. Gaspar calou-se e nada mais solicitou. Esperou que as pessoas aparecessem e então lhes disse o de que precisava. Nunca mais pediu a presença de ninguém. Preferiu sofrer sozinho a importunar os outros.

Com referência aos seus confrades doentes, tinha desvelos de mãe. Para eles queria os melhores médicos; curados, dava-lhes alimentação e cuidados os mais atenciosos, a fim de que lhes voltassem brevemente as energias e a saúde plena.

Não falamos ainda da caridade que demonstrava para com os seus alunos, enquanto manteve a escola. Seu amor fazia-o respeitar a dignidade humana dos rapazes. Longe de tratá-los com rigidez e rigorosos castigos, procurava educá-los amável e carinhosamente. Se algum deles necessitasse de uma correção, tentava suavemente explicar-lhe o erro cometido e as razões de corrigi-lo. Às vezes usava até de alguma chistosa brincadeira, que punha em realce o erro, caricaturando-o, sem ofender o interessado; assim obtinha a correção. Havia exceções, é claro. Quando uma falta era mesmo grave e repetida, ou prejudicial aos demais, então ele engrossava a voz, pronunciava as palavras bem acentuadas e pausadas, de modo que impunha um certo medo salutar. Porém, mesmo neste caso, seu intuito era sempre caridoso: lançar mão de um último recurso para trazer o aluno ao bom senso.

Seria preciso falar de sua caridade para com Deus? Fala-nos disso toda a sua vida, dedicada inteiramente e sem reservas a servi-lo e glorificá-lo, apesar de todos os pesares e dificuldades. Fala-nos disso a sua mortificação, o seu zelo, as suas virtudes todas. Fala-nos disso expressamente o seu amor ao próximo, amor exemplar e generoso, heróico até. Porque ninguém ama o próximo como ele amou, nem tem forças para tanto, se não ama a Deus com todas as suas forças.

4 -- Abandono em Deus.

O que é ABANDONO? É uma entrega total, sem nenhuma exceção, da pessoa e seus interesses a Deus Pai, tal qual Jesus Cristo se entregou à vontade do Pai a vida inteira. Desde que Deus é reconhecido como Pai infinitamente poderoso, sábio e amoroso, a alma se confia a ele de maneira absoluta, como uma criancinha nos braços da mãe. Inácio Larrañaga, na sua substanciosa obra "Mostra-me teu rosto", assim se explica a respeito: "Abandonar-se é sair de seu próprio interesse e entregar-se a outro, reclinando a cabeça e toda a vida confiadamente nas mãos do Senhor. Um ato de entrega é uma transmissão de domínio, é dar-se o "eu" a um "tu". É um gesto "ativo porque consiste na oferta total da própria vontade ao ser querido. Não é, pois, entrar com resignação na marcha fatal dos acontecimentos. É entregar-me com amor a Alguém que me quer e que eu quero, e porque quero, me entrego".

Neste enfoque, a pessoa que se abandona a Deus só tem em mira realizar em tudo e por tudo a vontade divina. Como Jesus: "Desci do céu, não para fazer a minha vontade, e sim a vontade daquele que me enviou". (Jo 6, 38). Coerente com isto, frente à angústia de agonia que o oprimiu no Horto das Oliveiras, na iminência de ser preso e crucificado, exclamou: "Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade". (Mt 26, 42). Conseqüentemente, já pregado na cruz,

prestes a morrer, lançou ao Pai e ao mundo este último grito: "Pai, nas tuas mãos ENTREGO o meu espírito". (Lc 23, 46). O abandono nas mãos do Pai, que havia orientado toda a sua vida, orienta-o também na entrega do seu espírito ao exalar o último suspiro. Em resumo, em todas as circunstâncias, Jesus era e se comportava sempre como o grande consagrado ao Pai consagrado a fazer plenamente a vontade do Pai, sua grande e única preocupação.

Vejam, pois, a virtude do Abandono, em Pe. Gaspar. Até que ponto ele imitou o Salvador, modelo de todos os cristãos, de todos os homens? Em primeiro lugar, examinaremos o que ele disse a respeito, em segundo veremos como se comportou. Desde já adiantamos que o santo abandono foi a característica marcante na vida dele. Diríamos que foi o centro em cuja órbita giravam todas as demais virtudes.

Nos seus apontamentos particulares escreve: "Desacostumar-se de fazer a própria vontade, e tudo realizar como que movidos pela vontade de Deus, a fim de agradar-lhe e honrá-lo". Ou, num dos seus sermões aos seminaristas: "Pouquíssimos são aqueles que entendem o que Deus faria deles, se não fosse por eles impedido em seus desígnios". Fala aqui dos que fazem a sua própria vontade, e por isso não se abandonam à vontade divina. E continua: "Nem podemos imaginar as grandezas que Deus realizaria em nós e quanto faria em nós e por nós, que somos a pupila dos seus olhos, se não dificultássemos a ação da sua graça, mal nos colocássemos livre e inteiramente em suas mãos". Há pessoas que são muito precipitadas, querem tudo fazer tudo prevenir; esquecem-se de que muita coisa não podem fazer e de que será necessário deixar alguma coisa para Deus, Nosso Senhor, exatamente aquelas coisas que não conseguem de maneira alguma realizar sozinhas, ou que não vêem claro se devem ou não fazer. Por isso, Pe. Gaspar falou: "Um homem de oração nada mais faz do que acatar os acontecimentos, conforme Deus os encaminha de acordo com a sua Providência. Não previne, nem precede; tudo nele está em ordem, tudo tranquilo. Não é precipitado, nem apressado. Espera o tempo, as circunstâncias. Em tudo isto segue as pistas de Deus",

O apego às coisas da terra impede que a alma se abandone inteiramente a Deus. Por esta razão, Pe. Gaspar detesta a atitude daqueles, principalmente sacerdotes, que se assanham na posse e aquisição do dinheiro e outros bens materiais. Suas palavras a este respeito denotam o quanto lhe doía na alma a constatação destes defeitos nos ministros do altar.

Verifiquemos agora a conduta de Pe. Gaspar acerca do santo Abandono. As Ordens Religiosas do tempo dele tinham sido supressas ou perseguidas e impedidas de agir. Não eram, portanto, aqueles os melhores tempos para se tentar a fundação de novos institutos religiosos. Contudo, ele, acostumado a olhar a vontade de Deus e não a dos homens, decidido a fazer o que Deus dele queria e não o que os homens prescreviam, quando soube da parte de Deus que devia fundar uma congregação religiosa, imediatamente se colocou à disposição. Só ficou esperando o momento certo, a ser também indicado por Deus através dos acontecimentos, para dar início. Só ficou esperando igualmente que Deus lhe mostrasse, de uma maneira ou de outra, como devia ser a nova congregação. Seu princípio era sempre este: "Se Deus manifestou claramente os desígnios da sua glória, também indicará pouco a pouco a maneira e o tempo de atingi-los." E porque estava completamente dedicado a

abandonar-se à vontade de Deus, pouco ou nada ligava aos bens da terra, nem mesmo quando se tratou de receber fartas heranças em benefício da congregação que estava fundando, ou para as construções e reformas de prédios e igreja em que se achava empenhado. Renunciou sempre a todas as ricas doações que lhe faziam neste sentido. Veremos com pormenores, quando tratarmos da virtude da pobreza. Para que confiar nos homens se ele pertencia todo a Deus, melhor ainda, se se havia abandonado completamente a Deus?

Uma outra atitude que lhe retrata muito bem o inteiro abandono a Deus, encontramos-a no seguinte fato. Sua congregação podia crescer a olhos vistos e realizar ostensivos progressos. Bastava que ele utilizasse a ampla influência de que gozava em Verona, como conselheiro de tanta gente, para encaminhar possíveis vocações exatamente para a sua congregação. Jamais fez isso. Orientava os candidatos para outros institutos religiosos. No seu, só aceitava os que viessem espontaneamente, não por insinuação ou influência de sua parte. Nisto ele se atinha ao princípio, muito repetido: "Em assuntos de vocação, o certo é entregar tudo à disposição de Deus". Não queria que a natureza humana tivesse uma parte qualquer, por pequena que fosse, em suas decisões, incluídas as vocacionais. Queria, sim, exclusivamente, fazer com a máxima simplicidade e perfeição a vontade de Deus. Esta é a razão pela qual evitou sempre o encaminhamento de candidatos para a sua congregação. Ele só aceitaria aqueles que Deus lhe mandasse, de um jeito ou de outro. Desta sua maneira de agir não se afastou nem mesmo quando a congregação começou a esvaziar-se, seja pelas diversas mortes que ceifaram as vidas dos seus religiosos, seja pelas diferentes desistências de outros. Chegou a ficar com apenas oito padres, mas prosseguiu tranqüilo e seguro. Sua congregação entrava nos desígnios de Deus e ele estava abandonado a esses desígnios. Logo, sua congregação persistiria, ainda que as aparências estivessem sugerindo o contrário. De fato, apesar de tudo, a congregação persistiu e prosperou, precisamente porque é obra de Deus. Parece mesmo um milagre o fato de ter subsistido um instituto que praticamente estava arrasado quando ainda vivia o seu fundador. Acontece, porém, que o seu fundador se apoiou em Deus e não nas aparências humanas. Por este motivo, Deus lhe deu o apoio que ele esperava e deu estabilidade à congregação, após a morte dele.

Quando se tratou de elevar o Pe. Gaspar às glórias de bem-aventurado, exigiam-se, como sempre nestes casos, dois milagres, bem comprovados. Havia apenas um milagre perfeitamente configurado e realizado por intercessão de Pe. Gaspar. Entretanto, Sua Santidade o Papa dispensou o segundo milagre, aduzindo que a própria existência da congregação já é de per si um verdadeiro e comprovado milagre. Fruto, certamente do amplo abandono de Pe. Gaspar em Deus, Nosso Senhor, de acordo com o que deixou escrito: "Nós cumprimos o nosso dever. Sua Divina Majestade fará o resto, nem eu quero saber o que fará. Tranqüilizo-me, acreditando que Deus pode fazer tudo o que quer e sempre faz o que é melhor, ainda que não pareça exatamente assim à nossa pobre compreensão, antes, até pareça que ele está errado".

Ainda a respeito da sua congregação, após havê-la fundado e haver para ela redigido as regras e constituições nunca se resolveu a solicitar da Santa Sé a aprovação da mesma. Por quê? O motivo está ali, sempre ali, na sua incrível decisão

de só fazer aquilo que lhe constava ser a vontade de Deus. Era vontade de Deus que ele fundasse uma congregação? Fundou-a. Era vontade de Deus que ele escrevesse as constituições? Escreveu-as. Fez tudo o que viu que Deus queria. Mas ainda não via claro se Deus queria mesmo que fosse ele em pessoa o encarregado de pedir a aprovação oficial. Ou seriam os seus sucessores? Por isso não pediu aprovação nenhuma.

Mais um outro exemplo de como queria só a vontade Deus. Estava passando a convalescença na roça, depois de grave doença. De repente, fica sabendo que desejavam nomeá-lo vice-reitor do seminário. Havia muitas razões que o desaconselhavam de aceitar essa nomeação. Por isso, ficou simplesmente estarrecido quando soube a notícia. Pedi que pessoas prudentes interferissem no sentido de evitar para ele aquele cargo. Todavia, acrescento, agissem de modo a não contrariar a vontade de Deus. Sempre o mesmo sublime estribilho: A vontade de Deus acima de tudo. Se Deus quisesse que assumisse tal encargo, tão difícil e pesado para ele nas circunstâncias de então, ele o assumiria. De fato não foi nomeado vice-reitor. Nem se contrariou a vontade de Deus.

Mesmo se a doença e as tribulações o apertassem com seus apuros, Pe. Gaspar mantinha sempre inabalável a sua dedicação à sacratíssima vontade divina. Diante dos mais pesados sofrimentos, dizia: " Não me poupeis, meu Deus, não me poupeis; a razão está sempre do vosso lado". Chegava até a agradecer a Deus os sofrimentos e as cruzes, considerando-os como presentes que Deus lhe dava. Aceitá-los era fazer o que fez Jesus Cristo, que aceitou a cruz e a morte para cumprir a vontade do Pai.

5 - Humildade.

Uma das virtudes que Pe. Gaspar mais amava e praticava foi a virtude da humildade. Era uma das que tomava em consideração quando se tratava de avaliar uma vocação sacerdotal. Dizia: "Se Deus leva alguém à mais profunda humildade, é sinal de que pretende erguê-lo bem alto na vida eclesiástica".

Tinha pavor de qualquer sombra de orgulho. Escreveu: "Quanto mais elevados na perfeição da santidade, tanto mais devemos temer. Porque os outros vícios se alimentam de ações pecaminosas, enquanto que o orgulho se nutre, e com muito gosto, das próprias virtudes, ainda as mais altas."

Paralelamente a esta expressão, dizia aos discípulos: "Todos os sólidos fundamentos das grandes realizações devem assentar na humildade. Se formos humildes, Deus se utilizará de nós para elas em vista da sua glória". Costumava repetir-lhes freqüentemente: "Bassi, bassi, buseta e taneta". É uma frase em dialeto que significa literalmente: "Baixos, baixos, buraquinho e toquinha." Em outros termos, queria dizer que precisamos ser humildes como aqueles bichinhos que se realizam a si mesmos e realizam a glória de Deus permanecendo ocultos no chão, em pequeninas cavidades, ou tocas. Explicava que o orgulhoso se coloca muito alto acima dos outros e enfrenta o próprio Deus. Mas o tombo, das alturas, é muito maior e a pancada muita mais grave. Ao contrário, o humilde, como não se exalta, não se eleva acima de ninguém, dificilmente sofrerá uma queda e, se por acaso cair, não se fará muito mal. Afinal de contas, a queda de quem se acha rente ao chão da humildade não é tão grande.

Baseado nestes princípios, ele mesmo levou uma vida no mais intenso escondimento. Todos os testemunhos a respeito concordam neste ponto.

De si mesmo tinha uma idéia muito desprezível. Por isso, desejava as humilhações. Achava-se digno delas. Declaração do Pe. Fedelini: "Ele imitava seriamente Jesus Cristo na humildade de coração. Tal humildade era-lhe muito entranhada. Desprezava a si mesmo intimamente e, em conseqüência, procurava ser desprezado também pelos outros".

Era uma personalidade rica de dons naturais e sobre-naturais. Com todo o cuidado evitava exhibi-los. Concretizava sempre o já citado "bassi, bassi, buseta e taneta". Trabalhava, sim. Punha em atividade suas qualidades e conhecimentos, que não eram pequenos. Mas tudo atribuía sinceramente a Deus, nada reservava para si senão a frase evangélica: "Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer". (Lc 17, 10).

Não queria nenhuma das honrarias que tanto acalentam o coração dos homens. Um dia, o vigário geral da diocese comunicou-lhe sua intenção de fazê-lo cônego. Pe. Gaspar chegou até a perder o sono por causa desta honorificência. Virou, mexeu, envidou todos os esforços para evitá-la. Somente sossegou quando o vigário geral desistiu do intento.

Como era intelectualmente muito preparado e tinha manuscritos de grande valor, de sua autoria, muitos dos seus conhecidos lhe pediam com insistência que os mandasse imprimir. Jamais acedeu a tal desejo. De sua lavra, somente publicou o panegírico de São Zeno, não por iniciativa própria, mas porque lhe haviam ordenado. Saiu do esconderijo da humildade por obediência. Afinal, era o bispo quem lhe dera a ordem! Não havia como se negar a atendê-lo.

Esta humildade transparecia também se alguém lhe pedisse alguma orientação ou conselho. Nunca respondia em nome próprio, mas aconselhava dizendo que tinha lido, ou tinha ouvido, de pessoas sábias e prudentes, uma orientação muito apropriada para o caso em apreço. Sempre o cuidado de se ocultar. Sempre a mentalidade do famoso "buseta e taneta". Neste aspeto, certo dia Pe. Gaspar foi procurado pelo marquês Fumanelli, amigo e íntimo dele. Pedia-lhe este um conselho. Pe. Gaspar lhe deu a sua opinião, mas acrescentou que seria bom consultar um outro padre, nomeadamente o Pe. Guerrieri. O marquês, usando da amizade, respondeu com franqueza que tinha vindo para saber a opinião dele e não a de outros; e que, uma vez sabida esta opinião, se considerava esclarecido e satisfeito. Diante destas expressões de grande estima, Pe. Gaspar, na sua humildade e baixo conceito de si mesmo, ficou extremamente confundido.

Depois de haver sido encarregado da paróquia da Santíssima Trindade, Pe. Giacobbe foi visitá-lo, já que a residência de Pe. Gaspar se encontrava dentro dos limites da sua paróquia. Sabendo-o seu pároco e superior, Pe. Gaspar recebeu-o de joelhos e de cabeça inclinada. Nesta atitude, pediu-lhe a bênção. O pároco respondeu que era ele quem esperava a bênção de Pe. Gaspar. Nada feito. Pe. Gaspar se ergueu somente quando Pe. Giacobbe lhe deu a bênção.

Ter seu próprio retrato exposto numa sala pode dar realce a uma pessoa. Justamente por isso, refugiado a toda e qualquer ostentação e fiel à sua grande humildade, evitou sempre decididamente que lhe fizessem o retrato. Para tanto, foi

preciso usar de um ardil. Um dia, o conde de Serania foi visitá-lo. Levou consigo um pintor. Apresentado o pintor como amigo do conde, pôs-se este a conversar com o sacerdote. Por sua vez, o pintor, já sabendo de antemão que o padre era míope, colocou-se a um certo ponto, discretamente distante, e traçou no papel as feições marcantes dele. Voltando para casa, completou a obra, sem que de maneira alguma o retratado percebesse o logro em que havia caído.

Assim como era profundamente humilde, tratou de induzir os seus filhos à prática intensa da virtude da humildade. Diligenciou por formá-los neste espírito. Deixou nas suas constituições a orientação correspondente, não em um item apenas, mas em diferentes artigos. Pode-se mesmo afirmar que todo o conjunto das normas que entregou aos seus filhos vem impregnado desta mentalidade humilde que tão bem lhe caracteriza a vida.

Grande alegria experimentava ao notar que seus filhos praticavam de fato a humildade. Quando o Pe. Bragato renunciou ao convite ao episcopado, Pe. Gaspar se apressou em dizer-lhe que se regozijava com ele por esta renúncia. Nem deixou de evocar neste ponto a palavra "humildade".

Quando Deus lhe fazia sentir mais fortemente sua divina presença através de iluminações especiais, então Pe. Gaspar se reconhecia ainda mais miserável e pequeno. Veja-se, por exemplo, o que escreve em seu diário espiritual: "Muito grande ternura e profunda humildade senti quando tive Jesus em minhas mãos, logo após a consagração na missa. Eis a suprema bondade junto com a suprema maldade, o mais puro ao mais imundo, o mais santo ao maior pecador".

Modelo de toda essa humildade? O próprio Jesus Cristo. Assim deixou anotado: "Adoremos tão grande Senhor. Amemos Aquele que se abaixou tanto. Aquele que se abaixou a ponto de nos amar. Compreendemos assim até que grau de humildade nos devemos nós abaixar para acatar e imitar o seu abaixamento, com o qual Ele desceu e ainda desce para unir-se conosco".

O Pe. Giacobbe, seu pároco, e que o conheceu muito bem, observa que, na sua opinião, a humildade de Pe. Gaspar chegou às raias do milagre e considera-a como a melhor prova da sua santidade, tão propalada e famosa. Acrescenta que ele não reconhecia em si nenhum valor, apesar de ser tão virtuoso e ter uma vida tão cheia de méritos. Julgava-se apenas digno de desprezo.

6 - Castidade.

Eis aqui uma virtude que, por Pe. Gaspar, como pelos verdadeiros cristãos, cada um no seu estado de vida, foi praticada com a maior diligência e amor. Não se trata de virtude limitada apenas à renúncia. Trata-se de virtude que assume a renúncia por amor a Deus. Melhor, trata-se de virtude que põe o sexo no seu devido lugar e nas suas límpidas finalidades, estabelecidas por aquele mesmo que criou o homem e a mulher como seres sexuados. Trata-se de uma virtude que, afastando o sexo do nível estritamente animal, considera-o como uma das fontes de formação da personalidade cristã, desde que seja assumido dentro da mentalidade evangélica. Para os sacerdotes e religiosos, ligados ao voto de castidade, entre a renúncia ao casamento, não pelo simples faquirismo de renunciar, mas por razões mais altas do que o próprio sexo, em seu sentido mais cristão: o amor a Deus e ao próximo com o máximo de generosidade e abertura superior.

Neste enfoque, brilhou a castidade de Pe. Gaspar. Ele punha no amor cristão, na caridade para com Deus antes e acima de tudo, a base da mesma. Disse: "Numa alma tomada pela caridade não entre a libidinagem".

Aos padres e religiosos afirmava: "Deus nos chama a competir na terra com a pureza dos anjos". Imagine-se então o que não diria aos membros da sua congregação. Assim, nas constituições, lembra-lhes que se consagraram inteiramente a Cristo e que, por essa razão, devem conservar-se castos de corpo e de alma.

Estabelece-lhes os meios seguintes, a fim de se manterem puros e progredirem na virtude da castidade:

1.º - oração e sacramentos. A este respeito, realça a Confissão e a Eucaristia. Escreve: "Tenham todos grande empenho em aproximar-se, freqüentemente e com as devidas disposições, dos sacramentos da Confissão e da Comunhão".

2.º - A mortificação, seja do paladar, seja da vista, do ouvido, da língua, do tato.

3.º - A fuga absoluta e persistente do ócio. Para isto, quer que se apliquem a trabalhos manuais, ou, principalmente os sacerdotes, ao estudo, que é também um trabalho.

4.º - Muito cuidado com os sentimentos, que pouco a pouco chegam a descambar para a sensualidade. Ele observa aos membros do clero quanto faz mal à vida casta, no sentido sacerdotal e religioso, a leviandade no trato com as pessoas do outro sexo. É claro que ele, grande diretor de espiritualidade, bem sabia quantas ocasiões de quedas tremendas tal leviandade proporcionara, infelizmente.

Quanto ao cuidado com a língua, pronunciou um sermão inteiro sobre o argumento. Na sua exposição clara e cerrada ataca a maneira de falar sem peias, muito desenvolta, como se fosse de bom tom mostrar a língua suja. Se tivesse que pronunciar o seu sermão em nossos tempos... Sinal de que a História se repete; mudam os tempos, mas não mudam as tendências humanas. . .

Certamente, ele ensinava a castidade, estabelecia normas para vivê-la, clamava contra os abusos de todo o gênero. Mas não parava aí. Sua conduta era exemplar. Era o primeiro a tomar todos aqueles cuidados que apresentava como meios para salvaguardar a castidade. Tratou com muita gente, homens e mulheres. Conselheiro e orientador de consciências muito procurado. Colaborador assíduo com fundadoras de Institutos religiosos. Todas estas pessoas, sem exceção, coincidem nas suas declarações a respeito da reserva respeitosa que mantinha com elas. Todas reconhecem que nele se via extrema diligência em mortificar os sentidos, de maneira a preservar a virtude.

Não se cansava de inculcá-la em todos os que iam procurá-lo como penitentes. Era tanta a força do seu exemplo, tão grande o brilho da fisionomia e tão influente o ardor da sua palavra, quando se referia à castidade, que atingia profundamente até os mais viciados, de modo que se convertiam, reestruturavam a vida e passavam a servir de exemplo.

Não se pense por isso que Pe. Gaspar fosse um sensaborão, rígido, severo, intratável. Pelo contrário. Tinha maneiras ao mesmo tempo gentis e comedidas,

afáveis e respeitosas. Era um prazer todo espiritual tratar com ele. Até os pervertidos reconheciam que ele, por esta sua virtude, merecia todo o acatamento.

7 - Pobreza.

Jesus afirmou no seu famosíssimo sermão das bem-aventuranças; "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus". (Mt 5, 3). O mundo, no sentido mau da palavra, coloca a felicidade na posse e apego das riquezas e na facilidade em consumi-las, gastando-as a capricho nos sonhos de conforto, de prazeres, de posições. A mentalidade evangélica, anunciada por Jesus, estabelece a felicidade na pobreza em espírito, isto é, a pobreza abraçada em sentido espiritual, por amor ao reino dos céus. A riqueza traz preocupações e açula o egoísmo. A pobreza assumida desimpede o espírito e estimula o amor. Daí, a conclusão de que ela não é nada negativa; muito ao contrário, é uma energia positiva que ajuda a realizar a pessoa do cristão. A verdadeira personalidade cristã impregna-se deste espírito de pobreza anunciado por Jesus.

Pe. Gaspar compreendeu tal espírito e viveu-o de maneira altamente heróica. Viveu-o e ensinou-o aos outros. Quando percebeu que Deus o chamava para fundar uma congregação religiosa, deixou escrito: "Para iniciar uma grande obra é preciso adquirir, primeiro, uma grande e heróica virtude. O CAPITAL NECESSÁRIO É A POBREZA, em seguida as outras virtudes". É o mesmo que proclamar a nulidade dos meios humanos nas obras de Deus.

No seu convento, queria que se respirasse viva atmosfera de pobreza. Repetia: "Meus filhos, devemos lembrar-nos de que somos pobres. Se Deus providencia para que haja em casa alguma coisa, não se trata de coisa nossa, mas de coisa pertencente a Deus". E vinha a explicação: "Não viemos aqui para viver como gente rica, viemos para viver como pobrezinhos de Jesus cristo".

Vejamos alguns fatos que nos comprovam como ele viveu este ideal de pobreza. Usava dos objetos com muito cuidado, para não estragá-los, já que o pobre não pode dar-se ao luxo de desperdiçar as coisas. Aplicava esta diligência até nos objetos pequenos e menos caros, como uma folha de papel e semelhantes. Tomava para si o que fosse mais estragado, porque queria viver realmente a pobreza, como um verdadeiro pobre. As paredes do seu quarto eram desprovidas de qualquer ornamento, sem nenhum quadro. Tinham que ser paredes de quarto de pobre. Esta mesma pobreza transparecia na alimentação, na mobília, em tudo enfim. O inverno em Verona é muito frio e úmido. Como se aquecia Pe. Gaspar? Podia, se quisesse, agasalhar-se muito bem, com todo o conforto. Mas não. Seu agasalho era um velho capote, surrado e remendado; na altura do peito não se fechava bem. No quarto não havia estufa ou qualquer outro sistema de aquecimento.

Em 1836, por ordem do bispo, ele resgatou em leilão uma ampla extensão de terreno, que anteriormente já havia pertencido à Igreja. Obedecida a ordem, não quis guardar para si aquela posse. Por esta razão, ofereceu-a ao Papa Gregório XVI. Por sua vez, o Papa, comovido profundamente com este gesto de desapego e amor à pobreza, determinou que o ofertante guardasse o terreno para a congregação.

Pe. Gaspar estava reformando a igreja dos Estigmas. Uma pessoa muito rica lhe apresentou insistentemente uma boa soma para ajudá-lo nas despesas. Ele não aceitou. A pessoa depositou o dinheiro sobre o altar e foi embora. Não querendo

admitir que a presença do dinheiro levasse a si e aos seus o apego ao mesmo, Pe. Gaspar, mandou devolver a soma a domicílio. Uma outra oferta, bem generosa, lhe foi apresentada por um senhor. Queria ele entregar-lhe o seu patrimônio de alta valia. Pe. Gaspar não aceitou nem uma moeda. Uma sua penitente pretendia deixá-lo herdeiro de grande riqueza. Pe. Gaspar mostrou-se inflexível em não aceitar, apesar das insistências da penitente. Ameaçou até não mais atendê-la como penitente se perseverasse naquela determinação.

Ficou célebre uma renúncia, feita por ele e seus discípulos, com referência aos bens que haviam herdado em testamento do Pe. Francisco Cartolari, um dos primeiros estigmatinos. Este queria, ainda em vida, renunciar à posse daqueles bens em favor da comunidade estigmatina. Não lhe foi dada permissão. Por isso, redigiu o testamento em favor deles. Depois da sua morte, receberiam a herança. Pois bem, falecido o Pe. Francisco, abriu-se o testamento. Qual não foi a angústia de Pe. Gaspar ao verificar que era o herdeiro! Imediatamente disse: "Eu renuncio". Prevendo esta renúncia, o testamento dispunha que, neste caso, a herança pertenceria ao Pe. Gramego. Se este renunciasse, passaria ao Pe. Brugnoli. Se este ainda renunciasse, seria do Pe. Benciolini. Formidável o espírito de pobreza daqueles padres. Após o pronunciamento de renúncia de Pe. Gaspar, um por um, os três foram proclamando também a sua própria renúncia. Ninguém queria riquezas. Todos amavam de fato a pobreza. A herança ficou então com quem de direito entre os parentes do extinto. Pe. Gaspar reuniu a comunidade na igreja, fez-lhe um fervorinho a respeito do ato de desapego que acabavam de realizar e, para agradecer a Deus aquele gesto de virtude, cantou com eles o "Te Deum" em ação de graças. Coisas de heróis!

8 - Obediência.

Aqui estava uma virtude que Pe. Gaspar tinha na mais alta consideração: OBEDIÊNCIA. Hoje, fala-se tanto em liberdade. Quer-se fazer a própria vontade como meio de realização pessoal. Não se reflete que uma pessoa, habituada a fazer tudo o que quer, se torna escrava de sua própria vontade, ou melhor, dos seus próprios caprichos, que acabam por dominar a vontade. Escravidão não é liberdade. Aquele que sabe no momento oportuno obedecer, levando em conta razões elevadas, como por exemplo o amor, liberta-se de si mesmo e, assim, cresce em liberdade. A obediência bem entendida e bem praticada, ao invés de escravizar, liberta realmente.

Pe. Gaspar tem ensinamentos sólidos a respeito. Palavras dele são estas: "Quando uma alma se mostra dócil à voz dos superiores, apesar da repugnância do próprio juízo, então é certamente guiada pelo espírito de Deus".

Ao ter que aconselhar clérigos ou sacerdotes envolvidos em dúvidas diante das ordens do bispo, ele só tinha uma palavra: Obediência. Aliás, estabelecia esta virtude como o mais claro sinal de que alguém era chamado à vida sacerdotal. Faltando a disposição de obedecer, faltava também a melhor prova da vocação. Nem sempre o bispo encontrava fácil acatamento às suas ordens. Então, diante do impasse, apelava para Pe. Gaspar. Este entrava em contato com o renitente e, com palavras carregadas de amor de Deus e com fervorosas admoestações, até mesmo com os exercícios espirituais de Santo Inácio, atingia o objetivo: levava à obediência a pessoa rebelde.

Uma atitude, para ele inconcebível, era a desobediência ao Papa. O Papa representa Jesus Cristo na terra; por isso, suas disposições e ordens devem ser respeitosamente seguidas. Abaixo do Papa, os bispos também mereciam dele a maior veneração. À sua congregação prescreveu a vida de missionários para auxílio aos bispos. A autoridade do bispo foi posta em claríssimo destaque pelo Concílio Vaticano Segundo. Mas Pe. Gaspar, bem antes desse Concílio, havia feito ressaltar aquele múnus. Aos bispos dedicava toda a obediência e colaboração.

Entretanto, não se limitava à teoria. Praticava tudo o que ensinava. De seu acatamento ao bispo vejamos as provas. O novo bispo de Verona chamava-se D. José Grasser. Pessoa amável e de boas qualidades. Mas de língua alemã. Seu italiano vinha com sotaque. O povo não simpatizava com ele, devido exatamente ao preconceito de nacionalidade. Que faz Pe. Gaspar? Toma a peito eliminar as barreiras entre o bispo e o povo. Tinha pregado um retiro espiritual ao clero. No encerramento, o Sr. bispo dirigiu ao clero presente um pequeno discurso em italiano. Tudo bem, exceto a pronúncia. Para desfazer qualquer aspecto negativo que pudesse prejudicar a sua atividade como chefe da diocese, Pe. Gaspar se põe de joelhos diante dele, beija-lhe os pés com reverência, na frente de todos.

Esta mesma demonstração de respeito à autoridade demonstrou ele ao mesmo bispo, numa outra ocasião, em plena rua, lá por uma rua de movimento. O bispo vinha por ela, em sentido contrário, no outro lado. O padre atravessa a rua para cumprimentá-lo. O bispo atravessa a rua para cumprimentar o padre. Os dois se encontram no meio da rua. Pe. Gaspar se coloca de joelhos ali mesmo e pede a bênção ao prelado... Ainda bem que não havia naquele tempo o tráfego de hoje...

Estes gestos foram desanuviando o ambiente em torno do pastor diocesano. A virtude de Pe. Gaspar via na autoridade, fosse lá quem fosse a pessoa, o representante de Deus.

Daí a obedecer ao bispo nada mais faltava. Qualquer ordem episcopal era por ele recebida com respeito e executava com carinho e responsabilidade. E as ordens do bispo a ele dirigidas não eram tão raras, nem tão fáceis. É que o bispo precisava muito dos seus préstimos, para a solução de casos mais ou menos complexos ou para a realização de obras importantes na cidade, no seminário. Doente ou não, Pe. Gaspar sempre lhe obedeceu.

Quanto ao Papa, lia as suas encíclicas de joelhos, tanta era a sua respeitosa disponibilidade de obediência.

E como praticava ele a obediência em seu convento, dado que era ali o superior? Antes de tudo, procurava fazer sempre diligentemente aquilo que lhe parecia ser a vontade de Deus. Obedecia a Deus.

Além disso, nos últimos tempos da vida, estabeleceu como superior da comunidade o Pe. Marani. A partir de então, seguia à risca o que o novo superior dispunha, como qualquer outro membro do convento.

E às leis civis, acaso Pe. Gaspar obedecia com o mesmo cuidado? Sem dúvida. Elas têm seu sentido necessário e é justo que sejam respeitadas. Na Casa dos Estigmas funcionava um ginásio, sob a orientação de Pe. Gaspar e seus discípulos. A partir de 1818, o governo civil promulgou normas para os ginásios, baseado no princípio de que o ensino é de responsabilidade do governo. Pe. Gaspar

podia fechar o ginásio, ainda mais considerando que as aulas eram gratuitas. Mas não. Seguiu aqui também o seu princípio: respeitar e obedecer. Conseqüentemente, já com 41 anos, com a merecida fama de pessoa ilustre por fartos e profundos conhecimentos, não se considerou deprimido em prestar os exames de habilitação oficial, para ser depois autorizado, como prescrevia o governo, a ensinar em seu ginásio. Depois dele, foram também prestar os mesmos exames os seus padres professores. Em coerência com estas atitudes, deixou escrito nas constituições de sua congregação, entre os meios de progresso espiritual, o seguinte: "a perfeita observância de todos os preceitos divinos e humanos, eclesiásticos e civis..." Queria seriamente o respeito a todas as leis.

Mas a sua obediência ia bem mais longe: Há doentes sempre dispostos a exigir o tratamento que imaginam, inconformados em acatar as orientações do médico. Pois bem, Pe. Gaspar foi exatamente o inverso desse tipo. Via nas prescrições dos médicos a manifestação da vontade de Deus, relacionada com a enfermidade que o afetava. Havia-lhes dito que tinham toda a liberdade de mandar, com a certeza de serem plenamente obedecidos. Remédios, cirurgias, tratamentos, curativos, dietas, proibições? Se o médico prescrevesse, Pe. Gaspar obedecia, sem discutir. Obedecia sempre, mesmo aos que, não sendo médicos, exerciam a medicina pela tangente, como os enfermeiros.

9 - Prudência.

A prudência leva a gente a optar por uma finalidade certa, a usar os meios adequados para atingi-la, a considerar todas as circunstâncias inerentes ao setor em foco. Assim, por exemplo, alguém opta por uma profissão. Entre muitas, assume a de motorista, depois de bem ponderada a decisão. Tem que procurar a maneira de se fazer motorista: a auto-escola, os treinos, os documentos, o carro próprio ou de uma firma. Tem que avaliar as circunstâncias: possibilidades de pagamento das despesas para chegar a ser motorista, idade legal para tanto, condições físicas e psicológicas suficientes, conveniências pessoais e da família, etc. O imprudente não avalia nada, não pesa as condições; vai simplesmente fazendo as coisas às cegas, aos trancos e barrancos, errando, tropeçando, e, por fim, frustrando-se e desanimando.

Na vida cristã também deve existir prudência: conhecer claramente o fim máximo da vida humana, optar por ele, selecionar os meios mais aptos para atingi-lo. Tudo isto, dentro das circunstâncias pessoais de cada um. Por ser cristã esta prudência apoia-se na revelação, ensinada por Jesus à sua Igreja, e na graça divina. De outra sorte, não seria cristã. É evidente que o Espírito Santo é a origem dela. Quanto mais uma pessoa é iluminada por ele, tanto mais acertará em seus caminhos espirituais. Mas, nem por isso pode-se dispensar o aconselhamento com pessoas também prudentes e espirituais. Nisso também consiste a prudência.

Pe. Gaspar foi brilhantemente dotado desta virtude, nela esforçou-se por amadurecer. Realmente o conseguiu, a ponto de se tornar um modelo.

A respeito desta virtude, escreveu: "Longe de se opor à vontade divina, muito se conforma com ela ouvir e procurar conselhos de um homem tão sábio, tão prudente e também tão diligente zelador dos interesses da glória divina". Esta foi a orientação que deu à Naudet, acerca de um conselheiro, que ela apontava para ajudá-la a escrever as constituições do seu instituto. E acrescentou: "Quando a

senhora vê com clareza o que fazer, vá agindo com liberdade, confiando em Deus; quando encontra dificuldades que envolvam a sua consciência, na dúvida se alguma atitude venha a desagradar a Deus, de certa forma, não deixe de propor o problema e de buscar esclarecimento com aquele ministro de Deus que a sua discrição julgar mais preparado em ciência, honestidade e prudência.

Aos seus estigmatinos dizia: "Filhos, cuidado com as conversas. É preciso que vocês tenham com todos tal circunspeção em confiar-lhes os segredos do coração, que depois vocês não tenham de se arrepender, ainda mesmo quando os amigos se tornassem adversários". E recomendava: "Não se fiem de si mesmos, não se fiem da própria cabeça". Citava depois, a este propósito, a Sagrada Escritura, dizendo: "Meu filho, não faças nada sem aconselhamento".

Nos obstáculos e perseguições, nas calúnias mesmo, que sofreu em razão de suas atividades sacerdotais, apesar de corajosamente prosseguir em seus trabalhos, sabendo claramente que fazia a vontade de Deus, punha, em todo o caso, muito cuidado para, prudentemente, evitar pretextos de falsas acusações por parte dos que o viam com maus olhos. Forte e corajoso, mas não estouvado e imprudente.

No seu apostolado com os jovens, tinha ocasião de encontrar alguns que precisavam de ajuda, em vista da grande pobreza da família. Jamais dava o auxílio direta e pessoalmente. Sempre mandava uma outra pessoa entregá-lo, sem referir o nome de quem enviava. Prudentemente, queria evitar comparações desagradáveis, no caso de o sucessor na direção não ter as mesmas condições que ele para ajudar o moço necessitado. Estas comparações queixosas são muito fáceis de fazer: "o diretor antigo, sim, que era muito bom; ajudava a gente; mas, este novo? Não ajuda". Na queixa, ninguém pensa em verificar se o atual responsável tem as mesmas facilidades que o anterior na prestação de ajuda...

Por que muitas pessoas procuravam Pe. Gaspar a fim de buscar nele o conselheiro sempre disposto e seguro? Exatamente por causa da prudência com que ele resolvia as situações e as dúvidas. Se já, por natureza e exercício, ele era muito prudente, mais ainda cresceu nesta virtude pela ação do Espírito Santo em seu íntimo. Aliás, sem a atividade divina, não se poderia explicar tanta capacidade de conselho e clarividência, demonstrada na direção das almas e na orientação de tanta gente de todos os níveis sociais. Muito bem escreveu o Pe. José Fiório na sua biografia de Pe. Gaspar: "Os superiores eclesiásticos que o conheciam não deixaram de aproveitá-lo, embora ainda jovem sacerdote, para o bem da Igreja, mesmo em se tratando de assuntos muito delicados. Se havia necessidade de um diretor espiritual que tivesse grande tino e experiência, a escolha recaía sobre a sua pessoa; se se tratava de remover algum escândalo, ou de acabar com alguma desordem ou abuso, ou de restabelecer a disciplina eclesiástica, ele era escolhido entre todos, e conseguia sempre desempenhar bem o cargo que lhe era confiado".

O mesmo Pe. José Fiório cita o testemunho do Padre Antônio Bresciani, jesuíta, a respeito da prudência de Pe. Gaspar. Merece ser reproduzida aqui a citação: "Pe. Gaspar unia a uma vasta cultura científica e literária, uma sabedoria e prudência tão grandes, que eu sempre ouvi dizer que em Verona não se empreendia nenhuma obra de Deus sem consultá-lo. Os homens mais ponderados e espirituais se deixavam guiar pelo seu tino, seja em assuntos da alma como nos temas domésticos e sociais, quer públicos, quer particulares... O principal caráter da santidade daquele

homem extraordinário parece-me que consistia no dom de conselho, que regulava tanto a sua pessoa e os seus interesses, como os interesses alheios. Além do bom senso natural, que Deus lhe concedera tão largamente, parece que cada ação dele era calculada e dirigida sob o influxo do Divino Espírito Santo... O Rev.mo Pe. Fortis, geral da Companhia de Jesus, que estivera em íntimas relações com ele em Verona, e os bispos D. Grasser e D. Mutti pediam-lhe conselhos nos assuntos e situações difíceis e delicados da diocese. Eis o ponto de vista sob o qual sempre considere Pe. Gaspar Bertoni. Por causa desta minha íntima persuasão, recorri a ele no momento de seguir a minha vocação para a Companhia de Jesus, apesar dos mil obstáculos que o mundo me opunha. Os conselhos daquele homem de Deus guiaram-me entre tantas oposições, animaram-me entre tantos desalentos. . . ".

As provas da prudência de Pe. Gaspar são numerosíssimas, aduzidas pelas inúmeras pessoas que o conheceram e dos seus preciosos conselhos se serviram. Entretanto, convém frisar ainda, a prudência de Pe. Gaspar não era, nem podia ser, fruto de um natural privilegiado, apenas. Era-o sem dúvida. Mas era também, e especialmente, a conseqüência da ação maravilhosa do Espírito Santo naquela personalidade tão aberta à graça divina, dócil a toda a vontade de Deus, ampla em sua grande generosidade. O Espírito Santo, então, podia guiá-la e iluminá-la à vontade, desimpedidamente. Sua prudência, pois, é o resultado de uma feliz conjugação da obra de Deus na ordem natural, quanto às capacidades da pessoa dele, com a obra de Deus na ordem sobrenatural, quanto às atividades da graça na sua vida cristã.

10 - Mortificação.

Este assunto deixa-nos estarecidos. Porque a mortificação de Pe. Gaspar alcançou um nível que supera de longe os níveis normais de qualquer bom cristão. Levou uma vida intensa e continuamente mortificada, como tal aceita e procurada sem esmorecimento. Não por simples espírito de vaidosa exibição de insensibilidade à dor. Ele queria a mortificação por amor a Deus, em espírito de fé. O estigmatino Pe. Luís Bragato, que se achava em Viena, enviou-lhe, certa vez, uma carta. Nela, conhecendo muito bem os ideais dele, deseja-lhe boas festas de ano novo, incluídas as cruces. Pe. Gaspar lhe responde com outra carta ainda mais estranha para os nossos hábitos de conforto: "Agradeço-lhe, antes do mais, a sua amizade toda espiritual. Realmente, que maior bem poderia desejar aos amigos do que as cruces? Na verdade, V. Rev.ma. não me podia apresentar um augúrio mais grato. Sei que não tenho forças nem virtudes para suportá-las; mas Nosso Senhor me ajuda com a sua graça a dar-lhes valor. Terei cruces e paciência, dado que confio nas suas orações e na misericórdia divina".

Assim, compenetrado do desejo de mortificações, ensinava a vida penitente mesmo aos jovens do Oratório. Ao local, onde se reuniam para recreio, às vezes os rapazes levavam merenda. Induzia-os a colocá-las todas em comum, assim misturadas, distribuía a cada qual uma qualquer. Claro que o rapaz que tivesse levado um alimento melhor podia estar recebendo e comendo algo de menos agradável ao paladar.

Pe. Gaspar e seus filhos iniciaram a vida no convento dos Estigmas como verdadeiros penitentes. Grassava então uma grande fome na região. Daí tomarem

eles motivo para se mortificar pesadamente às refeições. Primeiro, porque, comendo pouco, haveria maior quantidade para dar aos pobres famintos. Segundo, porque viam naquela carestia um castigo dos pecados de toda a sociedade; por essa razão não queriam eles fugir às conseqüências do mesmo. E como era o cardápio? Muito simples, já o vimos. Ao almoço, pão ou polenta; ao jantar, sopa bem rala e pão ou polenta. De vez em quando havia também um pouco de legume, ou para variar, um pequeno pedaço de queijo do tamanho de um dado para tirar a sorte.

Toda a comunidade participava nessa rigorosa penitência. Um dia, coisa extraordinária, o cardápio extravasou porque veio à mesa uma galinha, pronta para comer. Pe. Gaspar perguntou à turma se estavam de acordo em que a galinha voltasse à cozinha. E os heróicos penitentes concordaram sem pestanejar.

Calor? Frio? Cansaço? De nada ele se queixava. Tudo recebia como oportunidade preciosa para se mortificar. Podia ter escolhido para si o melhor quarto da casa. Ma não. O seu quarto foi o pior, o menos cômodo e o mais frio de todos. Ali, nada de aquecimento, qualquer que fosse mesmo no mais duro inverno. Somente aceitou o aquecimento quando, enfermo, o médico deixou ordem neste sentido.

Fato raríssimo naqueles tempos era ver-se algum objeto mais pesado que o ar boiando na atmosfera. Por ocasião da ascensão de um aeróstato em Verona, uma espécie de balão com uma barquinha em baixo, na qual se arriscava um audaz aventureiro, ali em frente ao convento dos Estigmas, nem Pe. Gaspar nem seus companheiros abriram a janela, pouco que fosse, para contemplar o espetáculo que havia atraído multidão de gente.

Quando ia ao convento de São José e tinha que permanecer à noite lá para atender às doentes como sacerdote, jamais aproveitava a cama e o quarto que lhe haviam especialmente preparado. Passava as horas de repouso na capela do convento, cansado e molhado às vezes, em razão das poças de água em que pisava e se afundava, porque era míope e fazia o trajeto já de noite. E como passava as horas na capela do convento? Sempre o encontravam rezando ou meditando.

O mesmo acontecia quando, como Pe. Espiritual dos seminaristas, ia aos sábados à noite ao seminário para, de manhã cedo, domingo, pregar a meditação aos clérigos. Todos dormiam, mas ele transcorria a noite na capela do seminário. Ali meditava sobre o assunto a ser tratado no dia seguinte.

Como se vê, não era uma vida folgada e fácil a dele.

O médico que lhe operou a perna teve que fazer cortes longos e dolorosos. Sem anestésicos, Pe. Gaspar suportava tudo com incrível espírito de mortificação, sem a mínima queixa. Opinião desse médico: "Nunca vi um paciente igual, apesar de haver feito muitas operações cirúrgicas. Por mim, ele é um santo".

11 - Mansidão.

Pela mansidão, a gente consegue receber ofensas e injustiças sem perder a calma, como Jesus diante de seus algozes. É uma virtude que nada tem de medrosa. Pessoas há que recebem ofensas, mas não retrucam por puro medo. Isto não é virtude. É fraqueza. Mas há os que podem retrucar, se quiserem, e não o fazem; ou, se retrucam, fazem-no com toda a tranqüilidade, porque sabem superar os ímpetos da irascibilidade e da vingança.

Brilhou também a mansidão na vida de Pe. Gaspar. Quando ele começou o movimento dos Oratórios Marianos, nem todo o clero recebeu a novidade com bons olhos. Há sempre os tradicionalistas, prontos a desconfiarem e combaterem toda e qualquer iniciativa, por boa e eficaz que seja. Por esse motivo, teve que suportar contrariedades provenientes de elementos do clero. Não se afobou. Devagar, foi agindo com calma até que os sacerdotes viram mais claramente o bem que realizava. Então passaram a apoiá-lo sem reservas.

Perseguições bem mais pesadas foram-lhe movidas pelos maus, que sem reboços o ameaçavam. Tentavam oprimi-lo pelo medo, para obrigá-lo a interromper sua ação pastoral a favor da juventude. Ele conservou a tranqüilidade e agiu incansavelmente, sem se deixar amedrontar nem desanimar. Sua obra dos Oratórios Marianos era querida por Deus. Havia de vencer. Uma vez, um grande inimigo de Pe. Gaspar e de seus Oratórios o ofendeu violentamente. Apelando para todas as forças da mansidão, o padre reagiu tanto contra si mesmo, para se manter calmo, que sofreu um desmaio e foi ao chão. Desmaiou, mas não cedeu à raiva. O corpo sucumbiu, enquanto o espírito sublimou-se em Deus.

Os jansenistas eram uns hereges muito atrevidos. Como Pe. Gaspar não lhes dava tréguas, começaram eles também a persegui-lo. Ofendiam-no onde quer que o encontrassem, mesmo em público. Pe. Gaspar se calava. Podia, se quisesse, reduzir ao silêncio toda aquela gente maldosa. Bastava que argumentasse com toda a ampla ciência que possuía. Mas preferiu calar-se e mansamente suportar. Falar, somente quando necessário e sempre com calma. Foi o que aconteceu no episódio seguinte: Um dia, um jansenista esperou perto da igreja. Quando o viu, apresentou-se e, sem mais nem menos, exigiu dele a resposta sobre um determinado ponto de doutrina discordante da Igreja. Pe. Gaspar, sempre muito calmamente, discorreu sobre o assunto com tantos argumentos e tão valiosas provas, que o atrevido perdeu qualquer possibilidade de retrucar e apelou para a violência, ofendendo e insultando o bom sacerdote. A natureza humana agiu em Pe. Gaspar, bem dentro dele, impelindo-o a tratar o malcriado à altura e a dizer-lhe umas verdades bem merecidas. Mas a graça e a virtude da mansidão o convidavam a se conter e suportar a injúria. Também desta vez, o esforço para se dominar foi tão grande, que prostrou no chão o padre desmaiado. Herói da mansidão.

Em certa oportunidade, um Fulano agrediu-o publicamente com pancadas. Em resposta, Pe. Gaspar lhe agradeceu ali mesmo e pediu desculpas ao agressor. Coisas do outro mundo! Certo! Coisas do mundo da espiritualidade, da graça divina, da virtude!

Em resumo, ele jamais se queixava, fossem quais fossem as perseguições, as injúrias, as contrariedades. Viessem de onde viessem, dos maus, dos colegas, do governo. Sua atitude era uma perpétua calma, gostava até de tudo isso em vista daquilo que diz o Evangelho: "Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Felizes sereis quando vos ultrajarem, perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque grande será a vossa recompensa no céu." (Mt 4, 10-12). Note-se que ele não tinha apenas isso para sofrer, senão também a enfermidade, as dificuldades inerentes à fundação da congregação, os agravos voluntários da pobreza, etc.

Para concluir, vejamos o que ele escreveu no seu diário espiritual: "22 de outubro de 1808. Senti alegria nas adversidades e nas conseqüências da pobreza real, também senti gratidão para com Deus por causa disso e me ofereci a maiores opróbrios e sofrimentos, se Deus me achar digno deles".

12 - Zelo.

O zelo é uma disposição de amor que leva uma pessoa à oração e atividade para difundir a glória de Deus e a salvação do próximo. É o ardor do apostolado.

Virtude necessária para um cristão. Absolutamente indispensável para um sacerdote, ou religioso. Se o zelo deve impelir o cristão à difusão da glória de Deus, quanto mais não deve impelir um padre. Se o zelo deve estimular o cristão a salvar seus irmãos, quanto mais não deve estimular um sacerdote. Por este motivo, Pe. Gaspar orientava no sentido do zelo as almas que percebia chamadas para uma vocação especial na Igreja de Deus. Ardente deste zelo, escreveu: "Vivamente me interessa por tudo o que se relaciona com o serviço de Deus, não só na minha casa mas em toda a parte onde Deus é devidamente glorificado e as almas diligentemente santificadas."

O zelo de Pe. Gaspar era uma força vigorosa. Como a energia das cachoeiras, que, devidamente encaminhadas, se transforma na irresistível eletricidade, onde ele entrasse com a sua ação podia-se contar certo com o triunfo da glória de Deus. Até as consciências mais calejadas se iluminavam e purificavam. Pecadores sem jeito de arrependimento, frente aos quais os respectivos párocos sentiam-se fracassar, cediam ao ardor que ele colocava nas palavras, nos olhares nas atitudes, no incansável cuidado em recebê-los e convertê-los.

Vejamos um episódio. José Venturi era ex-padre. Muito culto, desencaminhou-se, abandonou o sacerdócio e tanto fez que acabou excomungado. Em Verona, o clero não o saudava mais, tanta era a decadência do pobre homem. Contudo, Pe. Gaspar, de sua parte, jamais lhe negou a saudação. Sempre que o encontrasse pela rua, tirava o chapéu e se inclinava diante dele. José Venturi desconfiou. Aqueles modos deviam ser de caçoada. Não podia haver outra razão. Um dia, resolveu tirar a limpo. Deteve o padre e se queixou daquelas saudações, que lhe parecia uma zombaria. Por toda resposta, Pe. Gaspar lhe disse: "Respeito sempre no senhor o seu caráter sacerdotal". Foi uma flechada esta expressão. Feriu de remorso o coração do ex-padre, que pensou durante algum tempo, depois, arrependido, reconciliou-se com Deus, com a Igreja e o sacerdócio. Pe. José Venturi deveu sua conversão ao zelo de Pe. Gaspar, como ele mesmo reconheceu agradecidamente.

Apresentar a lista das atividades a que o zelo o impelia é obra que permanecerá deficiente, em vista do grande número de trabalhos a que se dedicou, como rapidamente vimos na segunda parte deste livro. Aqui vamos lembrar esquematicamente as principais. Fundador dos Oratórios Marianos, para a juventude, com mil e uma iniciativas, seja quanto ao aspeto da vida cristã e de piedade, seja quanto à vida de diversões e à vida profissional dos mesmos. A ramificação do primeiro Oratório em muitos outros similares exigiu freqüentemente de Pe. Gaspar sua presença e orientação nesses novos focos de formação cristã da juventude, o que, sem dúvida, empenhava sempre mais o seu zelo. A orientação e acompanhamento de diversos fundadores de congregações religiosas e obras de

beneficência, particularmente a congregação das Irmãs da Sagrada Família, de Naudet. Todos estes contatos com os diferentes fundadores tomavam-lhe tempo e atenção, traziam-lhe ocupação e cansaço. Mas ele encontrava força e coragem no animoso ideal de promover a glória de Deus numa palavra, no zelo. Além disso, sabemos quantas e quantas pessoas o procuravam para buscar nele o conselheiro e o confessor. Gente de todas as condições sociais, desde as mais altas até as menos condicionadas. Nunca Pe. Gaspar se negou a atender. Pelo contrário, todos sempre o encontraram em plena disposição, gentil e amigo, pronto a colaborar com sua ciência e virtude. Todos viam nele o sacerdote zeloso, que trabalha apesar de tudo, mesmo apesar das doenças, da estafa. Uma outra obra que o zelo o levou a estabelecer e desenvolver foi a escola. Com sacrifício, tanto por parte do local quanto por parte dos professores, como também por parte dele, a escola foi criada e mantida. Não apresentava o atrativo do lucro. Era gratuita. Nem era um jeito para encher as vagas do tempo, que o tempo era pouco para fazer o que tinha de ser feito. Era pura e simplesmente uma nova maneira de dar expansão ao seu zelo. Zelo insaciável, sede ardente de glória de Deus e salvação das almas. Como se tudo isso não bastasse, pregava tríduos, novenas, retiros, sermões esparsos, fazia catequese, fervorinhos, expunha meditações aos seminaristas, tratava de encaminhar sacerdotes desencaminhados, a serviço do bispo examinava os candidatos ao sacerdócio, também examinava os nomes apontados para provimento de párocos nas diferentes paróquias da diocese. Freqüentava os hospitais e visitava todos os doentes, ainda os que por razão da enfermidade suscitavam repugnância à natureza humana. Visitava-os com espírito de fé e de zelo, sentindo intimamente grande alegria em levar-lhes uma palavra de religião e de fé.

Não contente com tudo isso, tentou multiplicar o seu dinamismo fundando uma congregação religiosa, hoje chamada Congregação dos Estigmatinos. No trabalho de apóstolos de cada um dos membros dessa congregação, ele prolonga e amplia os trabalhos de apóstolo do seu espírito laborioso e incansável na salvação das almas. Envolvido por tantos afazeres sacerdotais, ainda tinha que dar andamento à fundação do seu instituto, prover à redação das regras do mesmo, formar os seus primeiros discípulos no espírito e finalidade da congregação, dirigir todas as obras e atividades do nascente convento. Incrível o que pode a graça divina numa pessoa que se doa inteiramente à glória de Deus! O campo de ação que ele destinou para os seus estigmatinos é simplesmente do tamanho do mundo, conforme suas próprias palavras: "na diocese e no mundo".

Este zelo exemplar do Fundador transmitiu-se como impulso irresistível a todos os membros do convento dos Estigmas. Não se pode compreender como é que, numa vida tão penitente e repassada de oração, ainda eles todos encontrassem tempo e forças para tamanha atividade religiosa, desde as humildes aulas de catecismo até às aulas na escola; desde o cuidado com os doentes até à orientação espiritual e à confissão de tantas pessoas; desde a pregação mais familiar até aos sermões mais solenes. Aqui, ali, em toda a parte. Verona inteira conhecia aqueles padres macilentos de tanto jejum e sorridentes de tanta gentileza, recolhidos de tanta oração e incansáveis em tanta atividade.

Capítulo IV - CONCLUSÃO

As virtudes de Pe. Gaspar foram tantas e tão altamente praticadas, que sua fama de santo se divulgou enquanto ainda vivia. Não somente o povo bom e religioso o considerava assim, mas até indivíduos menos sensíveis à religião. Um fulano irritadíssimo xingava a todos os padres com tudo quanto é nome que o diabo inventou. No seu frenesi de fúria, dizia que desejava fossem todos eles queimados vivos. Era isto numa rua de Verona. Passava por ali um sacerdote, o jesuíta Pe. Carlos Maggi. Muito habilidosamente, o padre o foi interrompendo e lhe disse: Pois bem, será que o senhor continuaria a injuriar os padres, se eu lhe lembrasse alguns nomes de ministros de Deus? Por exemplo, o Pe. Gaspar Bertoni...

- Pôr que o senhor me cita o nome de Pe Gaspar? Ele é um santo. Eu não estou falando contra os santos.

Significativa esta resposta. Até mesmo um indivíduo extraviado o tinha em alta consideração!

Confiantes na intimidade de Pe. Gaspar com Deus, comprovada pela sua virtude tão apurada, todos o achavam realmente um santo. Recomendavam-se às suas preces, porque sabiam quanta valia elas tinham diante de Deus. Isto acontecia não somente por parte das pessoas simples, mas também por parte das pessoas mais cultas e mais responsáveis. Basta que citemos aqui o testemunho do bispo diocesano, Dom José Grasser, pessoa que sabia sempre medir com prudência as palavras. Pois bem, afirma ele que não se admiraria se viesse um dia a saber da canonização de Pe. Gaspar, como um santo da Igreja.

Não há dúvida nenhuma: as virtudes de Pe. Gaspar ergueram-se a um grau verdadeiramente heróico. A melhor prova desta afirmação é a proclamação da Igreja a respeito. A 15 de dezembro de 1966, a Santa Sé, pela Sagrada Congregação dos Ritos e a aprovação do Santo Padre, emanou a declaração oficial de que as virtudes de Pe. Gaspar Bertoni são reconhecidamente HERÓICAS. Nem será preciso acrescentar que o heroísmo é um grau extremo das possibilidades humanas, mesmo quando ajudadas pela graça de Deus.

QUARTA PARTE

ENFERMIDADE - MORTE - GLORIFICAÇÃO

Capítulo I - ENFERMIDADE E MORTE

Guardamos os diferentes aspetos da enfermidade, bem prolongada, de Pe. Gaspar, para um estudo à parte, porque ela tem na sua existência um papel decisivo. Durante a sua evolução, Pe. Gaspar demonstrou possuir uma têmpera de cristão autêntico, profundamente devotado ao Pai Eterno. Cresceu mais e mais na prática heróica das virtudes, principalmente da paciência e do abandono nas mãos divinas.

A sua constituição física era indubitavelmente robusta. Contudo, o zelo pela salvação das almas e a dedicação à penitência foram, pouco a pouco, minando aquela fortaleza, até que um dia se declarou o primeiro sinal de enfraquecimento. Sinal bem perigoso, aliás. Foi no ano de 1812. Ele acabava de voltar do convento de São José, onde tinha ido prestar sua assistência sacerdotal. Mas não era mais o mesmo. O corpo, exausto. A febre, alta. Os tios, com quem morava então, chamaram o médico. Constatou-se doença grave. De fato, as condições físicas do padre decaíram rapidamente. Administrou-se-lhe a Unção dos Enfermos. De sua parte, ele ditou a um tabelião a sua última vontade. Deu aos amigos mais chegados, os que o queriam seguir na congregação que desejava fundar, orientações a respeito dessa obra.

Clero, povo em geral, toda a cidade se comoveu pela notícia, como diante de uma calamidade pública. Rezaram, seja em particular, seja em comum, nas famílias e nas igrejas. Deus haveria de ouvir tantas orações.

Deus ouviu. Pe. Gaspar restabeleceu-se. Todavia, não por muito tempo. Diversas vezes, em anos diferentes, teve suas recaídas, mais prolongadas umas, mais breves outras. Quando menos se esperava, lá estava ele de cama. Isto em 1813, 1814, 1819, 1821, até que...

Até que em 1824, a doença tirou completamente a máscara e declarou-se mais violenta e dolorosa. Aí começou uma série de tormentos incriveis, assumidos pelo virtuoso sacerdote com todo o acatamento e amor a Deus. Começou na perna. Foi tratada pelos médicos, até com operações cirúrgicas que nada tinham das possibilidades técnicas e anestésicas das de hoje. O ferro do operador rasgava as carnes profundamente, às vezes com cortes maiores do que um palmo. Sem nenhuma anestesia. Era preciso cauterizar, isto é, queimar: queimava-se sem nenhuma anestesia. Tornava-se aconselhável furar o osso. Furava-se sem nenhuma anestesia. O mal foi crescendo, subiu pela coxa acima. As operações, os cortes, as cauterizações se repetiram nas mesmíssimas condições de martírio.

Por quase cinco anos se prolongou a enfermidade. Pe. Gaspar passou-os, entre algumas leves melhoras e novas recaídas, na cama ou numa poltrona. Segundo cálculos aproximados, as operações a que ele teve de submeter-se chegaram a somar entre duzentas e trezentas. Entretanto, nunca lhe saiu dos lábios uma queixa, muito menos uma revolta. Nas dores da cirurgia, rezava e comunicava aos médicos que fizessem tudo o que tinham que fazer, contanto que o deixassem rezar. Quando lhe furaram o osso, escaparam-lhe as lágrimas pela intensidade do sofrimento.

Somente lágrimas. Nenhum grito, nenhum ai. Tudo nele era fé em Deus, paciência e entrega total á Providência divina. É inconcebível como um ser humano pode chegar a este ponto. Só mesmo admitindo-se o trabalho sobre-humano da graça divina. Os próprios médicos declararam-se maravilhados. Diziam que em toda a vida, este, de Pe. Gaspar, era um caso único de grande e inimitável virtude.

A sua maior penitência nestes cinco anos foi a impossibilidade de celebrar a santa missa e de se dedicar plenamente ás suas orações habituais. A não ser em períodos de leve melhora, apenas conseguia participar da missa, celebrada por um outro padre, em pequena capela contígua ao quarto dele. Era este o seu único e anelado conforto, no meio de tanto sofrimento. Finalmente, em 1828 recuperou a saúde. Não se pense, porém, que a cura tenha sido plena e definitiva. Sempre lhe ficou alguma coisa. Já não podia sair de casa com aquela facilidade antiga, pois a perna não lhe dava segurança. Às vezes tinha mesmo que se pôr de cama, durante uma temporada, para resguardar a pobre perna direita, vítima da doença e do tratamento.

Assim, entre altos e baixos, foi vivendo, mais ou menos reconstituído, até o ano de 1842, quando sobreveio a sua última enfermidade, que o derrubou prostrado na cama por onze anos seguidos.

Mas, antes de falarmos desta derradeira enfermidade, vejamos as atividades dele durante a doença. Teria ele esmorecido no seu zelo pela salvação das almas? Teria interrompido as atividades sacerdotais? Longe disso! Antes de tudo, sempre que lhe era permitido, aplicava-se aos exercícios de piedade, aos quais se omitia somente por prescrição médica ou por absoluta impossibilidade. Por isso, diariamente não podia faltar-lhe a missa, celebrada ou participada, conforme o caso, a meditação, a recitação do Ofício Divino.

Durante o dia, permanecia à disposição de quem o fosse procurar para confissões, para aconselhamento e orientação, para a solução de algum assunto intrincado. Além disso, dava-se à pregação da palavra de Deus, mesmo no seu próprio quarto, quando não podia arrastar-se até à capela. Era interessante observar, por exemplo, um grupo de seminaristas a lhe cercarem o leito, enquanto, pregando-lhes os exercícios espirituais, ele derramava palavras ardentes de sabedoria cristã, entremeadas abundantemente com citações da Sagrada Escritura.

Não se esquecia de entrar em contato com o pessoal de sua comunidade, aos quais se esforçava por comunicar o verdadeiro espírito de um bom e virtuoso estigmatino. Em horas vagas, lia o jornal, para se colocar a par dos acontecimentos e assim melhor exercer o seu ministério, sempre com o coração no céu, mas com os pés no chão, na realidade dos fatos.

Em tempo oportuno, recitava mais uma parte do Ofício Divino. Após isto, continuava a trabalhar no atendimento, ou a estudar, que do estudo nunca fugiu.

O interessante é notar que em meio a todas estas atividades, em contato com tanta gente que o buscava para problemas e angústias, ele jamais deu sinal sequer de enfado ou impaciência. Parecia que se encontrasse nas melhores condições de saúde, tamanha era a atenção e gentileza no trato com todos, quem quer que fosse.

As enfermidades o apanharam em plena vida, cheia de dinamismo sacerdotal, aos 35 anos de idade. Daí por diante, sempre viveu achacado. Desde 1812 até 1853,

ano de sua morte, curtiu sempre uma íntima e crua experiência com a enfermidade. Cerca de quarenta e um anos, portanto mais da metade da vida, foram empregados a lutar por um crescimento sempre maior na espiritualidade através da doença, que só pode abater os fracos, mas contribui para a progressiva realização dos fortes e dos heróis.

Que era a sua segunda doença? A volta dos males da perna? Não. Esta já havia ultrapassado a sua fase mais aguda havia muito tempo. Trata-se de uma doença que ficou sem definição clara. Os médicos da época não souberam caracterizá-la. Contudo, a Pe. Gaspar importava muito mais agradar a Deus durante a doença e através da doença, do que saber do que estava sofrendo. É na doença que o homem prova sua fidelidade e seu amor a Deus. Assim pensava ele. E assim se comportou. Como já vimos no caso da enfermidade na perna, assim também agora, interessava-lhe a vida de união com Deus, bem acima das variações da vida, enfermidade ou saúde, problemas ou tranqüilidades. Quando o condor altaneiro voa por sobre os mais altos picos dos montes ou dos vales mais profundos, tudo lhe é igualmente plano, companheiro que é das nuvens e da luz. Assim Pe. Gaspar, nas alturas do amor de Deus e da paciência, olhava com a mesma visão plana e tranqüila as diferentes peripécias da vida, os altos e baixos da sua existência.

Essa nova doença teve início marcante em agosto de 1839. Aí ela se revelou abertamente. Pe. Gaspar havia terminado de pregar um sermão. Com dificuldade subira ao púlpito. Dali desceu para voltar ao quarto, onde ficou habitualmente, a não ser em raras exceções. Variava o passadio, entre a cama e a poltrona. Ano por ano o mal se ia agravando, até que por fim o travou definitivamente no leito. Apesar de todos os cuidados médicos e de enfermagem, o mal inexoravelmente progredia. Quando faltavam cinco meses para o falecimento, os sofrimentos se tornaram simplesmente indescritíveis. Tinha que permanecer completamente imóvel. Sozinho, não conseguia mover nenhum dos membros, nem mesmo a cabeça ou um pé. O corpo todo lhe doía. Conclusão: tinha que manter continuamente, dia e noite, a mesmíssima posição em que se achava, tinha que pedir o favor de lhe moverem uma perna, um braço, ou de erguê-lo um pouco, a fim de suavizar-lhe um tanto o sofrimento. Bastava tocá-lo para que sentisse dores muito fortes. Feridas e pruridos havia por todo o corpo. Tanto era a coceira, que chegava a sentir espasmos, sem que nada pudesse fazer para suavizá-la, devido à imobilidade a que estava condenado.

Entretanto, a caridade e a delicadeza levavam-no a suportar, ao máximo, dores, prurido e cansaço, antes de solicitar o auxílio dos assistentes. Não queria incomodar ninguém. Só o fazia se fosse imperioso. Quando o Irmão Paulo Zanoli o atendia de noite, Pe. Gaspar o mandava deitar-se e dormir. O Irmão se queixava de que o enfermo não lhe pedia nenhum serviço, bem sabendo quanto ele precisava de atenções. Mas ele preferia passar horas e horas sofrendo sem lenitivo a incomodar o Irmão assistente.

Às vezes, escapava-lhe algum gemido, tantas eram as dores. Eram, porém, gemidos de um gênero muito elevado: invocações dos nomes de Jesus e de Maria. Nessas horas, caso os assistentes lhe perguntassem se precisava de algum socorro, a resposta era seguramente esta: "Durmam, meus filhos, durmam; não façam caso das minhas impertinências; quando for necessário, chamarei". Era igualmente gentil e caridoso tanto com as pessoas de casa quanto com as pessoas de fora, mesmo em

ocasiões em que outros teriam sido ásperos e rudes. Veja-se este fato: nos últimos tempos da enfermidade, o médico deixou correrem vários dias antes de visitá-lo, se bem que Pe. Gaspar tivesse necessidade da presença dele. Quando, por fim, apareceu, o padre não só o recebeu sem comentários negativos, mas também lhe pediu desculpas pelo incômodo que lhe dava. Tudo isso, com muita humildade e gentileza, de tal modo que o médico se emocionou e lhe pediu que o desculpasse.

Os dias iam passando. A enfermidade se agravava sempre mais. Cresciam as dores, ardiam-lhe as feridas. Havia momentos em que, apesar de todo o seu treino na penitência e na paciência, desabafava com as pessoas de casa dizendo: "Se vocês soubessem, meus filhos, quanto sofro de dor e amargura. Se Deus não me auxiliasse, vocês podem crer que eu me veria desesperado". Entretanto, sua entrega total à vontade divina continuava sempre válida e firme. Dizia então: "Seja feita a vossa vontade!" Ou: "Bendito seja Deus!" Outra vezes: "Meu Jesus! Minha Nossa Senhora! Não agüento mais!" Também comentava: "Meus filhos, rezem muito a Deus, para que me dê paciência; preciso da então: Seja feita a vossa vontade!" Ou: "Bendito seja o Crucifixo na parede do quarto". Fitava os Sagrados Estigmas do Redentor. Contemplava aquela representação do amor heróico e doloroso. E se animava a imitá-lo cem por cento.

Como se todos estes sofrimentos não bastassem, para encher as medidas surgiu mais um. Devido à posição de imobilidade contínua, deitado de costas, foi-se formando nas costas uma ferida. Ele não disse nada a ninguém. Suportou calado, dentro do seu avançado espírito de penitência. Mas um dia, pequenas manchas de sangue na camisa chamaram a atenção do enfermeiro. Diante desta descoberta, Pe. Gaspar ordenou-lhe que não o dissesse a ninguém. Calou-se o assistente. Mas não por muito tempo. Visto que as manchas aumentavam de tamanho, achou que devia desatender as ordens do padre e comunicou o fato aos responsáveis, para que tomassem as necessárias providências. Chamado, o médico veio logo. Examinado o ferimento, ficou abismado. O tamanho da ferida denunciava que havia muito tempo o enfermo curtia a dor e os incômodos dela. A chaga era tão profunda que atingia o osso. Só mesmo a paciência de pessoa muito amiga de Deus!... O médico vinha duas vezes ao dia para fazer os curativos. Nesses momentos, durante quase dois meses, tinha que ser virado em diferentes posições por algumas pessoas, dado que sozinho não o conseguia. Mas aí também, havia nova fonte de sofrimentos, visto como toda a superfície do corpo estava dolorida. Lembremo-nos de que bastava tocá-lo para que ele se ressentisse e sofresse dores agudas.

Como diz o povo, "desgraça pouca é bobagem". Na verdade, a todos estes males sobreveio uma grande falta de apetite. Qualquer que fosse a comida, nada lhe apetecia. Tenta-se um alimento, tenta-se outro, nada de nada. Um dia pareceu-lhe que lhe abriria o apetite uma sardinha. Pediu-a. Trouxeram-lha. Por várias vezes, a sardinha veio e voltou. Olhava para ela e perdia a vontade de tomá-la. A um mês e meio da morte, mais ou menos, sustentou-se com algum sorvete, um pouco de aspargo e de amoras. Melhorou um pouco o apetite. Mas também aqueles poucos alimentos vieram a causar-lhe enjôo. Ponto final. A partir de então nada mais comeu. Na última semana só conseguiu chupar algum pedacinho de gelo. Único alimento verdadeiro das últimas semanas de vida: A Eucaristia, o mais forte alimento espiritual.

Apesar da extrema debilitação do corpo, como conseqüência da doença e da falta de alimentação a que estava obrigado, sua mente conservou-se lúcida praticamente até ao fim dos seus dias. Serviu-se ele desta disposição favorável para aplicar-se com esmero aos exercícios de piedade, tal qual havia feito em toda a vida.

Em que passava as noites de insônia e de dor? Na meditação, na recitação do terço. De acordo com a sua própria declaração, conseguia ficar ocupado em meditação sobre a ave-maria por horas seguidas, quando não a noite inteira. As pequeninas orações jaculatórias saíam-lhe dos lábios, numerosas e fervorosíssimas.

Parece que Deus lhe recompensou a piedade e a paciência ainda antes da morte. De umas expressões suas dirigidas ao Irmão Coadjutor que o assistia, pode-se razoavelmente concluir que teve uma visão celeste. Não era delírio nem auto-sugestão. Pe. Gaspar estava isento destes fenômenos mórbidos. Nem mesmo chegou a perder a lucidez mental nos instantes mais agudos da doença. Portanto, o que teve foi realmente uma visão, que Deus lhe concedeu para fortalecê-lo ainda mais nos duros transes por que ia passar, à medida que se aproximava o término da vida.

De fato, o término da vida chegou também para ele. Dia doze de junho de 1853, domingo. Pela manhã, recebeu devotamente, como de costume, a santa Eucaristia. Isto, em perfeito jejum, por sua vontade. Nem mesmo água admitiu tomar, apesar da febre e da fraqueza. Tal era a máxima veneração que prestava ao Santíssimo Sacramento. Permaneceu conversando com Jesus, presente em sua alma.

Visivelmente a fraqueza se agravou. Era tanta, que o doente nem gemia, nem mesmo pedia mudança de posição. É que a morte se aproximava.

Após o meio-dia, perdeu os sentidos. Mas, atendido imediatamente, voltou a si e agradeceu aos filhos a bondade e amor que lhe dedicavam. Estes lhe sugeriram bons pensamentos e sentimentos de conforto em Deus. Um Irmão Coadjutor lhe perguntou:

- Padre, o senhor precisa de alguma coisa?
- Preciso sofrer - respondeu.

Palavras audaciosas, que só um grande amor a Deus pode explicar!

Depois, confessou-se com o Pe. Marani, o primogênito da congregação. Recebeu com vivos afetos a Unção dos Enfermos, também a bênção papal com a indulgência plenária, própria dos moribundos. Enquanto isso, os sinos da igreja dos Estigmas tocavam pausadamente badaladas compungidas, para avisar o povo que Pe. Gaspar agonizava. Costumes daqueles tempos!

Já dissemos, era um domingo. Três horas da tarde. Encontramo-nos aqui frente a uma cena doméstica de cortante dramaticidade, ao mesmo tempo que de simplicidade inefável. A essa hora, quatro padres deviam estar cada um em igrejas diferentes para proporcionar ao povo instruções catequéticas. Era o trato que tinham com os responsáveis por essas igrejas. Iriam ou permaneceriam ao pé da cama do fundador agonizante? Via-se a olhos vistos que a morte dele era iminente. Por outro lado, deixar tanto povo sem o pão da palavra e da doutrina? Principalmente considerando que Pe. Gaspar era extremamente zeloso deste apostolado? Ele não os havia educado a arrostar obstáculos, canseiras, tudo, para elevar o nível religioso do

povo? qual seria a sua vontade agora? Perguntar-lhe? Não era conveniente. Resolveram-se pela interpretação mais realista que acharam. Pe. Gaspar lhes teria dito que fossem dar as aulas de catecismo. E foram. Três deles, pelo menos. O quarto, Pe. Marani, permaneceu ainda indeciso. Afinal ele era quem fazia as vezes de superior da comunidade. Titubeou mais uma vez. Depois, determinou-se. Iria também cumprir o dever da catequese. Em casa ficariam apenas dois padres e os quatro Irmãos Coadjuutores. Deixou, pois, Pe. Brugnoli rezando as orações do Ritual ao pé do moribundo e partiu. Partiu? Daí a instante achava-se de volta. Não! Não podia sair! Mandou alguém avisar o vigário interessado que não podia comparecer naquele dia pela evidente e gravíssima razão. Entrou apressado no quarto do enfermo. Olhou para o rosto de Pe. Gaspar. Interrompendo as orações de Pe. Brugnoli exclamou: "Não vêem que já morreu?" Ninguém havia reparado. Sua morte havia sido tão serena que ele se evoluiu para Deus sem dar sinal nenhum que chamasse a atenção. Foi para o céu como tinha vivido: OCULTAMENTE. Até parece que sua humildade apelou uma última vez para o célebre "buseta e taneta", no derradeiro instante, tal qual tinha apelado em todos os instantes da vida. Eram três e meia da tarde. Nessa hora cessaram as chuvas que torrencialmente inundavam as regiões de Verona. Coincidência? Ou primeira intercessão de Pe. Gaspar no Paraíso? De qualquer maneira, lá estava o arco-íris, símbolo de paz e bonança...

A pequenina congregação não podia ficar sem superior. Seis padres eram o total dos que deveriam eleger o sucessor de Pe. Gaspar e que compunham a comunidade dos Estigmas juntamente com os Irmãos Coadjuutores. Por aclamação, simples e informal, foi apontado e eleito o Pe. João Maria Marani, confidente do Fundador e primogênito da Congregação. Um sétimo padre da congregação a serviço na corte imperial de Viena, na Áustria, logo que soube do ocorrido, reconheceu e aceitou a eleição do novo superior.

A primeira frase que escapou da boca de toda a população de Verona, ao propagar-se a notícia da morte de Pe. Gaspar foi: MORREU UM SANTO. Por isso, não é para estranhar o fato de que o velório na igreja dos Estigmas tenha sido concorridíssimo. Gente de toda a categoria, gente importante e gente sem nome! Gente numerosa. Muitos chegavam a solicitar alguma relíquia ou lembrança do virtuoso extinto. No dia seguinte, 13 de junho, festa de santo Antônio, seria feita a transladação do cadáver para a igreja paroquial da Santíssima Trindade, em cujo território estava situada a igreja e convento dos Estigmas. De manhã, o povo realizou uma solene procissão em louvor de Santo Antônio, conforme costumava todos os anos naquele dia. À tarde, concorreu de novo, com a mesma multidão e devoção, para os funerais de Pe. Gaspar na igreja paroquial. Quem transportava o caixão pelas alças eram os jovens pertencentes ao Oratório Mariano dos Estigmas. Bem que lhes cabia essa honra! O cortejo fúnebre não se dirigiu diretamente à igreja paroquial, que fica ali perto. Visando a satisfazer ao povo, prolongou o trajeto por diferentes ruas da cidade antes de se dirigir ao seu termo. Mais do que simples funerais, o ato foi uma glorificação. Estava marcado para o dia seguinte, 14 de junho, o seu sepultamento no cemitério da cidade. Contudo, foi sustada a execução do plano, tendo em vista que dois senhores sugeriram fosse realizado o sepultamento na igreja dos Estigmas. Para tanto, era necessário requerer e esperar a autorização imperial de Viena. Resolveu-se que, enquanto isso, o corpo do falecido padre ficasse conservado numa dependência da igreja paroquial, sendo encerrado com o caixão dentro de um outro caixão

metálico. Para que viesse favorável o despacho de Viena, foi-se passando um ano e um mês. Até que, enfim, a 12 de julho de 1854 os padres do convento dos Estigmas ficaram sabendo que podiam providenciar a sepultura do seu amado Fundador na própria igreja dos Estigmas. Junto com essa autorização, o governo imperial transmitiu igualmente a ordem de retirada dos soldados que, havia quatro anos, ocupavam sem mais nem menos o andar térreo do convento dos Estigmas, por falta de quartéis, com grande incômodo dos habitantes do convento e, principalmente, do enfermo Pe. Gaspar. Assim, a casa ficou em paz. Poucos dias após, renovou-se a transladação dos restos mortais para seu jazigo definitivo na igreja dos Estigmas. Isto aconteceu a 30 de julho de 1854. Renovou-se também o cortejo triunfal de todo o povo da cidade, numa grandiosa manifestação de apreço pela virtude heróica do falecido e de gratidão pelos inúmeros benefícios espirituais, difundidos por ele naquela cidade.

Concluindo, Pe. Gaspar, nascido a 9 de outubro de 1777, ordenado sacerdote a 20 de setembro de 1800, apóstolo piedosíssimo e muito zeloso, adoeceu em 1812 e daí por diante andou sempre achacado, quando não gravemente enfermo. Terminou a vida em 12 de junho de 1853. Portanto, com 76 anos de idade. Deixou, exemplos marcantes de entrega total a Deus, de paciência exemplar, de humildade refinada, de apostolado eficiente, de virtudes heróicas, enfim.

Capítulo II - GLORIFICAÇÃO

1- Graças e Milagres.

Toda aquela estima e veneração que Verona dedicava a Pe. Gaspar ainda vivo, cresceu de vulto após a morte. A procura de relíquias do venerando e virtuoso sacerdote prova esta afirmação. Não só. Fervorosamente, o povo de todas as classes invocava o exemplar ministro de Deus em todas as necessidades e apuros. Evidentemente, os primeiros a honrar com sua devoção ao Pe. Gaspar foram os seus próprios filhos, que bem lhe conheciam a válida vivência cristã a que se tinha dedicado a vida inteira.

Como resultado de tanta devoção, vieram as graças, adquiridas por intercessão dele. Vamos citar fatos característicos. Alguns podem considerar-se apenas graças mais ou menos comuns, se bem que valiosíssimas; outros dificilmente escaparão à qualificação de verdadeiros milagres. A perna do filho havia sido acidentada. A mãe recorre a Pe. Gaspar. Busca na casa dos Estigmas uma relíquia dele. Pe. Marani lhe dá a que melhor se enquadra no caso. O problema era na perna? Pois bem, vá uma das meias do extinto. Acertou. Logo chegada a casa, a piedosa senhora entrega-a ao filho, que a calça e imediatamente se vê curado.

O irmão do estigmatino Pe. João Lona, menino de cerca de dez anos de idade, apanhou no pé direito uma doença que três médicos classificaram, na sua linguagem complicada, de ósseo-sinovite de articulação. Dois meses de hospital. Nenhuma melhora. Três meses de tratamento em outro hospital. Nada de nada. Conclusão dos médicos: precisamos cortar-lhe o pé. Pe. João anima o doente a se entregar ao Pe. Gaspar Bertoni e a fazer uma novena com a aplicação de uma relíquia. Interrompidos todos os tratamentos clínicos, durou um mês o recurso a Pe. Gaspar. Depois, veio

completa saúde, a ponto de impressionar os médicos, que evidentemente não podiam explicar pela ciência a plena cura da cárie no osso.

Em 1898, D. Joana Paolazzi sofreu uma proliferação de furúnculos no lado direito da cabeça. Também nesse mesmo lado, uma intensa dor no olho, que já não enxergava nada. O médico fez o tratamento, mas inutilmente. Ela pediu a intercessão do Pe. Gaspar Bertoni, através de uma novena. Antes de terminá-la, já estava curada.

João Zanotti, garoto de onze anos de idade, lá pelo ano de 1909 foi atingido por nefrite aguda. Tão aguda, tão grave, que os médicos não lhe davam muitas horas de vida. Sem esperanças nos homens, recorreu-se à intercessão de Pe. Gaspar. Também aqui, antes de terminada a novena, o doente se recuperou.

Miguel Madrussi pertencia à congregação dos estigmatinos, como estudante do seminário maior. Em 1915 foi acometido de pleurite acompanhada de violenta febre. Depois de algum tratamento, o médico achou necessário submetê-lo a uma operação. É claro, Miguel preferia evitá-la. Recorreu a Pe. Gaspar. Quando, no dia seguinte, o cirurgião se dispunha a operá-lo, o enfermo já estava curado. Examina de cá, examina de lá, a pleurite havia desaparecido como por encanto.

Durante a última grande guerra, Verona sofreu intensos bombardeios. Em 1945 as bombas atingiram o colégio e o convento dos estigmatinos. Destruíram tudo. No meio das ruínas, a tumba de Pe. Gaspar permaneceu intacta...

Vamos agora relatar dois milagres recentes...

José Anselmi, seminarista estigmatino, hoje sacerdote (falecido) na congregação, tinha problemas de úlcera duodenal desde muito tempo. Tratamentos, cirurgia, pouco adiantavam. O mal progredia e se agravava. Em 1937, o estado do enfermo era muito angustiante, devido à perda de muito sangue, que ele punha pela boca. Por este motivo, não foi possível operá-lo novamente, já com outras técnicas, mais modernas. Resultado: nada feito, nem mesmo transfusão de sangue, devido a graves problemas circulatórios. O jeito era administrar-lhe o sacramento da Unção dos Enfermos e colocá-lo nas mãos de Deus. De seu lado, o doente ia piorando rapidamente. Já tinha entrado em estado de coma. Aguardava-se o desenlace de um momento para outro. Fora levado para a Santa Casa de Rio Claro, Estado de São Paulo, com o intuito de se lhe prestarem melhores atendimentos nos últimos momentos de vida. Em instantes de consciência, teve ele a idéia de recorrer ao Pe. Gaspar. Nesse desejo, deglutiu uma relíquia dele. No mesmo momento sentiu-se melhor. Sentou-se na cama. Quis comer. O médico não permitiu. O doente insistia. Por fim, o médico deixou-o tomar café com umas fatiazinhas de pão com manteiga. Logo o doente se pôs a passear pelo quarto. Julgaram que estivesse no último delírio antes da morte. Dormiu por algumas horas. Acordado, quis comer de novo. Estava com fome. O médico tirou o corpo. Comer? Não, não e não. Mas José Anselmi comeu, apesar de tudo. Nada de mal lhe aconteceu. Reconhecendo a cura, o médico lhe deu alta, surpreendido e maravilhado diante do que acabava de acontecer frente aos seus próprios olhos. Nunca mais, até hoje, Pe. José Anselmi sentiu qualquer incômodo relativo à sua velha e pouco saudosa doença.

Um último caso. O Sr. Raimundo Zanatta, residente em Santa Cruz das Palmeiras, SP, chegou às portas da morte, atacado de uma nefrite complicadíssima, com nomes difíceis que os médicos lhe deram. Muito sofrimento, muito tratamento,

remédios, cuidados extremos... Tudo inútil. Na Santa Casa de Casa Branca, onde fora internado, foi chamado o sacerdote para administrar-lhe os sacramentos dos enfermos, a fim de confortá-lo naquele difícil transe. O padre, estigmatino, sugeriu o recurso ao Pe. Gaspar. De fato, à presença dos familiares e das Irmãs de Caridade, recitou-se uma oração ao Pe. Gaspar, solicitando a cura, já sem esperanças nos meios humanos. Por duas outras vezes, o sacerdote lá voltou e recitou a mesma oração. Depois disso, o doente percebeu que dentro de si acontecia uma coisa indefinível, esquisita. Julgava que fosse a aproximação da morte. Mas não era. Estava sarando milagrosamente. De repente, sentiu fome e desejou erguer-se da cama. Todos os sinais da doença tinham desaparecido de forma inesperada. Isto sucedeu em 1950. A cura foi devidamente atestada pelos médicos e verificada pelas pessoas presentes, com extrema admiração de todo o mundo.

2 - A Caminho da Canonização.

Em 1899 encerrou-se em Verona o trabalho do Processo informativo Diocesano. Sua finalidade era colher todos os dados possíveis a respeito da fama e da real santidade de Pe. Gaspar Bertoni. Alguns meses antes, como parte do processo, foi aberto o túmulo de Pe. Gaspar, para reconhecimento do corpo do extinto. Na verdade, o corpo estava inteiro e intacto, exceto as pernas, que apresentavam apenas os ossos. Isso tudo, cerca de 45 anos depois de sua morte. Era muita coisa, ainda mais porque ele estava enterrado num lugar úmido, onde devia ter sido fácil a decomposição do cadáver.

Enviado para Roma todo o resultado do Processo Diocesano, o Papa Pio X, que então governava a Igreja, ordenou o início dos debates e estudos para a beatificação de Pe. Gaspar. Era o ano de 1906. A partir desse momento, de acordo com a legislação eclesiástica então vigente, Pe. Gaspar passou a ser honrado com o título de Venerável.

O processo foi continuado com altos e baixos, com avanços e recuos. Em 15 de dezembro de 1966 o Papa Paulo VI autorizou a publicação do decreto que proclamava heróicas as virtudes do Venerável Pe. Gaspar Bertoni. Este ato foi um passo importantíssimo na árdua arrancada para a sua glorificação aqui na Igreja terrestre. Tal decreto reconhece que Pe. Gaspar viveu a vida cristã, praticou as virtudes cristãs de maneira muito acima da comum de todos os demais cristãos; viveu-as de modo extraordinariamente perfeito e exemplar.

Mas a caminhada do Processo ainda não terminou. Prosseguiram exames de provas, debates, documentos, análises minuciosas e severas dos milagres atribuídos a ele. Por fim, a 1.º de novembro de 1975, festa de Todos os Santos, o Sumo Pontífice Paulo VI proclamou bem-aventurado o Pe. Gaspar Bertoni, Fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, em solenidade realizada na Praça de São Pedro, em Roma. Daí por diante, cresceu ainda mais o fervor e a devoção para com o humilde servo de Deus, cristão genuíno, gigante na vivência cristã.

QUINTA PARTE: APÊNDICES

APÊNDICE Nº 1

DATAS MARCANTES NA VIDA DE PADRE GASPAR BERTONI

Nascimento	09 - 10 - 1777
Batismo	10 - 10 - 1777
Ordenação sacerdotal	20 - 09 - 1800
Fundação do primeiro Oratório Mariano	11 - 06 - 1802
Fundação da Congregação	04 - 11 - 1816
Falecimento	12 - 06 - 1853
Proclamado Bem-Aventurado	01 - 11 - 1975
Canonização (dado posterior à obra)	01 - 11 - 1989

APÊNDICE Nº 2

A CONGREGAÇÃO DE PE. GASPAR BERTONI

Quando Pe. Gaspar faleceu, a sua congregação contava com pouquíssimos membros. Apenas sete sacerdotes e quatro irmãos coadjutores. Realmente, era muito pouco para se apresentar como congregação religiosa. Nesse mesmo ano de sua morte, seguiram Pe. Gaspar para o céu um sacerdote e um irmão coadjutor. Resultado: ficaram somente seis padres e três irmãos. Este reduzidíssimo número de elementos tornou praticamente impossível a aprovação da congregação pela Santa Sé. Entretanto, se o homem determina um caminho, Deus pode escolher um outro. Segundo os pareceres oficiais do Vaticano, antes de tudo a congregação devia crescer. Depois, se apresentaria para a aprovação.

Contudo, favorecida claramente pela Providência Divina, a congregação foi aprovada com Decreto de louvor, principalmente por obra do extraordinário bispo de Verona, Dom Riccabona. O decreto traz a data de 16 de abril de 1855. Daí por diante, o instituto de Pe. Gaspar vem-se desenvolvendo e difundindo pelo mundo.

Além de muitas comunidades ativas na Itália, inclusive em Roma, onde se encontra a Casa do Governo Geral do Instituto, contam-se casas no Canadá e nos Estados Unidos. Existem comunidades da congregação na Ásia: Tailândia; na África: Costa do Marfim, África do Sul, Tanzânia. Ultimamente foram fundadas casas na Inglaterra e no Chile.

No Brasil, existem comunidades estigmatinas nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Paraná, Bahia. Também uma comunidade em Brasília. A chegada dos primeiros estigmatinos ao Brasil data de 1910.

A bênção que o Papa Pio IX deu à congregação dizendo "CRESCA O PEQUENO REBANHO", vem-se realizando ao correr do tempo, seja para atender a escolas e à educação da juventude, seja para pregar missões populares, seja para acorrer e difundir o evangelho em territórios de missões, seja enfim onde os bispos precisam de operários para a messe de Cristo e a congregação disponha de elementos para atender às solicitações deles.